

TELMO MÁRIO DORNELLES GOSCH

*Nas Rodilhas  
De Meu  
Lazo*



POEMAS E CONTOS



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Doze braças de comprido,  
Na anca de meu cavalo,  
Não ser ouve um estalido  
Quando laço ou quando pialo.

Uma coruja piava,  
No terreiro o cão gania,  
O jumento se espantava,  
A porta velha rangia,  
De repente tudo calava,  
E o medroso tremia.

Aos fundos uma bailanta,  
Coberta com Santa-Fé,  
Piso de cimento queimado,  
Duas águas – um chalé,  
Gaiteiro e gaita abraçados,  
Animavam o arrasta-pé.

TELMO MÁRIO DORNELLES GOSCH

Nas Rodilhas  
De Meu  
Laço

POEMAS E CONTOS





TELMO MÁRIO DORNELLES GOSCH

*Nas Rodilhas  
De Meu  
Laço*

POEMAS E CONTOS

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
Apoio a Cultura

2019

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4,0 Internacional;**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado por: Nathalia Sabino Ribas

Capa: Pintura em acrílico sobre papel / Clairton Joel da Rosa

G676n Gosch, Telmo Mário Dornelles

Nas rodilhas de meu laço [recurso eletrônico] :  
poemas e contos / Telmo Mário Dornelles Gosch. –  
Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2019.

3,9 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-427-9

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

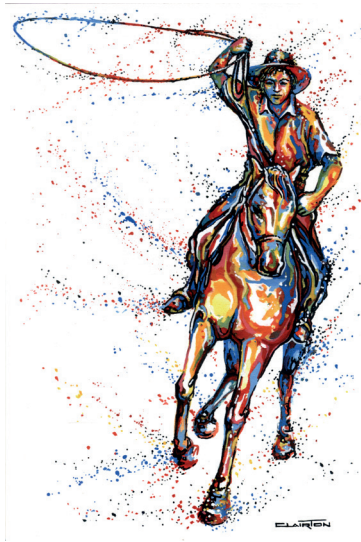
1. Literatura brasileira. 2. Poesia. 3. Contos.  
I. Título.

CDU: 869.0(81)-1/-34

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## CAPA

*Em destaque - pintura em acrílico sobre papel, obra do pintor gaúcho Clairton Joel da Rosa\**

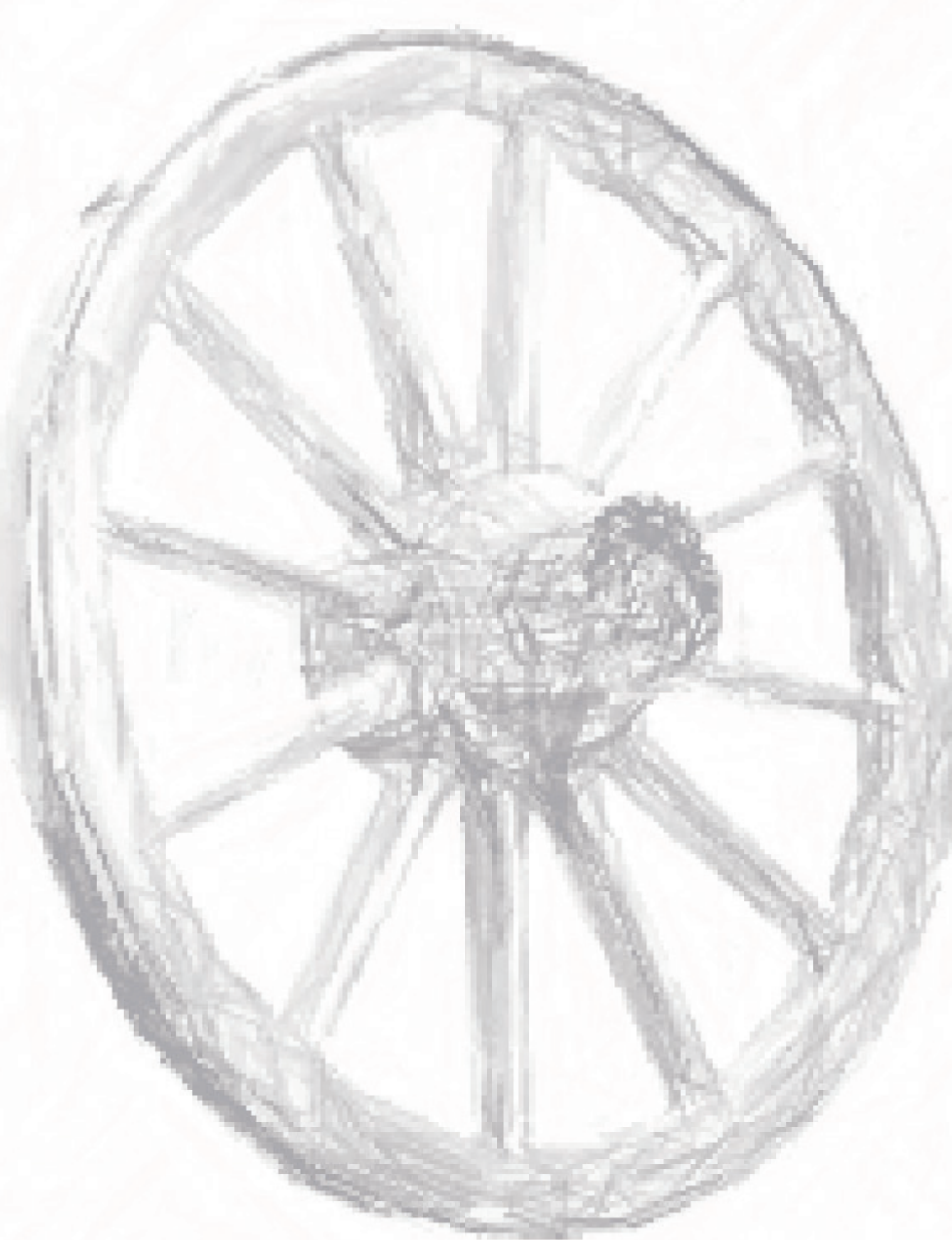


*(\*) Clairton é natural de Cruzeiro do Sul - RS, reside atualmente em Arraial D'Ajuda - Bahia.*

*Contatos:*

*Face book - Clairtonrosa*

*WhatsApp - (75) 9 9106 4321*



WHEEL FROM ANTIQUITY



## Ofereço

*Aos que tem a imaginação das crianças,  
Aos que tem força para trabalhar,  
Aos jovens na adolescência,  
E aos que sabem sonhar,  
A todos que tem paciência,  
E ao velho que sabe amar.*

## Dedico (in memoriam)

*A Elvira Dornelles Gosch, minha mãe,  
Que foi meu começo e meu meio,  
Que me ensinou o valor do trabalho,  
Que encarou a vida com amor e alegria,  
Que seguiu os preceitos de Cristo:  
De repartir o pão e,  
De quem dá aos pobres empresta a Deus.  
Deus a tenha.*

\*.12/10/1922      + 27/11/2017



## Sobre o Autor



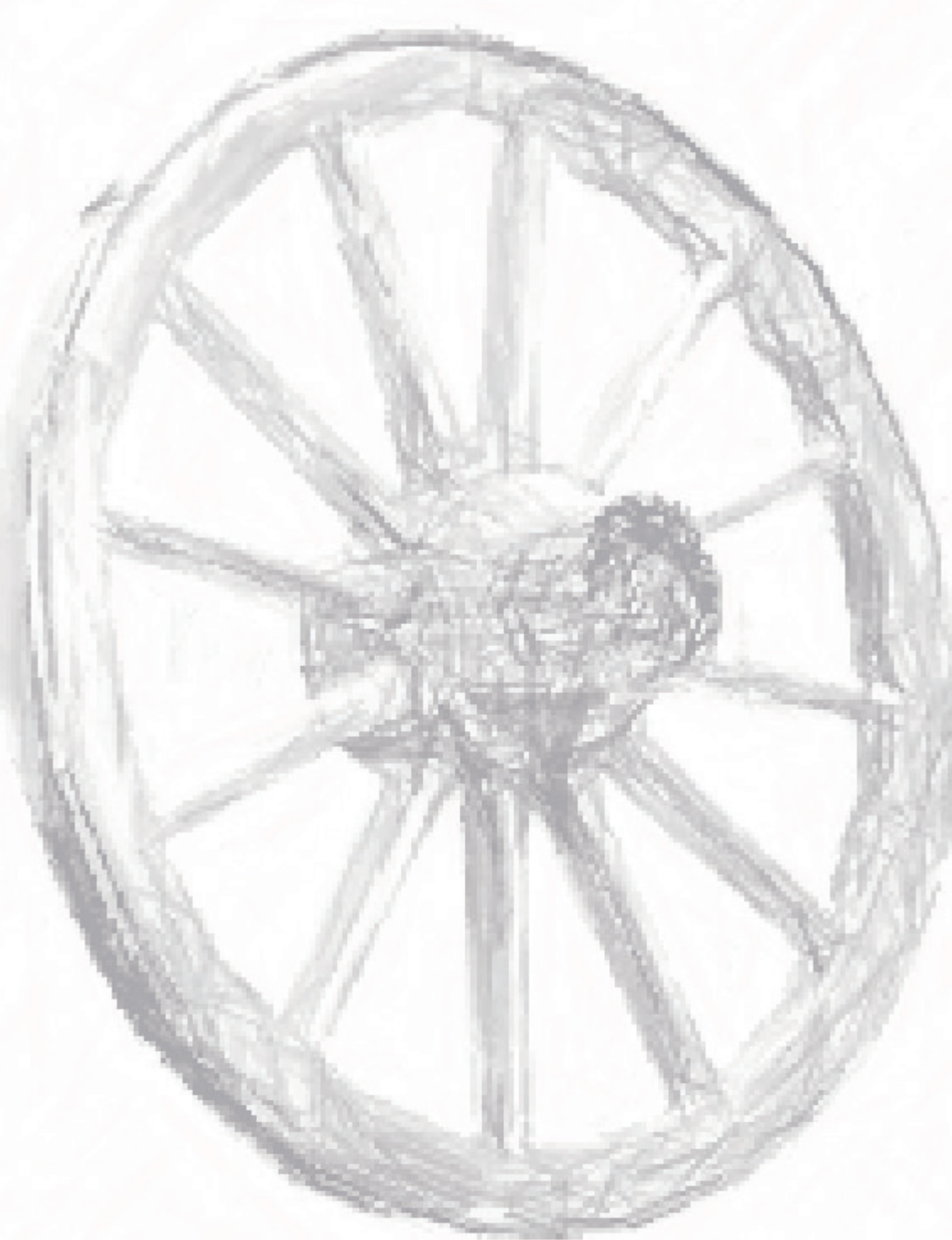
Passofundense, 23/07/1946, Filho do alfaiate João Carlos Moreira Gosch e de Elvira Dornelles Gosch.

Engenheiro Agrônomo formado pela Universidade Federal de Santa Maria, pós-graduado em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Universidade de Passo Fundo.

Reside há mais de 35 anos no antigo norte goiano, hoje Estado do Tocantins, a onde desempenha atividades na agropecuária e no serviço público.

- Deixei meu umbigo e minhas raízes enterrados no Boqueirão. Sou com imenso orgulho gaúcho de nascimento, amor e formação. O Pago habita minha alma, mas sou tocantinense de coração.

Dediquei-me a escrita tardiamente. Escrevo para matar as saudades dos Pagos, pelo prazer do brincar com as letras, palavras e rimas e pelo incentivo que recebo de minha esposa, Margarete de meus filhos, netos e amigos.



WHEEL FROM AN OLD CART

## APRESENTAÇÃO

Nasci num dia frio e chuvoso, na Rua Moron, no coração do Boqueirão. Minha mãe veio para a cidade para ter assistência médica. Pouco adiantou, pois nasci fora de hora, e minha futura madrinha e uma parteira me trouxeram ao mundo.

Criei-me numa fazendola ali no Pinheiro Torto, duas léguas adiante da Capela de São Miguel. Muitas vezes, no mês de setembro, ajudei meus pais e outros devotos a arrumar a igreja e arredores para a grande procissão.

Íamos de vez em quando para a cidade. Mamãe não gostava que papai fosse sozinho para o povoeiro. Era ciumenta, preferia estar sempre com ele. Quando isso era impossível, ela me mandava ir caçar passarinhos, fechava as portas e levava o papai para o quarto. Quando chegava a hora de partir, papai montava na égua castanha de sua preferência, e eu tinha a impressão que ele se sentia leve e tinha um sorriso nos lábios que espalhava o bigode. Beijava mamãe, passava a mão na minha cabeça extraviando meus cabelos e me dizia – Cuide bem de sua mãe!

Na partida, papai fazia sempre uma gauchada; chegava às esporas na égua, que dava umas corcoveadas, dois ou três peidos e saía em disparada, seguida

pela cachorrada. Papai abanava com o chapéu na mão, eu e mamãe de mãos dadas ríamos entrando no galpão.

Quando nos bandeávamos para a cidade, normalmente tínhamos que fazer pouso. Ficávamos nestas ocasiões na Pensão Dona Maria, de propriedade de uma senhora baixusca e gorda conhecida como Maria Roncadeira.

Os causos que adiante vos conto, não sei bem ao certo se os ouvi da boca de algum viajante ou tropeiro que pedia pouso na fazenda onde me criei, ou se os ouvi à noite na cozinha da pensão. O certo é que sempre vejo Dona Maria entreverada em minhas lembranças. Vejo-a sentada numa cadeira de balanço, com a cuia numa de suas mãos e a chaleira na outra, papai numa cadeira cujo assento era em palha de milho trançada e mamãe sobre um pelego, que cobria a ponta de um longo banco. Eu colocava os pés, as pernas e a bunda no restante e a cabeça no colo macio e quente de minha mãe.

Era nessa posição, com olhos curiosos de menino e lutando contra o sono, que eu ouvia Dona Maria, papai, um pensionista ou um passante contarem causos e histórias.

É bom lembrar que naqueles tempos não existia a televisão, rádio poucos o tinham. Assim, as charlas ao redor dos fogões nas noites frias de inverno eram a forma de se passar as horas e de oralmente transmitir informações e ensinamentos.

Ficava eu ali ouvindo. Às vezes, conforme o caso, eu nem piscava. De vez em quando, o sono me pegava, e eu ouvia um pedaço, perdia outro, voltava a ouvir e logo a cochilar de novo. Por esse motivo, ao me lembrar destes contos, existem alguns furos, uns brancos em minha memória, provocados por aquele doce sono de criança e

também pelo meu esquecimento. Enfim passou-se tanto tempo. Hoje tenho os cabelos brancos e a alegria de ter um punhado de netos.

Mas eu não poderia deixar de repassar a vocês tudo o que ouvi, até porque, ao lembrar-me daqueles tempos, sinto o cheiro do café com bolo e na boca o gosto da rapadura.

Sendo assim aqueles furos, aqueles rasgos da memória eu os tenho cerzido com uma agulha fina e transparente e uma tênue linha da marca imaginação.

PS.- Seguem também, alguns poemas que estavam rascunhados em um caderno usado que Dona Maria me deu, numa tarde de chuva, para me entreter, enquanto mamãe e papai faziam compras. Neste caderno, que ainda tenho comigo, estão estes poemas, receitas de tortas e bolos, desenhos de vestidos de noiva, anotações de compras a serem feitas na bodega, uma pequena carta que não foi enviada a algum namorado e os meus rabiscos, rabiscos de uma criança de oito anos.

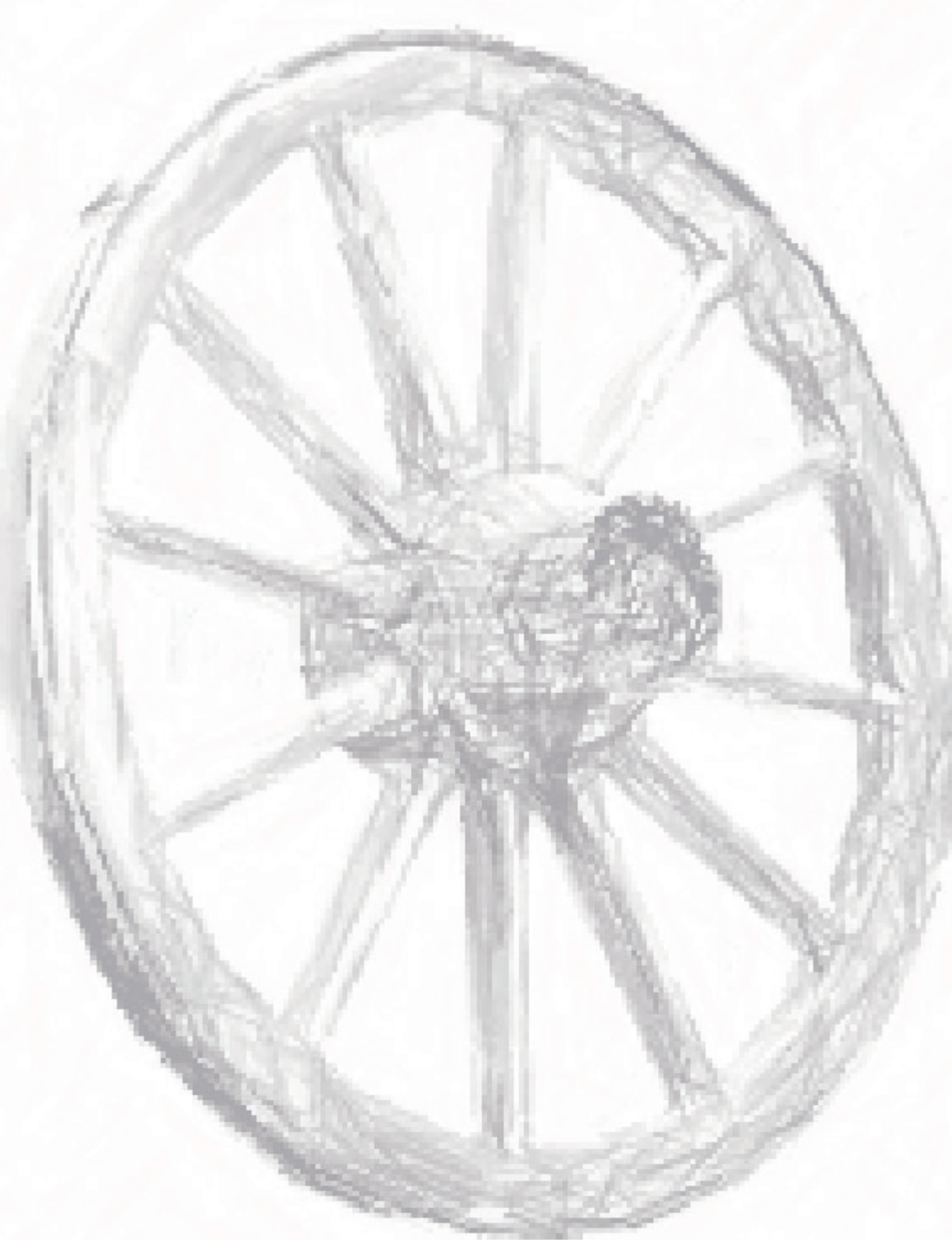






# ÍNDICE

NAS RODILHAS DE MEU LAÇO .....	17
PERFUME DE BERGAMOTAS .....	19
ASSOMBRADO .....	41
UM UNICÓRNIO NAS COXILHAS .....	49
ROSAS PARA O JOCA .....	81
O FACÃO .....	113
CANCHA DE OSSO .....	163
MANGAÇO - Cancha de Osso II .....	171



WHEEL FROM ANTIQUITY

## NAS RODILHAS DE MEU LAÇO

Para fazer-me bueno laço,  
Chamei sinhozinho Maneco,  
Um guasqueiro e seus segredos,  
Lá nos fundos de um boteco.

Juntos escolhemos o couro,  
Queria um laço afamado,  
Lonqueado<sup>1</sup> tal qual tesouro  
De um touro colorado.

Com uma faquinha afiada,  
Três dias depois da cheia,  
Iniciamos a jornada,  
Foram braços de correia.

As tiras foram trançadas,  
O sereno foi a cola,  
Loncas finas bem chinchadas,  
Ponteando prateada argola.

---

<sup>1</sup> Loncas, Lonqueado, Lonquear - Raspar pelo da rês e limpar o couro, sem ofendê-lo, a fim de cortá-lo em tiras finas para trabalhos de trança (laços, rebenques, rédeas).

Doze braças de comprido,  
Na anca de meu cavalo,  
Não se ouve um estalido  
Quando laço ou quando pialo.

Lá no alto das coxilhas,  
Com meu laço de seis tentos,  
Na armada e nas rodilhas,  
Sinto as carícias do vento.

Olho os tentos viajando,  
No reboleio de meu braço,  
Vejo touros se ajoelhando,  
Nas rodilhas de meu laço.

Vindo à noite pelas trilhas,  
Seja aqui, seja acolá,  
Largo o laço das presilhas,  
Pra pega algum Boitatá.

Quando o minuano em rajada  
Traz o perfume das flores,  
Miro por dentro da armada,  
Lembrando os meus amores.

## PERFUME DE BERGAMOTAS

O dia mal tinha clareado e o minuano chegou de rebenque erguido, levantando a geada que se formara na madrugada, e tenho certeza, levantando muita saia e muito vestido no encontro da Rua Morom com a General Netto.

Se fez uma manhã fria, “de renguear cusco”, céu azulado, dia para lagartear ao sol comendo bergamotas.

Almocei, e me sentei num banco forrado com pelegos. O alpendre recebia um sol triste, amarelado, tirei as meias, arregacei a bombacha e deixei o calor acariciar meus pés e minhas canelas. Peguei uma cesta cheia de frutas e me atraquei.

Foi quando, abriram o portão, ouvi as dobradiças rangendo e alguém batendo palmas e gritando – Oh de casa! Oh de casa! Reconheci a voz do vivente e respondi grosso:

- Se acheque, companheiro, venha comer bergamotas e tomar um sol para combater este frio de aleijar paisano<sup>2</sup>.

O Carlito entrou. Em sua frente entrou aquele bigodão grisalho no qual ele por cacoete passava o pente de hora em hora. Para dar vazão a este costume, levava no bolso trazeiro da bombacha, um pente marca flamengo,

---

<sup>2</sup> Paisano – amigo camarada.

seu orgulho, sempre que tirava do bolso e havia espectadores em seu entorno, dobrava o redobrava o pentinho e falava todo satisfeito – É inquebrável. Trajava bombacha carijó, com favos nas laterais, um pala negro sobre camisa branca, lenço vermelho e botas de cano longo. Senti no ar um perfume de sabonete e de água de barba e já fui perguntando, - Banhou cedo, home véio?

- Pois então, hoje não é quarta-feira? Banhei e fiz a barba cedito no mais, água fria de arrepiar.

Sentou num banco, se espreguiçou ao sol, pegou uma bergamota, cheirou, enfiou a unha levantando o sumo. O perfume da fruta se espalhou no ambiente.

Ficamos por uns momentos naquela madorna, em silêncio, só lagarteando, mas logo o Carlito quebrou aquela quietude e foi me indagando:

- Tchê do céu! Vi tua carroça por aí, fazendo frete, com um sujeito desconhecido! Alugou a gaiota? Quem é o guri?

- Mas bah! Deixa eu te contar! Fica aí sentado enquanto eu ajeito um chimarrão e vamos charlar.



O Carlos Pereira é meu vizinho, quase todos o chamam por Carlitos. Já de cabeça branca e curvado pelo tempo, gosta de um bate-papo e de tomar chimarrão, jogar cartas, contar causos antigos de chinaredo e das revoluções. Mente um pouco, mas enfim...

Enquanto a água aquetava iniciamos uma prosa que eu sabia que seria comprida.

- Pois escute vizinho. Dia destes saí para dar uma volta, desanuviar o pensamento, sentei-me lá na praça,

junto ao lago, tinha deixado a gaiota no pátio da Viação Férrea. Tava ali, comendo e jogando pipoca para os pombos, quando o Zeca Carvão, aquele pretinho encapetado, afilhado da Maria Roncadeira, me chamou:

- A madrinha disse para o Senhor passar lá na pensão, logo que puder, inda hoje, assunto de urgência!

- Quem é Maria? E por que Roncadeira?

- Pereira, então você não sabe? Não conhece a Maria, minha comadre! Aquela baixusca, roliça, dona da Pensão Dona Maria. Chamam ela de Roncadeira, pois quando faz a sesta, e é todo o santo dia, ronca e bufa alto, como um trem de carga, subindo a serra de Santa Maria.

Me acheguei lá na pensão, à tardinha, já pensando no prato de comida que certamente ela ia me oferecer, me poupando de atividades na cozinha.

- Buenas, comadre, me chamou, aqui estou!

- Passe aqui pra cozinha, venha conhecer o Juvêncio, meu afilhado.

Me servi de um copo d'água na moringa, que repousa sobre um aparador feito com um cepo de angico, e me acheguei na cozinha. Lá estava o afilhado, um moço que calculei entre vinte e três e vinte e quatro anos, de boa estatura, magro e pálido.

Juvêncio estava sentado junto ao fogão, me deu um aperto de mão enquanto ajeitava o fogo.

A Maria, secando as mãos em um pano de prato alvo e rendado, sentou numa cadeira de balanço coberta com um pelego tingido de um vermelho desbotado puxando para o amarelo, que, observei, combinava com seu cabelo.

- Compadre, o Vêncio, como te falei, é meu afilhado e não vou contigo fazer rodeio. Tava preso, há um bom tempo, por isso tá nesta magreza. Sofreu muito na prisão, pouca comida, pouca higiene e tortura.

O estado físico já melhorou muito, precisava ver como aqui chegou, parecia um cadáver ambulante, um bacalhau. Agora, tá pelinchando.

Chegou faz uma semana, mandei um próprio avisar a família, mãe e irmãos, lá na Bela Vista, devem chegar por estes dias. Você sabe, com estas chuvas e estradas péssimas..., mas pra tudo tem jeito.

Segurei ele aqui, compadre, porque achei que ele precisava passar por uma revisão médica, tomar uns fortificantes, se arribar, se fortalecer. Não é brincado tudo o que passou. Aqui tem assistência, lá naqueles fundos, você já viu!

O moço sorriu do palavreado da Maria, exclamando com respeito - Esta minha madrinha!

- Comadre, como eu posso lhe ajudar?

- Para você me ajudar e ajudar o Vêncio é preciso você conhecer a história dele, pois só assim você ficará tranquilo, sabendo com o que está lidando. Já te adianto: meu afilhado não matou ninguém, pelo menos por ora, bem que tem índio merecendo.

- Carlito Pereira! Fiquei curioso! O gauchinho era um ex-presidiário, sabe lá o que tinha feito! Pera aí Carlito! Me deixa botar esta chaleira no fogo, a água tá ficando fria.

Obedecendo a sua madrinha, o Juvêncio arrastou a cadeira para longe do fogo, me olhou nos olhos, esfregou uma mão na outra, pegou uma palha, alisou com o canivete, começou a picar e desfiar o fumo na palma da mão e passou a me contar:



- Nasci e me criei no campo, no meio de vacas, ovelhas, porcos e principalmente de cavalos. Eu era e sou enfeitado por cavalos, domo e preparo, além de ser bom laçador, enfim sou da lida.

Aos sete anos, deixei a fazenda de meu pai, lá na Bela Vista, para vir estudar. Papai comprou uma casa bem aí na rua de baixo.

Como todo e qualquer menino eu gostava de brincar, jogar bola, bolita, arranca-toco, soltar pandorga<sup>3</sup>, enfim fazer tudo aquilo que um guri nesta idade faz.

Logo me empanei com um piazote, um pouco mais velho, o Arcibaldo. Estudávamos juntos pela manhã e passávamos as tardes brincando pelas ruas e campinhos das redondezas.

O Arcibaldo era filho de militar, sua casa era a extensão do quartel, com os rigores da caserna. O colega vivia em conflito pela dureza com que o pai o tratava.

Certa feita, como ele era rueiro e, às vezes perdia o horário das atividades domésticas, dos estudos, o major, depois de ouvir a mulher, se encanzinou e como castigo o prendeu em casa e o vestiu de mulher com trajes de uma de suas irmãs. Vestido rodado sobre uma bombachinha. Assim, ele não podia sair de casa, ficou dias e dias preso. A partir daí o Arcibaldo repugnava ao ver vestes femininas e tinha certa cisma com as gurias.

Também era nossa colega e às vezes nos reuníamos para estudar a tabuada e fazer alguns escritos a menina Janaína, Nina, que também morava ali na baixada, já pros lados do chafariz.

Nina era uma meninota morena, de cabelos negros, lisos como pedra de sanga, e a cada dia se tornava aos meus olhos linda e de uma simpatia contagiante.

---

3 Bolita – Bola de Gude; Arranca-toco – Brincadeira infantil, quem perde arranca com os dentes pequeno toco enterrado ao chão; Pandorga – Papagaio de papel, pipa.

Ali na baixada, existiam, como existem inda hoje, casas de tolerância, prostíbulos. A guria, filha da Ernestina e neta da famosa Marlene, proxeneta e dona de uma destas casas.

Ernestina é mulher de porte baixo, pele morena e cabelo negro, tem uma mancha cor de vinho no lado esquerdo do rosto, por isso é conhecida por manchada. Mãe solteira, engravidou ainda jovem, nas lides amorosas na casa da mãe. Certamente o senhor já a viu por aí nestas quebradas!

A manchada cuidava muito bem da filha, possuía uma casa ao lado do bordel, mas sem ligação com este, e a Nina ficava lá confinada, proibida de se aproximar daquela pensão de mulheres.

A menina gostava e falava muito do avô, Terêncio Antunes, que volta e meia vinha visitá-la.

Antunes, ex-marido da Marlene, de quem se separara há muitos anos, só visitava a guria, nem se aproximava do bordel.

Soube por conta dos mais antigos que o velho Antunes participou da Revolução de 23, que andou por batalhas e peleias, sob o lenço colorado.

Ele seguiu o clarim e Marlene ficou só, assim como tantas outras.

Uns chimangos descobriram que ela era mulher de maragato. Por vingança e malquerença, numa noite, invadiram a casa e violentaram-na, violentaram também moças e mulheres das redondezas.

Quando voltou para casa, Terêncio ficou sabendo do sucedido, buscou pelos violentadores, descobriu que uns tinham morrido, outros estavam desaparecidos, e alguns se mandaram em direção ao Uruguai. Nunca mais os encontrou.

Aos poucos foi se afastando da Marlene, não aceitava aquela situação. Depois de um tempo de sofrimento e amargura, pegou as trouxas e foi embora. Compreendia que Marlene não era culpada, mas dela se desencantou.

Com as emoções abalada, e a alma ferida, Marlene sabia não ter culpa do acontecido, mas também entendia o sofrimento do Antunes. Depois de um tempo aceitou a separação, tomou então o seu rumo. Sem preparo ou ofício, montou na casa grande por eles construída uma pensão, passou a abrigar mulheres e a explorar a prostituição.

Terêncio, índio duro, gauchão, cultuador das tradições, com fazenda e gadaria nos campos de Nonoai. Só saía de lá para visitar a neta, tinha e continua tendo paixão por Janaína.

- Cortando teu assunto, Vêncio, eu conheço o Antunes não só por minhas visitas a Nonoai, quando mascateava, bem como quando cavalgamos junto, atrás de chimangos.

Mas continue, Juvêncio.

- Estudamos juntos durante seis anos. Quando completei quatorze anos, lendo bem e fazendo as quatro operações, voltei para a fazenda de meu pai e me pus a lidar com o gado e com os cavalos que eu tanto amo.



O Arcibaldo se mudou para o centro da cidade, seu pai tinha sido promovido a tenente-coronel, comandava o quartel e agora podia alugar uma casa melhor.

Nina ficou lá na baixada e continuava os estudos, queria ser professora. Sempre que eu vinha à cidade com meus pais, para vendas, compras ou outras atividades eu chegava para conversar com ela.

Foi ficando moça e a cada dia ficava mais bonita. Com dezesseis anos apresentava corpo de mulher, olhos de jabuticaba, queixo e nariz delicados, sorriso caloroso, lábios vermelhos numa boca carnuda como ameixa recém colhida, contrastando com dentes alvos e cabelos negros azeviche, caídos sobre os ombros.

Tímida e reservada, Nina carregava o peso da profissão da avó e da mãe.

Quando me cheguei aos dezoito anos, reconheci minha paixão por ela.

Naquele inverno meu pai faleceu. Foi nestas alturas que me apresentei no quartel para o serviço militar. Fui dispensado por ser arrimo de família. Tinha que sustentar minha mãe e meus três irmãos mais novos.

No dia em que me apresentei, antes da dispensa, encontrei o Arcibaldo, que estava prestando o serviço militar.

Arcibaldo se tornou um jovem forte. Usava cabelo escovinha, no rosto espinhas, nariz adunco e olhos verdes penetrantes. A farda lhe caía bem e lhe oferecia certo poder. Por influência do pai e por ser soldado velho era cabo e percebi que liderava a soldadesca que lhe rodeava.

Soube nesta charla que ele continuava a amizade com Nina e que a visitava de quando em vez. Pelo seu olhar senti que ele tinha sentimentos e desejos por ela.

Fiquei com um pé atrás com o seu interesse.

Num sábado, vim pra cidade com minhas melhores pilchas e no meu melhor cavalo, fui à casa da guria e a pedi em namoro. Vi a felicidade em seus olhos. Meu amor era correspondido. Estávamos apaixonados.

Lhe prometi casamento, só que tínhamos que esperar, pois com a morte de meu pai, pelo inventário e outros procedimentos legais, eu precisava de um tempo para organizar a família e a propriedade.



Namorávamos há alguns meses quando ela me contou que encontrou o Arcibaldo numa farmácia, ali na Avenida. Ele lhe contou que tinha arranchado e continuava como Cabo, com esperanças de passar a Sargento, e que missões importantes o aguardavam.

Ela percebeu em seu olhar, em seus trejeitos, que ele tinha grande interesse por ela. Aproveitou este momento para deixar tudo às claras, lhe contou então que estava comprometida, que era minha noiva e que casaríamos em breve.

Você sabe, meu amigo, minha madrinha, estávamos e estamos, em plena ditadura, tempos do temor comunista, estado de sítio, direitos civis suspensos, os militares cheios de importância e força. Sargentos e Cabos executores de ordens, liderando grupos de soldados.

- Compadre, a conversa tá boa, mas vamos jantar! Fiz capelete, venham pra mesa, tenho queijo ralado e um vinho de primeira.

Enquanto eu jantava e tomava o bom vinho da comadre, a Maria ficou tagarelando assuntos do dia a dia, até, creio eu, para acalmar o Juvêncio.

Após a janta, já tomando um cafezinho com grapa, o Juvêncio voltou a assuntar:

- Pois, meu amigo, parece que o Arcibaldo esqueceu todo o nosso passado de amizade. Em verdade ele sempre desejou a Nina, e este desejo fez com que ele planejasse o acontecido.

Ele sabia que eu a visitava de quinze em quinze dias, dada às distâncias. Chegava aos sábados à tarde e me retirava à noitinha, dormia aqui na pensão da madrinha; pela manhã, no domingo, íamos à missa, almoçávamos e eu voltava para a fazenda.

Aproveitou-se deste conhecimento e num sábado, por volta das nove horas da noite, quando eu me retirava, a milicada sob seu comando realizou uma batida no bordel.

Ficaram de campana e se acercaram quando eu estava em frente à casa. Uma parte da soldadesca adentrou no prostíbulo, ele e outros, para minha surpresa acusaram-me de desrespeito à autoridade e embriaguez me bateram muito, me algemaram a um poste, me vendaram os olhos e o Arcibaldo invadiu a casa da Nina na tentativa de violentá-la. Eu me desesperiei ouvindo os gritos.

O fato só não se consumou porque Marlene, ouvindo seus gritos e lamentos, acompanhada da Ernestina Manchada e de alguns visitantes do bordel, a socorreu. Marlene impôs a sua autoridade de mulher experiente e de idade, até porque alguns soldados não concordaram com o rumo que tomaram os acontecimentos.

Ainda vendado e com as mãos presas, me colocaram sobre o cavalo, me levaram para um matagal, me deram umas bordoadas no corpo e na cabeça, desmaiei, jogaram cachaça em minhas roupas e me lançaram na margem da sanga, pra baixo do chafariz<sup>4</sup>.

Voltei a mim, machucado, com dores no corpo e na cabeça, peguei o cavalo que pastava ali perto e vim me socorrer aqui na madrinha.

A madrinha me tratou, chamou o Dr. César, que me examinou, me fez curativos, receitou medicamentos e repouso. Eu mal conseguia caminhar.

<sup>4</sup> Fonte de água com tanques utilizadas para lavar roupa

Providenciou, para que o mulato Genuíno, taxista aposentado, me levasse pra fazenda em seu Ford.

Foi também a casa da Manchada e trouxe notícias de que Nina, embora abalada, muito nervosa, estava bem, que eu no momento não me preocupasse com ela e cuidasse de minha saúde.

Mamãe me tratou com sebo de ovelha, sal, vinagre e mastruz<sup>5</sup>. Preocupada com a situação da Nina, e veio para a cidade.

Perdeu a viagem, pois a Ernestina e sua mãe, desassossegadas com a situação, mandaram minha noiva para Nonoai, aos cuidados do avô, afastando-a do problema e lhe dando segurança.

Fiquei desesperado e cada vez mais pensava em vingança, não conseguia conceber que aquele guri que um dia foi meu amigo e colega pudesse me aprontar tal situação.

Por outro lado, pensava numa justificativa, e me vinham à mente os castigos do coronel, quando ele era piazote, vestindo ele de mulher.

Nestes devaneios de vingança e desespero me lembrei de nossos ensaios para a semana da pátria, quando tínhamos treze para quatorze anos. O Arcibaldo já tinha quinze. Tocávamos na banda da escola, todos de uniforme branco, camiseta e calça para os gurus, camiseta e saia para as gurias.

Ensaíamos duro num sábado à tarde. O clima estava quente, e nuvens negras chegaram pelos lados do Boqueirão. O mormaço se transformou em chuva torrencial. Corremos, buscando proteção. Conseguimos abrigo em uma padaria. Estávamos ensopados, arrepiados, gelados, com as roupas coladas ao corpo.

<sup>5</sup> Erva da família das crucíferas, largamente cultivada por suas propriedades terapêuticas. Mestrus.

O tecido molhado destacou nossos corpos, especialmente o das meninas, e principalmente o de Nina. Embora sua meninice, belas coxas se destacaram naquela saia pregueada, e apareceram os seios ainda pequenos, empinados, donde brotavam mamilos, tais quais botões da flor de laranjeira com ânsias de furar o tecido de algodão.

Esta bela visão, do corpo de uma menina que se transformava em mulher, nos deixou, confesso, excitados. O momento passou, assim como passou aquela chuva de verão. Todavia o Arcibaldo não esquecia aquela cena e volta e meia lembrava aquele momento com um estranho brilho no olhar.

Após dez dias de repouso eu caminhava melhor, embora mancando. Voltei ao médico para verificar a minha recuperação, especialmente o pulmão, pois minhas costas foram duramente atingidas por cassetetes e pontapés.

Feita a consulta, seguia eu mancando pela avenida em direção à farmácia do Vasconcelos, quando fui surpreendido por um

Jeep policial, que me levou para a delegacia e fui aí, acusado de praticar o comunismo. Fiquei preso por dois dias e fui enviado para Porto Alegre para interrogatório.

Meu amigo! Para te encurtar o caso, fiquei lá por três anos, quatro meses e cinco dias. Mal alimentado, com higiene precária e nos primeiros tempos com interrogatórios intermináveis. Depois fiquei preso sem nenhum motivo aparente, até que, num belo dia, dias atrás, simplesmente me mandaram embora.

Ao ser anunciada a minha soltura, me confidenciou um dos guardas, gente daqui que mora na capital, que o



coronel, pai do Arcibaldo, tinha morrido, há mais de seis meses, e era ele, que me mantinha preso, por medo de vingança. Com sua morte eu fui libertado.

Não nego que durante todo este tempo, muitas vezes com fome, frio, febre, piolhos e equimoses pelo corpo, o que me manteve alerta foi por um lado a sede de vingança e por outro a saudade dos familiares, da terra, dos cavalos e principalmente da Nina.



- Mas que barbaridade, meu rapaz, isso é o fim do mundo. Lamento muito este acontecimento, lastimo que numa época dessas estejamos vivendo situações de tal calibre.

Eles balançaram a cabeça em sinal de concordância, eu rematei:

- Vocês me chamaram aqui! De que forma eu posso ajudá-los?

O Juvêncio caminhou pela cozinha, jogou o toco do palheiro no fogo, olhou para a sua madrinha e me confidenciou:

- Meu caro amigo, a madrinha falou que o senhor é pessoa de toda a confiança e que, pela amizade que os une, certamente pode me ajudar.

- Sim, meu jovem, pode contar comigo, estou aqui para isso, não se constranja, fale.

- Como lhe disse, eu prometi casamento para Nina. Sou homem de palavra e gosto de cumprir meus compromissos, e o que é mais importante, continuo, embora esta longa ausência pensando, muito nela e com grande esperança de reatarmos.

O Juvêncio foi sentando novamente na cadeira e pôs a cabeça entre as mãos, pensativo, me pareceu envergonhado do que teria que me pedir. Maria, com toda a sua disposição, tomou as rédeas do assunto.

- Compadre, você sabe como é, eu contei para o Vêncio que você foi, e isso não faz muito tempo, mas cate, que andava por este interior vendendo de tudo um pouco, e minha ideia é que você transvestido de mascate, visite a casa da Nina e descubra como ela se sente e como ela encara toda esta situação.

O Juvêncio então voltou a falar, agora mais aliviado com as explicações de sua protetora:

- A madrinha é sabedora, quem sabe o Senhor também, que a Marlene, avó da Nina, faleceu no ano passado. A Ernestina assumiu os negócios e trouxe a Nina de Nonoai, da casa do avô para ajudá-la.

Com os olhos brilhando, úmidos e com a voz embargada, o Juvêncio continuou:

- O que será da Nina! Terá ela diante de tanta desgraça se prostituído? Eu não tenho com enfrentar esta situação, por isso preciso de sua ajuda.



- Entendi, entendi, a ideia da comadre é boa. Tenho ainda muitos materiais guardados, que posso prepará-los para a venda. Vou organizar tudo e vou visitar a casa da Ernestina, tenho que chegar lá quando a Nina estiver, vou averiguar.

- Pois, Carlito, meu amigo, dei uma de detetive, pedi para um sobrinho meu, rapagão desempenado que puxou aqui pelo tio nas campereadas do amor, que fosse à noite na casa da Manchada e verificasse se havia no

meio daquele mulhero, se espalhando no meio da homarada, uma jovem com o nome de Nina.

No outro dia ele me confidenciou que a casa estava cheia, mas que não havia nenhuma garota de nome Jainaína ou Nina trabalhando naquela noite.

Me veio na mente uma preocupação imediata: teria ela agora um nome de guerra? Mas meu sobrinho, esperto como só ele, me tranquilizando, afirmou que uma das percantas, que aqueitou o seu pelego, lhe informou que uma moça chamada Nina, filha da dona, trabalhava pela manhã.

Foi uma informação de alívio e valiosa, pois eu poderia ajeitar minhas mercadorias na carroça e visitá-la de manhazinha. Certamente há encontraria sozinha, já que neste horário o mulhero deveria estar na cama, curando a ressaca da noite anterior. Como você sabe, o chinaredo gosta de dormir até tarde. Oh! Vida boa...

- Chega de chimarrão! Vou pegar uma cachaça com butiá e botar uma carne no fogo. Você janta comigo Pereira?

- Sim, vizinho! Traga a pinga e continue o caso, estou curioso!



- De manhãzinha, já com as tralhas ajeitadas na carroça, desci pras ruas de baixo puxando o cavalo, me fui devagarito como faz um bom mascate, batendo um sininho anunciando minha passagem. Pois não é! Já que tava na lida, podia surgir algum negócio rendoso nesta minha andança.

No caminho eu ia olhando todo aquele casario, muitos cobertos de telhas, alguns cobertos de tabuinha,

o calor do sol ia levantando devagarzinho em nuvens de umidade o sereno da madrugada.

Inda que fosse cedo, num boteco da esquina, um grupo de “boêmios” levantava copos de pinga e cerveja, entre eles o João Galinha. Bêbado como sempre, me perguntou num repente.

- Aonde vai esta hora, amigo véio?

Ao que respondi, sem pensar:

- Vou ali, na casa da Ernestina Manchada, fazer uns negócios.

Ele riu, e os outros riram com voz engolesmada<sup>6</sup>:

- Mas isso é hora de ir à casa de puta?

Pus a mão na testa, em continência, dando adeus àqueles borrachos, e segui meu caminho. Logo adiante na esquina estava em atividade a lenharia do João Minhoca, carroças estavam perfiladas carregando lenha para o fogão da freguesia.

Andei um pouco mais e passei pela leitaria do Hermenegildo da Tita, três vacas raçadas saíam com aquela calma bovina, e uma mula com uma mala de garupa feita de sacos de farinha estava carregada com litros de leite, que o nego Bento ia distribuir por aquelas bandas.

E assim me fui e cheguei batendo o cincerro em frente à casa da Manchada.



Bati palmas, um cachorro latiu, insisti nas palmas, voltei a bater meu sino, o cachorro latiu de novo, até que uma moça morena de uma beleza singular, vestida com roupas simples, tendo na mão um caderno e uma lapiseira, entreabriu a porta.

- Pois não, senhor em que posso servi-lo?

- Senhorita, gostaria de lhe mostrar minhas mercadorias, tecidos, roupas de cama e banho, utensílios domésticos, tudo num preço muito convidativo, barato, de qualidade...

Ela me olhou por alguns instantes, eu senti que ela ia me dispensar.

- Moça! Vim aqui só para mostrar meus produtos, quem recomendou foi o Antunes, isso há muito tempo. Disse-me que neste endereço mora uma neta chamada Nina.

- O senhor conhece o Antunes, donde?

- Por correrias e peleias que fizemos antigamente por aí e por vender a ele, tempos atrás, meus produtos, quando passava por Nonoai.

Ela deu um sorriso, acabou de abrir a porta e disse com muita simpatia: se achegue, eu sou a Nina, e o Antunes é meu avô.

- Entrei, Pereira! Fazia muito tempo que não entrava num puteiro, se por um lado senti o perfume de mulheres, por outro senti no ar aquela inhaca de cigarro e o cheiro azedo de cerveja dormida. É verdade que já havia uma senhora fazendo a limpeza, e na vitrola Silvio Caldas cantava a Deusa da Minha Rua.

A deusa da minha rua,  
Tem os olhos onde a lua  
Costuma se embriagar.

Coloquei minhas malas no meio de uma das salas, sobre um tapete vermelho, salpicado de pontos pretos. Na parede, em um quadro emoldurado de branco, a figu-

ra de um cavaleiro oferecendo flores a uma dama. Pedi licença e fui expondo as mercadorias sobre um sofá de veludo, amplo, na cor vinho, com marcas de ponta de cigarro. Fui detalhando os produtos com calma, precisava de tempo e ser simpático para ganhar sua confiança, entrar no assunto e me enfronhar da situação.

Mostrei isso, mostrei aquilo, comentei a qualidade, as cores firmes, o preço baixo. Quando ofereci a ela alguns tecidos e argumentei que seriam ótimos para compor enxoval, ela para minha surpresa falou:

- Eu tenho interesse nestes tecidos e em outros produtos para enxoval.

- Ótimo! Estes não são de seu agrado?

- São muito bonitos e tenho interesse dependendo do preço. O senhor parece estranhar eu estar interessada em produtos de enxoval? Veja bem, embora eu esteja no momento trabalhando nesta pensão de mulheres, que foi de minha avó e que hoje pertence à minha mãe, estou com meu enxoval em andamento. Eu não sou deste meio, estou aqui ajudando minha mãe até que ela encontre um comprador para este estabelecimento.

Parou um pouco como a pensar e continuou, como se estivesse fazendo um desabafo:

- Esta casa é difícil de vender, só para alguém que queira continuar no ramo. Temos hoje uma compradora em vista, a dona Marieta. É praticamente impossível vender para uma família, pois a fama do local espanta qualquer interessado, embora a casa seja ampla, com bom terreno e muito bem construída.

Minha avó faleceu, minha mãe está envelhecida, não consegue gerenciar tudo sozinha, então eu pela manhã, comando as limpezas, faço compras, consertos, cuido de tudo, enquanto ela descansa.

Se o senhor tivesse falado com meu avô, Antunes, recentemente, saberia que sou noiva e que estou aguardando a justiça libertar meu noivo, que é inocente, de uma prisão em Porto Alegre.

- Olhe, moça, eu fiquei sabendo de seu drama, isso não chega a ser segredo, e do seu sofrimento promovido por um desclassificado como o Arcibaldo.

Não me leve a mal, se não quiser não precisa falar, mas o que é feito do Arcibaldo.

Eu precisava fazer esta pergunta, pois o Vêncio carregava na alma o gosto amargo da vingança.

- Mas então o senhor não sabe?

O Arcibaldo, no fundo, era um doente mental, protegido pelo pai, que o manteve no serviço militar enquanto viveu. Com a morte do coronel, o novo comando o dispensou, deu baixa como cabo.

Ele, sem a proteção paterna e sem os milicos para protegê-lo em suas malquerenças, continuou nas sombras a perseguir mulheres de todas as idades com a intenção e mesmo concretizando suas taras sexuais.

Meu avô, o senhor conhece a história, tem um trauma com este tipo de indivíduo. Depois que ele me atacou, vovô Francisco encarregou uns amigos de sua confiança para que ficassem de olho no perverso.

No final do ano passado ele atacou uma menina, ali pros rumos do Mato do Barrão. Familiares acudiram a menina e quiseram linchar o Arcibaldo. Chamaram os "home", e ele foi preso.

Este fato chegou aos ouvidos de meu avô, foi nos dias da morte de minha avó. Eu estava retornando para ajudar minha mãe.

Vovô temia que ele fosse solto e voltasse a me perseguir, tomou então suas providências...

Lhe conto os detalhes, pois o senhor foi companheiro e andou pelas coxilhas com o Tenente Antunes e, certamente, há entre vocês um pacto de confiança e fidelidade.

- Pode falar, moça, tenha em mim a confiança que eu tenho no seu avô.

- A fuga foi facilitada. Familiares ultrajados, previamente avisados, o esperavam. Dias depois encontraram o Arcibaldo morto a pauladas no fundo de uma vala.

Veja o Senhor, o Arcibaldo que foi meu colega e amigo de infância, causou-nos tanta dor, conseguiu inclusive a injusta e traiçoeira prisão de meu noivo e com sua loucura encontrou a morte.

- Carlito, eu estava aliviado e feliz com as informações obtidas. Sabia que agora tudo ia entrar nos eixos. Dei um desconto polpudo em algumas peças que ela comprou.

Fechei as malas e ela me convidou para um chá de capim-santo com bolachas de nata. Nesta conversa ela me confidenciou seus sonhos, seus desejos:

- Assim que mamãe vender esta propriedade, eu vou reiniciar meus estudos, quero ser professora. Tenho certeza que meu noivo vai ser libertado. Lá na Bela Vista deve haver alguma escola para eu lecionar e ensinar a gurizada, se não tiver serve para eu ensinar meus filhos.

Agradei por toda a sua atenção, me despedi e subi feliz por aquelas ruas, carregando no peito a alegria do dever cumprido e a grata sensação de ter ajudado um jovem casal apaixonado e uma comadre que é minha amiga.



Naquela noite me fui até a pensão na esperança de ser recebido com um bom café, com pão caseiro, salame e manteiga. Cheguei sorrindo, abracei a comadre e apertei a mão do Juvêncio. Não resisti e lhe dei um abraço.

Narrei tudo, tim-tim por tim-tim. À medida que eu contava via alívio em seus semblantes e sorrisos de felicidade em suas faces. O Vêncio suspirou, um suspiro vindo do fundo da alma, e me agradeceu com lágrimas nos olhos.



Pois então Carlito Pereira, o moço que viste em minha gaiota é o Juvêncio, que está carregando alguns tarecos para mobiliar a casa em que vai morar com a Janaína até ela completar o normal. Depois se mudam lá pra Bela Vista. Anda feliz por aí, correndo com a gaiota, chega a ir em pé com o rebenque erguido. Oiga lê, tchê.

Me passa a pinga! Eu já fui convidado para ser padrinho do casamento e vou levar você comigo nesta festa.

Vem pra dentro, Carlito! Vamo se aquestrar no fogão, e terminar de preparar a janta...



## ASSOMBRADO

- A casa não era pintada,  
Era uma casa grosseira,  
Ficava fora de estrada,  
Ornada por bela floreira,  
À frente malhava a vacada  
A sombra de grande figueira.

Afastada da cidade,  
De gado era o trieiro,  
Moravam ali a Piedade  
E o Alberto Carreiro,  
Ela era a hospitalidade,  
Ele um perito campeiro.

Nesta estrutura simplória,  
Chico Prieto ali pousou,  
Contava suas histórias  
Do agora e do que passou,  
Gabava a sua valentia  
E as peleias que enfrentou.

Andava o Prieto pelo mundo,  
Com o seu jeito manhoso,  
Um típico vagamundo,  
Esperto e astucioso,  
Conhecido em Passo Fundo  
Como Chico mentiroso.

A alegria era aparente,  
Neste local isolado,  
Era um tranquilo ambiente,  
Até por ser descampado,  
Mas assustava os viventes,  
Por ter fama de assombrado.

Chico Prieto, andarilho,  
Dormia sobre um estrado,  
Colchão de palha de milho,  
Deitava refestelado,  
O pó dava um garrotinho<sup>7</sup>,  
Passava a noite acordado.

Toda noite acontecia,  
Ficava ele temeroso,  
Uma panela batia  
Num ambiente ruidoso,  
Uma tampa então caía,  
Assustando o medroso.

Uma coruja piava,  
No terreiro o cão gania,  
O jumento se espantava,  
A porta velha rangia,  
De repente tudo calava,  
E o medroso tremia.

Comentou com o Alberto,  
Ao chegar da claridade:  
- A noite nada fica quieto,  
Assombros em quantidade!  
- Não se amofine, Prieto!  
- São os gatos da Piedade!

Implorou pela verdade,  
Com a cara preocupada:  
- Diga-me por caridade,  
- Aqui tem alma penada!  
- Repito, com sinceridade,  
São os gatos da Piedade!

Veio um tempo nevoento,  
E a desgraça aconteceu,  
Naquele dia cinzento,  
A Piedade sofreu,  
Num infarto violento,  
O bom Alberto morreu.

A dor era um espinho,  
Naquele triste momento,  
Nas léguas de seu caminho,  
Piedade e o seu lamento,  
Informou ao Chico, vizinho,  
Do óbito, do falecimento.

- Vá velar meu velho Alberto!  
Compadre Chico, meu caro,  
Vou avisar a vizinhança,  
Preciso de teu amparo,  
Tenho em ti grande confiança,  
Siga enquanto o dia é claro.

E o Chico pegou a picada,  
No bernal, um maço de velas,  
Chegou era noite calada,  
Devagar, com muita cautela,  
Ouviu abafada risada  
E um chiado na janela.

A nuca toda eriçou,  
Naquele lugar deserto,  
O coração palpitou,  
Um pássaro piou ali perto,  
Baixinho alguém falou:  
- Vem por aqui, meu Alberto!

Embora suando frio,  
Sentia estranho calor,  
As sombras no casario  
Aumentavam seu pavor,  
Ele ouviu num arrepio,  
- Albertinho, meu amor!

Correu para o descampado,  
Pálido, ansioso, ofegante,  
Com olhos arregalados,  
Ouvindo as vozes, distante,  
Parou... E voltou assombrado,  
Com um andar cambaleante.

Num impulso de macheza,  
No rancho ele foi entrando,  
Sobre um banco de madeira,  
O rádio estava tocando,  
E uma preta cafeteira  
No fogão tava chiando.



O rádio ficou mirando,  
Na noite em sua friagem,  
Viu quem era o proseador  
Da radionovela, a mensagem,  
Na voz de famoso ator,  
Albertinho era o personagem.

Mamãe Dolores chorava,  
Por Alberto Limonta sofrer,  
Chico acendeu uma vela  
Para aos céus agradecer,  
Tremia ouvindo a novela  
O Direito de Nascer.

Tomou água com açúcar  
Pra passar a tremedeira,  
Junto ao morto foi sentar,  
Tirando um santo da carteira,  
Pôs-se o terço a rezar,  
Como velha carpideira.

Alberto não podia falar,  
Mas tinha um semblante ardiloso,  
O compadre que foi lhe velar  
Era um covarde - medroso,  
Vantagens ele ia contar...  
Pois o Chico... Era um mentiroso.

Poema inspirado em caso contado por Salomão Pereira Leite

## UM UNICÓRNIÓ NAS COXILHAS

Era sábado, dia abafado, olhei pros lados do chovedor e vi nuvens se levantando, escuras, pesadas, prometendo chuva para o final da tarde.

Pra combater um tempo assim o melhor é procurar trabalho, e foi o que minha esposa fez. Resolveu fazer uma limpeza no quarto que tinha sido de meu pai e que fora de meu avô. Convidou para a lida uma das netas, a mais velha, que estava por ali; os outros netos estavam andando a cavalo ou banhando no açude.

Este quarto de que vos falo é hoje de muito pouco uso, tornou-se um depósito de quinquilharias, de objetos pouco usados, quase um despejo.

As duas se animaram, muniram-se de vassouras, panos, baldes, sabão, espanador, aqueles utensílios que as mulheres utilizam numa faxina regrada. E se foram às lidas, arruma daqui, organiza dali isso bota fora porque não serve mais, isso ainda dá pra consertar...

Já no encerramento das atividades, levei um chirmarrão para minha esposa e ficamos conversando e olhando nossa neta ultimar a organização de uma velha cômoda de seis gavetas, em imbuia, que devia estar naquele local há muitos e muitos anos.

Quando abriu a última gaveta, pesada e emperrada pelos anos, encontrou dentro dela uma caixa, feita

em madeira de pinho, que tinha gravada na tampa as letras A.G., iniciais do nome de meu avô.

No interior da caixa havia coisas inusitadas: um lenço colorado, um isqueiro feito de chifre, uma adaga, um osso de garrão coberto de metal tanto no culo como na suerte, preparado para o jogo de osso, uma bomba de chimarrão com bocal em ouro, fotografias, três patações, uma fivela de prata e, no interior de uma pequena bolsa tricotada em lã de ovelha, uma caderneta na qual estava registrado a lápis o que lemos e que vos conto:

Tudo o que passo a descrever me foi contado por meu pai, pouco antes de sua morte. Contou-me num particular, à beira de um fogo de chão, enrolado em um cobertor. O frio daquela noite era de renguear cusco<sup>8</sup>.

Entregou-me esta bolsinha e pediu-me que a mantivesse guardada, disse-me que dentro dela tinha morado um amuleto poderoso. Alertou que a relíquia ali guardada por algum tempo tinha deixado impresso naquele pequeno invólucro o seu poder.

Entregou-me esta bolsinha e pediu-me que a mantivesse guardada, disse-me que dentro dela tinha morado um amuleto poderoso. Alertou que a relíquia ali guardada por algum tempo tinha deixado impresso naquele pequeno invólucro o seu poder.

É sabido que a lã possui eletricidade, e ele tinha a certeza, de que o poder do talismã tinha sido captado pela bolsa e que era dela que vinha a paz, a felicidade e a riqueza da família.

- Vejam que hoje temos mais de mil quadras de campo cobertas de bovinos, com agricultura solidificada, e quando papai, seu avô, recebeu este amuleto, estas terras eram apenas cinco colônias compradas com muito suor e sacrifício.

<sup>8</sup> cachorro

Quase tudo o que te conto meu filho, me foi narrado, dias antes de sua morte, por Felipe Amaral, Coronel Felipe, ou simplesmente Felipão, lindeiro destas terras por longo tempo. Outros detalhes me foram narrados pelo mascate Zeca, além de fatos que eu mesmo presenciei.

Naquele tempo cortava estas terras como corta ainda hoje a estrada de ferro, levando gente e produtos de um lugar para outro.

Andava por estes sertões um circo famoso, que, além de possuir uma trupe admirável, possuía um zoológico com animais para a visitaçãõ pública e que se apresentavam nos espetáculos. Eram bichos treinados e treinados com muito carinho.

Um dos animais que percorria este mundo de meu Deus junto com o circo, há muitos e muitos anos, era o cavalo Jumbo, raça Percherão, trazido da França, forte e pesado, com pelagem alazã em tom ouro avermelhado. Jumbo não era um artista, mas um cavalo de serviço que ajudava na montagem do circo, na traçãõ das jaulas dos felinos, enfim, em todos os trabalhos que exigiam força.

Tracionava aquelas jaulas há tantos e tantos anos que os felinos o aceitavam, e quem melhor observasse veria que nutriam estranha amizade por ele.

Outro animal famoso era a égua Matilde, esta, sim artista, pois participava do show, carregando nas costas, em pé, a domadora e um macaco endiabrado, ou melhor, um chimpanzé, natural da Tanzânia, que subia e descia de seu lombo durante toda a apresentaçãõ. Matilde era um belo exemplar da nobre raça Árabe, elegante, graciosa, inteligente, tordilha clara com incrível predominância branca, que à luz do sol parecia um campo coberto de geada.

O chimpanzé de pelagem preta brilhante, apelidado de Zezé, pesava quarenta quilos e tinha setenta centímetros de altura.

Mas os anos tinham se passado, e o Jumbo, estava velho, cansado.

Os proprietários do circo resolveram que era hora de aposentá-lo, ou quem sabe sacrificá-lo, oferecendo a carne aos animais carnívoros, leões, tigres e hienas.

Entenderam, no entanto, que seria uma maldade abate-lo e, em agradecimento pelos serviços prestados, resolveram que na primeira oportunidade o largariam em algum campo aberto. Assim ele estaria livre, e os proprietários do circo não teriam despesas para mantê-lo.

Nesta mesma reunião, foi discutido o caso da égua Matilde, uma égua de valor, de renome, mas que tinha sofrido um acidente. Outra jovem fêmea tinha lhe dado um coice, acertando-a no olho esquerdo, que tinha vazado. A Matilde, além da idade, estava agora cega de um olho. Ela não podia mais participar dos espetáculos, não seria conveniente apresentar ao público um animal naquela situação.

Resolveram que ela teria o mesmo destino de Jumbo.

Papai contava que diariamente ouvia, através do vento, o resfolegar do trem cruzando as coxilhas pra lá da sanga e que teve um em dia especial em que sentiram que o trem parou. Ouviram nesta ocasião o urro de animais selvagens, e, depois de um curto tempo, o trem guinchando seguiu viagem.

- Hoje eu sei que foi neste dia que largaram naquelas paragens o Jumbo e a Matilde. Sei também que no momento em que se desfizeram dos animais, o macaco Zezé, sapeca como era, deu um jeito e fugiu no lombo da égua, sua amiga.

Estavam eles nos campos do Felipe Amaral, índio vago, solteirão, amargo como o próprio nome, vizinho de difícil convivência, avarento, veterano da Revolução.

Quem o conhecera na juventude e hoje o via não reconhecia o Amaral de antanho. Aquele tinha sido um moço alegre, apetrechado, de boa estampa, namorador, violeiro e boêmio.

Na Revolução, onde ganhou por bravura o posto de coronel, as peleias, as noites mal dormidas, o ambiente de dor e desespero, a espera e a tensão de encontrar o inimigo o transformaram. Aquele moço afável se transformou num temido degolador, seviciador e estuprador.

Levava para os campos de batalha a fama de matador frio; os inimigos o conheciam, o temiam e tinham sede de matá-lo.

Na última batalha em que participou, quando peleava, dentro de um acampamento que tinham assaltado, ele foi derrubado do cavalo, tendo o lado esquerdo do corpo preso contra um braseiro, fogo de chão. Teve a parte superior do braço, o ombro, o pescoço e o rosto queimados. O olho ficou branco pelo calor e a boca sofreu uma espécie de espasmo e ficou torta. Salvou-se da morte, quando o comandante inimigo viu suas divisas e, por ética e respeito ao chefe rival, mandou que o cabo que o mantinha contra o braseiro o soltasse. O cabo protestou:

- É o degolador! O estuprador!

O comandante respondeu com firmeza:

- Deixa-o ir, ele está para todo o sempre marcado, ele merece o destino que vai enfrentar, sofrerá todo dia, só descansará com a morte.

O Amaral fugiu engarupado no cavalo do Serafim, ordenança, que também estava ferido.

O comandante estava certo, restou um rosto desfigurado, que ele cobria sistematicamente com o chapéu, embaixo do qual ele prendia um pano de algodão que cobria todo o lado esquerdo da face. Pelo canto torto da boca escorria, conforme seu humor, um fio de saliva, uma baba, o que lhe obrigava a usar sistematicamente um lenço no bolso da bombacha. Esta deformação motivava o seu andar solitário, a sua amargura, sua solteirice e o morar recantado naquele canto esquecido do Rio Grande.

Embora esse flagelo, Amaral era um índio abonado, possuindo bens e dinheiro. Quis o destino que, quando se curou dos ferimentos que o marcaram pela vida afóra e se preparava para procurar emprego como campeiro, foi surpreendido com uma herança. Herança esta vinda de Portugal, de seu avô, do qual era o único neto de um único filho.

A moeda que chegou lhe possibilitou a compra dos campos nos quais vivia, selecionando uma gadaria de qualidade e os cavalos que eram a sua vida e o seu prazer.

Os recursos deram-lhe ainda a oportunidade de adquirir uma gleba de terras na cidade, onde construiu casas em madeira de pinho, cobertas com tabuinha e pintadas a cal. Estas casas simples ele alugava com mão de ferro, não aceitava atraso de aluguel. Somente famílias pobres se sujeitavam a morar em um local distante e em casas de mínimo conforto.

Realizava a cobrança mensalmente, com seu estranho aspecto e com a fama de ex-revolucionário, degolador e assassino. Assustava mulheres e crianças e era temido pelos homens, que, muitas vezes, enfrentando a doença ou a falta de alimentos, davam um jeito de pagá-lo, pois quem não o fizesse seria forçosamente despejado e com certeza algum bem seria retido em pagamento.



Não convinha deixá-lo nervoso, pois, então, “Adeus Tia Chica”. Se isso acontecesse, ele, na companhia de seu peão, antigo ordenança e guarda-costas, Serafim, daria uma tunda, uma surra, inesquecível de mango, de relho, no atrevido.

O Serafim era um negro-aço, corpulento e branquelo como todo o negro-aço é. Por sua tez estranhamente branca e cabelos amarelados era chamado por muitos de Galego. Tinha fugido para o Paraná por malquerença com uma moça e estava jurado de morte pelos familiares dela. No Paraná assassinou, roubou e se tornou fugitivo da justiça. Voltou aos pagos e, não tendo outra opção, se juntou às tropas como ordenança do Coronel Amaral.

Passado o bochincho, ganhou um rancho nas terras do Felipão, passou a morar naqueles fundos e a realizar todo tipo de trabalho que o Amaral determinasse.

Mas querer fazer um ladrão fiel é tolice, e o Serafim roubava o Amaral, sempre que podia. Roubava uma vaca aqui, uma novilha ali, sacos de milho, de arroz e feijão, um porco, uma ovelha.... Se o Felipão não ficasse esperto até na cobrança dos aluguéis ele ficava com algum. Sujitava-se a ficar ali, obedecendo às ordens mal-humoradas do patrão, sempre roubando um pouco, mas na grande esperança de um dia descobrir onde o coronel escondia suas riquezas...

Mas o coronel conhecia sua tropa e conhecia muito bem o Serafim.... Relevava alguns roubos para não ficar definitivamente só naqueles campos.

O Felipão era um sovina, um “pão-duro” agarrado aos bens materiais; àquele que não comia um ovo para não ter de jogar a casca fora. Comia mal, vestia mal, suas bombachas possuíam remendo sobre remendo, e as cores já tinham se perdido no tempo. Não possuía contas em banco e o dinheiro que conseguia, e era muito, juntava e escondia em locais que só ele sabia.

Ele tinha defeitos, mas é bom que se diga que tinha um jeito especial com os animais, especialmente cavalos. Criava muitos e os domava com perícia e precisão e os comercializava para toda a região. Era famoso por esta habilidade, e a gauchada da região falava de “boca cheia”, com gosto, quando possuía um cavalo do Amaral.

Em verdade as únicas pessoas que ele visitava éramos nós, seus vizinhos mais próximos. Afirmava sermos a sua única família, já que não possuía ascendentes, descendentes ou irmãos. Sempre que ele tinha algum problema, não financeiro, pois tinha muito dinheiro, mas de saúde ou mesmo a precisão de opinião sobre algum negócio ou de uma ajuda na roça ou no manejo do gado, era aqui que ele se achegava.

Como era muito sozinho, de vez em quando passava para uma charla e para tomar um mate. Em alguns fins de semana o convidávamos para churrasquear. Sabíamos que ele comia mal, e nestas ocasiões ele tirava a barriga da miséria e passava as tardes nos contando causos de antigamente e jogando escova, adorava jogar cartas.

É bom que se diga que depois do acontecido, de seu infortúnio, ele nunca mais bebeu, tinha medo de seus instintos. Assim, enquanto eu tomava minha pinga e almoçava com um bom vinho ele aceitava uma limonada feita por minha esposa. Se lhe oferecíamos bebida ele dizia – Melhor não, eu me conheço e quero conservar a nossa amizade, vocês são a minha família.

Certa feita, num inverno daqueles, pegou uma gripe das brabas que se transformou numa pneumonia. Busquei na cidade médico para tratar do vivente e a minha esposa lhe enviava diariamente, pela gurizada, sopas e outros alimentos para a sua recuperação. Até com um cobertor feito de lã de ovelha trançada lhe presenteamos, pois, o frio

era grande e o indivíduo na sua sovínice, não possuía uns trens de cama adequados diante de sua doença.

Quando curou, ficou agradecido e num sábado à tarde me presenteou com um cavalo famoso de sua cria.



O Jumbo, a Matilde e o Zezé andaram extraviados por aquelas coxilhas, canhadas, matas e tremendais. Matilde estava prenha quando eles vislumbraram ao longe um rancho, a fumaça saindo pela chaminé. Como eram acostumados com o bicho homem, se aproximaram saudosos de uma ração e do calor de um abrigo. O inverno tinha chegado e era dos brabos.

O Amaral estava na lida e ao longe viu a aproximação dos animais. Como era jeitoso, apanhou no galpão uma cabaça com milho e os esperou. Eles entraram no mangueiro, devagarinho, cheirando, deram pequenos relinchos ao sentirem a presença de outros animais no galpão. O Zezé pulou do lombo da Matilde para um moirão e dali pulou para cima do telhado.

Devagarito o Coronel se aproximou, oferecendo-lhes o milho na cabaça. Passou-lhes a mão na cabeça, no lombo, na anca, acarinhou lhes e verificou que tanto Jumbo quanto Matilde possuíam ao redor do pescoço uma coleira com uma medalha, onde estava gravado “Circo Real”.

Ficou muito feliz quando reconheceu a qualidade racial dos animais com a expectativa do nascimento da cria, que com certeza carregaria aquele sangue invejável. Colocou-os em baias individuais, para melhor alimentá-los e protege-los do frio. Matilde passou a receber ração extra, pois estava em final de gestação.

O Amaral, que tinha lá seus sistemas, descobriu na vila que o Circo Real estava armado na capital. Através de um paisano<sup>9</sup> que ia a Porto Alegre, fez contato com os proprietários, pois não queria ficar com animais extraviados em sua propriedade. No retorno o amigo lhe tranquilizou e lhe contou que os animais foram abandonados à sorte por velhice e defeito, no caso, o olho vazado da égua. Informou-lhe o nome dos animais e que o único fugitivo era em realidade o macaco Zezé.

Passados sessenta dias, o Jumbo, aquerenciado e pelinchado, ajudava nas lidas da fazenda. A égua era mantida nas baias aguardando a partição. Numa sexta-feira fria de agosto, em parto difícil, nasceu um belo e estranho potro, pelagem branca como a neve, cabeça vermelha, olhos azulados e uma cola rala. O Amaral ajudou a Matilde na partição. Quer pela idade da égua, quer pelo tamanho da cria, a Matilde não aguentou e, pouco a pouco, soltando fumaça pelas ventas, dado o frio, gemendo e gemendo, deu um último relincho, foi se entregando e morreu.

O coronel amamentou a cria com leite de outras éguas, dedicou-lhe extremos cuidados e muito carinho. Salvou o potro e lhe deu o nome de Príncipe. Um dia quando rasqueava o pelo e lhe dava banho notou que no meio da testa havia um pequeno calombo que supôs de início ser fruto de alguma pancada durante o parto.

A tristeza chegou voando, como voam as folhas açoiadas pelo vento Minuano, e seis meses após o nascimento do Príncipe, quer pela idade, quer pela saudade de Matilde, Jumbo também morreu.

Foi nesta ocasião que ele percebeu que aquele calombo estava se transformando num botão. Ficou surpreso, examinou com cuidado e preferiu aguardar. Com o passar

<sup>9</sup> Amigo, camarada.

dos dias foi observando o desenvolvimento de um chifre que tinha forma de cone espiralado, róseo, brilhante, de aspecto aveludado, que contrastava com a cabeça vermelha e os olhos azuis.

O potro, agora mais erado<sup>20</sup>, não o deixava se aproximar, mas o Amaral tinha paciência e sabia que logo, logo ele estaria novamente comendo em sua mão, ração, feno e milho.

Mas aquela figura estranha lhe tirou o sono por noites e noites. Não comentou com ninguém, nem mesmo com o Galego, manteve o Príncipe longe de olhos curiosos.

Foi então para a cidade em busca de informações, mas não podia denunciar o acontecido sem saber com o que estava lidando. Ocorreu então de ir até a biblioteca municipal.

Foi recebido por uma bibliotecária que o olhou desconfiada, pois nunca tinha visto alguém com a metade do rosto tapado, com um chapéu enfiado na cabeça e tão mal trajado entrar em sua biblioteca.

Por dever de ofício, embora temerosa, perguntou-lhe educadamente:

- Boa tarde! O que deseja meu senhor?

- Boa tarde! Gostaria de saber se existe aqui algum livro que fale de cavalo com chifre?

- Sim, livros mitológicos, que contam histórias do Unicórnio.

- Posso vê-los?

- Sim, sim! Entre, que vou providenciar.

Sentou-se a uma mesa, ela o rodeou de livros, apresentando-lhe assim, conhecimento de diversas histórias que falavam do ser “mitológico” Unicórnio.

<sup>10</sup> Mais velho

Amaral voltou para casa muito impressionado. O que mais lhe chamou a atenção naqueles livros e naquelas histórias foi à capacidade que teria aquele ser “mágico” de promover a cura de doenças.

Afastou-o das proximidades da casa do Serafim, levou-o para outros lados, pois também contavam os livros que o unicórnio tinha uma preferência por jovens donzelas, e o Serafim tinha uma filha nestas condições. Ele temia que a bela e jovem morena atraísse o Príncipe.

Visitava aqueles fundos com frequência, onde o potro em companhia de outros cavalos se espalhava por uma pastaria de primeira.

Quando chegou à puberdade, com vinte meses, o Príncipe foi levado para o rancho, para uma baía que lhe foi preparada. A baía possuía uma área coberta para a proteção contra as intempéries e um solário, pois Amaral tomou conhecimento nos livros que unicórnios gostam de ser afagados pelo sol e apreciam comer nuvens.

Ali havia conforto e, embora as preferências do Príncipe, oferecia-lhe generosas doses de ração e muito carinho. Foi ganhando devagarinho a confiança e observou que o chifre, conforme a emoção do animal, tomava-se de cores, passando do branco que agora era a cor determinante para um tricolor, mantendo a cor branca na base, a preta no meio e a vermelha na ponta.

Primavera, sábado à tarde, o vento trazia o perfume de flores, dia de temperatura amena, os pássaros retribuíam chilreando nas laranjeiras. Após ter chimarreado com preguiça sobre um banco coberto com um pelego tingido de vermelho, Felipão foi para as baías.

Lá chegando, arraçou os animais, providenciou água e por último foi até a baía do Príncipe, que estava calmo e relinchou baixinho com a aproximação do Amaral.



Chegou à cabeça para o lado dele, balançando-a em movimentos pendulares.

O Amaral acarinhou o pescoço, as orelhas e devagarzinho segurou e afagou o chifre. Neste instante, abriu-se um oco no tempo, o vento parou o som desapareceu, os pássaros deixaram de cantar, e o Amaral sentiu uma moleza no corpo, e um estranho sono o absorveu. Deitou-se em um banco no corredor das baías, dormiu e dormiu. Quando acordou a noite já tinha chegado e um vento frio gelava seus pés.

Levantou-se, lembrou-se do acontecido, saiu porta afora se apoiando nas paredes. A lua nova já ia alta; o vento levantou aquele pano encardido que lhe cobria o rosto, ele teve a estranha sensação que seu olho esquerdo enxergou o vulto do cachorro, nomeado de Campeão, que lhe fazia festa.

Entrou no rancho, bateu o isqueiro, acendeu um candieiro que ficava pendurado junto à porta. Fez-se uma luz pálida que mal quebrou a escuridão. Tomou uma caixa de fósforos e acendeu velas dispostas em um castiçal. Na penumbra que se instalou pegou o candelabro de prata e foi ao quarto de dormir para mirar-se no espelho manchado e trincado na porta do velho guarda-roupa.

Afastou a enxerga que cobria o rosto e viu ali instalado o milagre. O olho e a boca estavam normais, e a queimadura do pescoço, do rosto e do ombro que lhe encarquilhava a pele tinha desaparecido. Olhou por minutos, no fundo do espelho, o rosto de um homem veterano, mas normal e sem defeito. Ficou admirando o que muitas e muitas vezes se negou a olhar. Tinha voltado o brilho nos olhos, a beleza que teve na juventude, agora amadurecida, os cabelos grisalhos, contrastando com os olhos verdes e a pele morena.

Lágrimas lhe escorriam pelo rosto, secava-as com aquele pano, e elas voltavam cada vez mais abundantes. Foi se arqueando, se ajoelhou, soluçou e elevou as mãos aos céus numa prece muda. Quem o visse naquele momento de introspecção certamente não acreditaria, pois um ser que tanto mal fez agora chorava e elevava orações aos céus.

Concluiu que o unicórnio, aquele ser único, lhe fora enviado pelos deuses para lhe mostrar que tudo é possível nesta vida para quem tem fé.

Voltou às baías, cruzando a noite fria. Estrelas mil brilhavam sob o escuro da lua nova, e seus olhos não se casavam de mirar o infinito.

A brisa trazia das baías o cheiro azedo da serragem misturada com urina.

Em sua baía, Príncipe, aquele ser mágico, estava deitado, e acomodado em suas costas o traquina do macaco. Ambos o olharam como se nada tivesse acontecido. Ele derramou lágrimas sobre o animal num choro de agradecimento. O equino balançou a cabeça vermelha e deu um relincho baixinho. A luz do lampião incidiu sobre o corno, que refletiu cores fascinantes.



Ao amanhecer ele tinha dúvidas, muitas e muitas dúvidas: como se apresentar ao povo? Como explicar aquele milagre? Como comunicar quem tinha lhe curado? Como proteger o unicórnio da curiosidade das pessoas?

Continuou a usar o chapéu e o lenço cobrindo o rosto até tomar uma decisão segura. Levou novamente o unicórnio acompanhado do Zezé para o fundo da fazenda, longe de qualquer olhar.



Passaram-se alguns dias, e ele estava inquieto com sua nova fisionomia. Tinha sido um jovem vaidoso e gostaria de ir para a cidade e trafegar com normalidade, não sendo alvo da curiosidade do povo, sem ser discriminado e visto quase como um monstro, que assustava as crianças que se escondiam nas pernas e atrás dos vestidos das mães.

Buscou no guarda-roupa no fundo de uma mala, pilchas há muito guardadas e quase novas, bombacha azul-marinho com favos na lateral, camisa branca, lenço carijó. Dentro de um baú buscou uma bota negra, conservada e um chapéu preto campeiro.

Encilhou um cavalo castanho, almoçou e logo saiu para a Vila. Eram três léguas de cavalgada.

Chegou ao meio da tarde, desfilou por aquelas ruas, ninguém o reconheceu. Amarrou o sestroso à sombra de uma árvore e caminhou no meio do povoeiro. Sentiu-se livre, moças e mulheres o olharam com olhos admirados.

Esses olhares lembraram-lhe que há muito e muito tempo não tinha a companhia feminina, não sentia o calor de uma fêmea no seu costado. Isso lhe deu um arrepio que desceu pelas costas, cruzou o corpo, passou por seu sexo e lhe frouxou as pernas.

Voltou ao cavalo, montou, deu algumas voltas por aquelas ruas poeirentas, sem saber o que fazer. O sol já despencava no horizonte, deixando uma mancha de sangue na lagoa, que volteava aquela região.

Na beira da lagoa, nomeada de Lagoa Comprida, encontrou uma pequena venda, sentou-se num banco de madeira atrás de uma mesa tosca e observou a moça atrás do balcão, uma linda cabocla de formas arredondadas, com dentes brancos, cheirando a banho recém-tomado e a perfume de água de flores.

Ela se achegou à mesa e ele pediu um pastel e um ovo cozido, que boiava numa água turva de salmoura junto com mais três ou quatro, dentro de um vidro de boca larga, exposto no canto de um velho balcão, ao lado de garrafas de cachaça temperadas com losna, casca de bergamota, alho e outras ervas mais.

Enquanto aguardava o pedido ficou a olhar aquele ambiente simples, rústico, mas limpo. Viu que de um lado havia uma cozinha onde eram preparados os comes e no outro, por uma fresta da porta observou um quarto com cama de casal, colcha de crochê e travesseiros com fronhas vermelhas.

Nas paredes, cartazes e propagandas, belas moças e fortes rapazes anunciavam diversos produtos, entre eles cigarros e bebidas. Chamou-lhe a atenção a foto de uma garrafa suada, uma loira apaixonante lhe oferecia uma caneca de cerveja com colarinho maduro.

Fazia muito tempo que não bebia. Tinha medo de beber, pois nas peleias, nos banditismos e atrocidades que cometeu sempre estava bêbado.

Estava ele nesta pasmeira quando a moça trouxe o ovo e o pastel. Ao se abaixar para ajeitar a mesa ele observou pelo vão do decote os seios morenos, arredondados e firmes como laranja de umbigo; nas narinas, sentiu mais uma vez o doce perfume que a envolvia.

Ela perguntou – Vais beber algo? Ele ficou em dúvida, mas viu novamente o cartaz, a cerveja gelada e disse meio sem pensar – Traz uma cerveja.

Neste momento chegou ao local um mascate muito conhecido na região, o Zeki Nadir. Felipão não se fez conhecer, continuou tomando sua cerveja enquanto ele conversava com a moça.

- O seu pai está?
- Não! Ele chegou ontem de viagem e foi para a Chá-cara.
- Guria! Ele não deixou uma encomenda para o turco Zeki? Cachaça lá de Marcelino Ramos?
- Deixou um frasco com cinco litros! Disse que era para o mascate turco, esperto e vigilante. É o Senhor?
- Sim, seu pai me conhece e sabe que Zeki quer dizer esperto e Nadir, vigilante. Mas hoje, neste mundo de meu Deus, todos me chamam de Zeca.
- Se me permite vou levar a pinga, depois me acerto com ele a troco de tecidos e roupas de cama. Diga a ele que vou demorar uns dias, pois vou mascatear por estas fazendas.

O turco pegou o vasilhame e saiu, despedindo-se, com um até logo, da moça e do Amaral, a quem não reconheceu, embora este fosse seu cliente de muito tempo.

Tomou aquela e logo pediu mais uma. Pediu para trazer queijo e salame como tira-gosto. Sentiu-se leve e pediu que lhe trouxesse uma pinga, de preferência aquela de Marcelino, para esquentar a cerveja.

Despertou nele uma sede de muitos e muitos anos, e ele pediu uma, mais uma e mais uma...

Sua cabeça girou, e ele começou a imaginar a moça lhe sorrindo, acarinhando, beijando...

Quebrando este encanto chegou um irmão da senhora. Conversaram, e ele falou – Vou até a Chá-cara buscar o pai e logo volto.

O moço saiu e ele pediu mais uma cerveja. Enquanto bebericava voltou a sonhar, a imaginar...

A noite se fez e trouxe com ela um abafamento, e logo na estrada se fez um poeirão tocado por um vento

quente que trouxe na sua esteira uma chuva pesada, torrencial.

A moça que agora ele sabia que se chamava Lídia - foi assim que o irmão a chamou - obrigou-se a fechar a porta, pois a chuva que vinha de frente invadia o ambiente. Fez-se uma penumbra e pelas frestas subiu o cheiro de terra molhada.

Ela acendeu um candieiro e velas em um castiçal de cinco pernas, jogando sombras pelas paredes e tornando o ambiente agora fresco e aconchegante.

Um trovão e um corisco foram os sinais que ele esperava. Levantou-se, abraçou e tampou a boca da moça, levando-a para o quarto. Sentiu o roçar dos lençóis engomados, em seus braços, a cama rangeu, ele sentiu a cabeça girar, o perfume daquele corpo jovem lhe embriagou, atacou-a sem piedade, como um poderoso predador que ataca uma corça frágil e desprotegida.

Levantou-se, sua vítima chorava baixinho e o lençol antes de um branco puro, agora estava manchado de sangue.

A cabeça latejou, a boca ficou amarga, sentiu remorso, arrependimento. Uma tristeza e um frio lhe chegaram ao coração; uma comichão ardente lhe atingiu o braço e o ombro. Passou a mão e sentiu ali uma grosseira.

Trambalhando, saiu porta afora, contra um vento gelado que fazia dançar uma chuva fina; relâmpagos iluminavam a noite como rios de fogo. Montou e disparou por ruas desertas e se embretou por campos, trieiros e matas em busca de sua fazenda.

Ao se levantar pela manhã, só de cuecas, fez a higiene em um bacião alouçado sobre o qual, na parede, estava preso um pedaço de espelho. Ao levantar as mãos para

ajeitar o cabelo viu que seu braço e ombro apresentavam novamente as marcas do queimado. Matutou.... Estaria voltando a sua desgraça?

Desesperou-se e de imediato entendeu que estava sendo punido, que o seu corpo tinha mudado como por um milagre, mas a sua alma continuava tão negra como sempre foi.

Nesta mesma hora, madrugadita, o mascate Zeki passava por nossa casa. Minha esposa tinha ido para o rio lavar roupas. Ele seguiu viagem por um atalho, passaria na casa do Serafim, na volta no rancho do Filipão e voltaria a nossa casa para oferecer tecidos e outras quinquilharias.

Quis o destino que o mascate, neste atalho, encontrasse a manada de cavalos e entre eles o Príncipe. Estupefato, parou e ficou ao longe admirando o animal. Sendo ele de um país euro-asiático, por suas origens, sabia do mito, do valor e da extrema raridade daquele animal e do poder do seu chifre.

Ficou ainda mais surpreso ao observar que o companheiro do unicórnio era um chimpanzé, que brincava aqui e ali, voltava e pulava no lombo do animal, onde permanecia por longos momentos numa amizade que parecia velha, antiga.

Seguiu viagem, pensativo e imaginando o lucro que poderia ter com tal animal e especialmente com o seu chifre, que teria valor incalculável na Europa e na Ásia.

Negociou com a família do Serafim tecidos, cobertas e algumas panelas. Ofereceram-lhe chá de mate com leite e bolo em uma mesa gordurenta numa cozinha que cheirava a alho e cebola.

Despediu-se e, ao sair chamou o Serafim para um particular. Perguntou-lhe se ele conhecia a tropa do Amaral, seu patrão, ao que ele respondeu afirmativamente

- Conheço todos os animais da fazenda, de mamando a caducando!

- Sei não! Sei não, Serafim! Acho que você não conhece um animal especial, um cavalo que possui somente um chifre, um unicórnio, que acompanha a cavalhada naquela baixada, beirando a sanga que divide a fazenda.

- Não é possível! Nunca vi isso! Cavalo com chifre não existe!

- É raro! Raríssimo! Mas existe e tem alto valor. Vá vê-lo, não comente com ninguém, não toque no assunto com seu patrão. Ele sabe! Tá criando o bicho! O mantém escondido e não conta pra ninguém. Analise a situação, lhe pago cinco anos de seu salário por ele. Em caso de acidente, três anos pelo chifre.

O mascate deu um buenas e se retirou. Seguiu viagem em seu cavalo pampa, puxando três mulas carregadas de mercadorias em malas de garupa. Voltou pelo mesmo trieiro, queria ver novamente os animais e assim também se afastava da casa do Amaral, evitando desconanças futuras.

Já no quase meio-dia, deu com os animais, ficou novamente encantado. Numa sombra fez uma pequena fogueira. Em uma cambona preta de tantas lidas aqueceu água e fez café, que tomou com biscoitos “guarda-freio”. Foi esse o seu almoço. Descansou, fez uma sesteada sobre os pelegos, sempre de olho no unicórnio que se movimentava com elegância e beleza.

O destino traça das suas, pois foi o mascate sumir por trás de uma coxilha ao meio da tarde e o Amaral surgiu pela outra, arrebanhou os animais e os tangeu em direção ao mangueiro e daí para as baixas.

Logo depois, já no fim da tarde, chegou, campeando, naquele recanto, o Serafim. Não encontrou os animais, só

rastros; viu que se dirigiam para a sede da fazenda, fez meia volta e retornou. Não seria bom o Felipão vê-lo naquelas paragens.

O Amaral colocou ração e água para os animais. Achevou-se à baía do Príncipe na esperança de que ele pudesse reverter as marcas de queimadura que surgiram no braço e no ombro.

Aproximou a mão do pescoço, fez-lhe uns afagos e de vagarito aproximou a mão do corno. O animal, com um rápido movimento de cabeça, cortou-lhe o pulso, correu um filete de sangue. O macaco que estava como de costume no lombo do Príncipe fez um guincho e lhe mostrou os dentes.

Ele colocou um pano sobre o sangue, sentindo um vazio no peito e novamente aquela comichão ardente agora lhe atingindo o pescoço. Apalpou, o pescoço estava grosso.

Sentiu uma fraqueza nas pernas, um enjoo no estômago. O coração palpitava. Sentou no banco e teve a premonição de que lhe restavam poucos dias de vida. Estava condenado, praticara o mal e seria punido através do unicórnio com a morte.

Na manhã seguinte, após uma noite mal dormida, levou os animais novamente para os fundos da fazenda. Foi quando observou os rastros de um cavalo e de três mulas junto a um fogo com braseiro já frio à sombra do Açoita Cavalo.

Seguiu pensativo. O unicórnio o acompanhou por uma boa distância, parecendo que seus destinos estavam encadeados...

Duas tardes depois, o macaco foi surpreendido por uma onça, que lhe perseguiu implacável. Ele, como de cos-



tume, correu até o Príncipe e pulou no seu lombo pedindo proteção.

A tropa se espantou e se puseram a correr perseguidos pela onça. Príncipe tomou a dianteira sempre com o macaco às costas, mas a fatalidade os surpreendeu. O unicórnio enfiou as mãos em um buraco de tatu, rodou e ao rodar bateu com a cabeça em um cupim. Quebrou o chifre rente à cabeça. Não só pela perda do chifre, mas também pela pancada que lhe quebrou o pescoço, morreu de imediato.

Zezé saltou longe numa polvadeira que assustou até a onça, que se enfiou numa Capoeira e sumiu.

O chimpanzé ficou longo tempo velando o seu amigo. Seguiu depois em disparada em busca do Amara. Chegando à sede, com guinchos, sinais e puxões na bombacha fez o Felipão montar e acompanhá-lo estrada afora.

O choque foi brutal. Ele se sentou, colocou a cabeça do potro sobre os joelhos e sentiu lágrimas correrem sobre o rosto. Ficou ali por horas. Açou o corno ao pé do cupim, estava intacto.

Ao apanhá-lo sentiu o impacto, uma agonia e o pânico da morte, um tremor nos lábios; a baba escorreu pelo canto, e ele constatou que a boca estava torta como antigamente. Mesmo morto o chifre do unicórnio o perseguia e o castigava pelo mal cometido.

Mas ele não podia deixar ali aquela raridade que certamente teria utilidade na cura de outros. Sabendo das propriedades isolantes da lã de ovelha, não teve dúvidas: pegou o pelego dos arreios, envolveu o chifre e o levou para casa. Guardou o chifre ainda dentro do pelego em um velho baú.



Foi para a cidade e mandou tricotar esta bolsa de lã, para dentro dela guardar o corno. Comprou em uma loja de armarinhos uma luva de lã. Ao chegar ao rancho, examinou a relíquia com o auxílio das luvas, que, como ele imaginava, isolou os poderes do chifre, e o guardou dentro da bolsa.

Enquanto ele estava fora tomando estas providências, o Serafim voltou aos campos, localizou a manada e encontrou o unicórnio morto e sem o chifre. Viu também que o macaco fugitivo do circo estava nas redondezas, parece que cuidando aquele ser inerte que os corvos já começavam a rodear.

O Serafim nunca gostou daquele símio enxerido, pegou a taquari e mandou fogo. Zezé era ladino e se esgueirou pela mata, fugindo ao olhar do perverso.

No outro dia o Amaral voltou a examinar com mais cuidado o chifre, sempre usando as luvas de lã. Verificou que o pé do chifre, coisa de milímetros, era ocado e que se ele o cortasse, polisse com esmero as laterais e o interior e fizesse alguma arte, transformaria aquele apêndice em um belo anel. Certamente quem o usasse e tivesse alma pura encontraria a felicidade e a riqueza.

Assim ele fez e conseguiu uma joia sólida, aveludada e com o brilho da lua nova.

Gostaria de oferecer para aquela moça que havia violentado, redimindo ou minimizando o seu pecado, e ele sabia e sentia que ela possuía um coração e uma alma pura e bondosa.

Naquele mesmo dia, à tarde o Serafim chegou à casa do Amaral.

- Boa tarde, coronel.

- Se acheque, Serafim, venha tomar um mate.

Conversa vai, conversa vem, assuntos da fazenda, do clima, dos animais, e o coronel foi vendo que o Serafim estava nervoso, esfregando as mãos. Parecia querer tocar num assunto e não achava jeito, até que ele falou:

- Coronel, andando ontem pelos pastos encontrei um animal morto, um cavalo que nunca vi e o estranho é que tinha um furo no meio da testa como acontece quando uma vaca quebra um chifre.

- Pelagem?

- Pelagem branca.

- Era?

- Ainda potro, não tinha sinal de arreio, nunca foi montado.

- Há quantos dias deve estar morto?

- Os corvos já se achegavam. Deve fazer uns dois dias.

O Amaral com estas perguntas estava ganhando tempo, procurando uma resposta, pois sabia o quanto o seu antigo ordenança era astuto. Então, respondeu.

- Ontem trouxe todos os animais para o curral, não dei por falta de nenhum. Deve ser potro de algum vizinho, alçado, abagualado.

- Bueno coronel! Vou-me indo, já é tarde, se precisar de alguma coisa sabe onde me encontrar.

- Vá com Deus.

Tanto um como o outro ficaram desconfiados daquela conversa, inda mais o Coronel, lembrando-se daquele fogo de chão junto ao pé de Açoita Cavalo.

No outro dia, cedo, o Serafim foi para o povoado, à procura do mascate. Certamente ele estaria hospedado na Pensão Dona Maria, a melhor da cidade. Chegou na hora certa, o mascate estava ajeitando as mulas para seguir viagem.

- Buenas, companheiro! O que o traz a estas horas?

- Buenos días! Vim vê-lo, cedo no mais, pois sabia que a esta hora o encontraria.

- Mas o que é que está agonizando o amigo?

- Encontrei o cavalo. Está morto, e nem sinal do chifre que vosmecê falou.

- Aquele mascarado filho da mãe está com o chifre, pode ter certeza.

- Eu falei com ele ontem, se fez de desentendido, acho que está escondendo algo.

- Pode ter certeza, está com ele, e ele sabe do valor.

- Está de pé nosso negócio?

- Sim, me traga o chifre e eu te pagarei três anos de salário.

O Amaral estava agonizado, preocupado com o chifre escondido na bolsa de lã, com o anel que queria dar para a moça, aliviando assim seus pecados, estava também desconfiado com a conversa com o Serafim.

Neste dia, montado num de seus melhores cavalos, se achegou a minha casa, após um chimarrão, convidou para jantar e lhe ofereci pouso. Ele aceitou a janta, mas agradeceu o pouso e disse-me, após o jantar que queria um particular comigo.

Sentamos no galpão à luz do candeeiro. Minha esposa nos trouxe um café, e iniciamos então nossa prosa.

Ele colocou as luvas, abriu a bolsa de lã e retirou dali a relíquia, uma das coisas mais lindas que eu já vi. Tirou o chapéu, o pano e me mostrou o rosto. Vi seus olhos perfeitos, a boca levemente torta e o queimado no pescoço. Abriu a camisa e vi as marcas no ombro e no braço.

Contou-me tudo o que está registrado nesta caderneta.

Repetiu que nós éramos sua família, que em nós depositava total confiança e colocou em minhas mãos o chifre do unicórnio. Senti-me leve, energizado e acreditei em tudo o que ele tinha me contado, e ele falou:

- Eu sabia que você não sentiria nada a não ser um bem-estar, pois tem o coração leve, és justo e só praticas o bem.

- Obrigado por me dar esta oportunidade.

- Meu amigo, vá a minha casa na quarta-feira, vá à tarde, então te mostrarei o local onde vou esconder esta preciosidade, pois acho que tenho pouco tempo de vida. Se eu me for, você deve ficar com ela.

Concordei balançando a cabeça, e ele prosseguiu:

- Quero ainda outro favor, que leves até aquele boliche na beira da lagoa e entregue para a moça Lídia este anel que eu fiz com minhas mãos. Diga a ela que me arrependo muito, que fui embora, ela nunca mais me verá.

Colocou o anel em minhas mãos, e eu pude observar aquela maravilha. Ele era um ótimo artesão. Aquele objeto aqueceu minha mão e deu-me rara felicidade.

- Amigo, me vou para a vila. A noite está clara, vou dormir na pensão da Maria Roncadeira. Pela manhã vou ao cartório fazer um testamento. Se eu me for, deixarei para ti e tua família minhas terras e as Casas na Cidade, estas

você deve doar aos moradores. Hoje é segunda, nos encontramos na quarta.

Já com o pé no estribo confessou-me sua preocupação com o Galego, estava muito desconfiado das atitudes do seu ordenança.

No dia combinado, almocei, preparei meu pingo e me fui para nosso encontro. Havia um silêncio, um estranho silêncio no local. Num cepo estava amarrado o cavalo do Serafim; amarrei o meu na sombra do galpão, dei um “Oh de casa!”, tudo quieto. Galinhas ciscavam ao pé da cerca; o vento estava parado; num carreiro, formigas carregavam folhas da amoreira. Ouvi um rangido de porta, e um cachorro saiu do galpão com o rabo no meio das pernas, não latiu, só fez cheirar minhas botas.

Fui chegando, pois conhecia o ambiente. Entrei pela porta e espantei-me com o que vi. O coronel estava caído num canto, morto, sobre uma poça de sangue. Logo vi que foi um tiro de taquari, a arma estava sobre o banco. Sentado numa cadeira, debruçado sobre a mesa, o Serafim jazia, com o corno enterrado no pescoço. O ordenança estava totalmente preto. Ele em vida um branquelo estava negro como um carvão e segurava levemente na mão a bolsa de lã que guardava o chifre. Pude ver que o corno mal e mal tinha entrado no pescoço, dava a impressão de ter ferido apenas a pele. Poucas gotas de sangue tinham escorrido da ferida. Nas costas do defunto, em sua camisa branca, percebi pequenas marcas de poeira e fuligem, como se pequenos pés as tivessem carimbado.

No alto, na sustentação do telhado, sobre o fogão caipira, em uma viga, empoeirada e grossa de picumã, estava o Zezé. Olhava-me sério, bispava os defuntos com sinal de tristeza. De repente, com extrema rapidez, pulou sobre as costas do Serafim, retirou com facilidade o chifre do

pescoço, pulou daqui, pulou dali e saiu pela janela. Corri para olhar, já o vi sobre um butiazeiro, dentro do chiqueirão. Daí pulou para um sassafrás amarelo e se foi carregando o corno.

De imediato entendi o acontecido: o Serafim encontrou o coronel com o chifre, se desentenderam, o Serafim foi até o cavalo, pegou a taquari, voltou e o alvejou. Colocou a espingarda sobre o banco, sentou à mesa para curtir aquele tesouro. Absorto, não se deu por conta do macaco, largou o chifre e apanhou a bolsa. Neste momento o chimpanzé, com agilidade, pulou em suas costas, daí as marcas de cinza e poeira, e lhe enfiou o chifre rasamente no pescoço. O Serafim não morreu do ferimento, que era muito leve, superficial, mas sim do poder do corno, que certamente, pelos pecados que ele carregava, o incinerou, transformando-o num carvão.

Guardei a bolsa.



No dia seguinte enterramos o coronel a sombra de uma grande gameleira. O Dr. Aníbal, que veio junto com o Delegado, atestou que a morte do Galego foi motivada por violento infarto. Ele foi enterrado nos fundos da fazenda embaixo daquele pé de Açoita Cavalo.

O Zeca mascate que participou das cerimônias fúnebres, ao final, me pediu pouso e, à noite, me fez perguntas sobre um estranho animal, mais precisamente um cavalo com chifre que ele tinha visto nos campos do Amaral.

- Infelizmente nunca vi este esplêndido animal que você descreve.

- Acredito, mas te confesso que eu fiquei deslumbrado e propus inclusive de pagar ao Serafim um bom dinheiro pelo animal, cinco anos de salário pelo animal vivo ou três anos pelo chifre.

Ele foi aos poucos me narrando passagens que eu já descrevi neste relato, toda a sua emoção e os arrependimentos que tinha.

Pela manhã, o Zeca foi embora, certamente consciente de que ele era o motivador da morte daqueles dois.

O macaco Zezé, eu o vi muitas vezes, algumas até pulou na garupa de meu cavalo. Nunca mais vi o talismã, ele deve tê-lo enterrado ou jogado no fundo de alguma sanga.

Passados alguns dias daquele triste evento fui-me à povoação com duas missões: entregar o anel à moça Lídia e ir ao cartório.

Ela não queria de forma alguma receber aquele artesanato. Expliquei que o morto que lhe tinha feito tanto mal estava antes da morte profundamente arrependido e que levou horas confeccionando aquele mimo na esperança de minimizar o seu pecado.

Lídia continuava irredutível. Pedi-lhe que confiasse em mim e que pelo menos experimentasse tão preciosa joia. Com cara de contrariedade ela me deu a mão e coloquei o anel em seu dedo anelar direito. Vi em seu rosto uma modificação imediata. Senti que todo o sofrimento que ela carregava pelo acontecido desapareceu; o semblante agora era de felicidade, tranquilidade e paz. Uma lágrima correu em sua face, me afastei, fui embora, deixando-a sozinha.

Dirigi-me ao cartório e lá me foi confirmado que o Amaral tinha em realidade me deixado as terras de duas escrituras, justamente as que eram lindas com nossa pro-



priedade, e uma escritura aos fundos ele deixou para o Serafim, justamente onde estava o rancho do Galego, agora para sua viúva e filhos. Vinte por cento dos animais ficavam para a família do ordenança, o restante era meu. As Casas na cidade ficavam para os moradores.

Na companhia de minha esposa vistoriei a propriedade, e nos detivemos no rancho onde morou por anos o Felipão. Necessitava em primeiro lugar de uma limpeza e depois, de uma reforma.

Voltamos dias mais tarde para uma faxina e para definirmos o que seria necessário consertar. Ao deslocarmos a pesada cama de ferro, descobrimos um alçapão, no interior do qual estavam guardados sacos de dinheiro, notas e moedas.

Ficamos atônitos com toda aquela dinheirama, mas não era nosso, ele não tinha nos deixado essa fortuna.... Aplicamos todo o dinheiro nas pessoas e nas Casas que ele tinha doado. Roupas, calçados, reforma e pintura nas Casas. Construimos uma escola, à qual os moradores em sinal de agradecimento, deram o nome de Grupo Escolar Coronel Felipe Amaral. Com o que sobrou, fizemos uma pequena praça para o convívio das famílias, com bancos e brinquedos como balanços, escorregadores e gangorras.

Sentamos com a caderneta e a sacola na mão. Ficamos por minutos mudos, surpresos e sem coragem de falar. Minha neta então indagou:

- O que fazemos, vovô?

Cocei a cabeça, gaguejei e falei devagarzinho:

- Temos que manter este segredo, mas não podemos esconder, isto é, contamos a história, mas por segurança de nossa família e da relíquia que temos em mãos não revelaremos os locais, as fazendas, os endereços nem o nosso nome em momento algum.



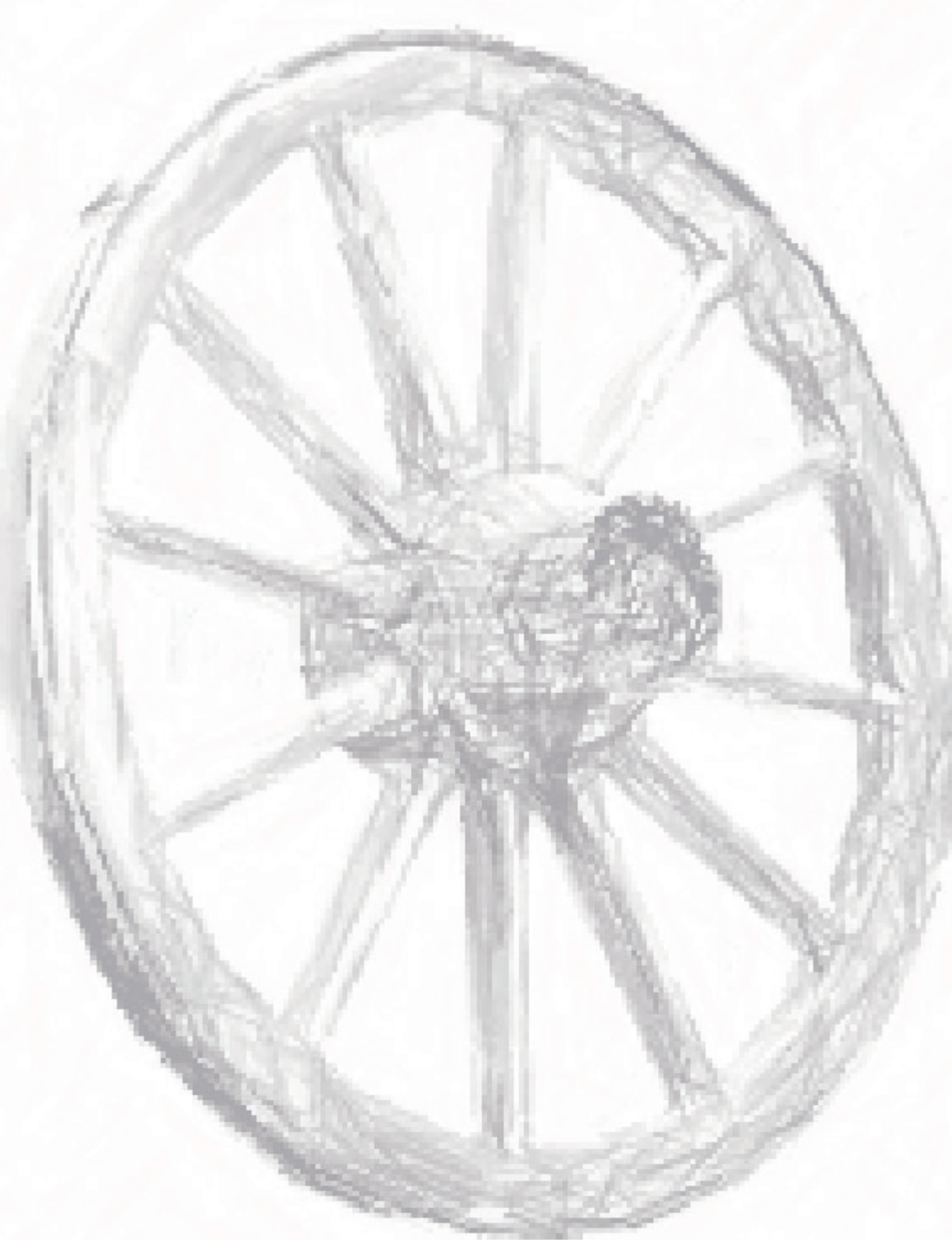
- Será que vão acreditar, vovô?

- Quem sabe! Depende do coração e da imaginação de cada pessoa. Enfim, não é dito e cantado que o gaúcho é supersticioso e que acredita em boitatá, bicho-papão, lobisomem e assombração? Por que, então, não vai acreditar que por estas coxilhas já troteou um unicórnio?

Elas balançaram a cabeça, concordaram e me autorizaram a relatar, quando quisesse, o acontecido.

Bueno, vamos acabar a faxina. Animados, limpamos a gaveta e a pequena caixa. Vimos e comentamos surpresos que, apesar de todo o tempo que a bolsa estava guardada, ela estava perfeita, como se tivesse sido tricotada ontem. Nenhuma traça ou qualquer outro inseto ou praga a atacou. Aveludada ao toque, com leve perfume de flores do campo, no escuro reflete uma estranha luz, como se finos grãos entremeados à lã imitassem os raios do sol....





WHEEL FROM ANTIQUITY

# ROSAS PARA O JOCA

*Em abril de 2013, o autor escreveu o poema "Lenços" no qual se baseia o conto a seguir.*

Minhas canelas estavam quentes pelo braseiro que aprontei no fogão para combater um dos maiores frios que já se acampou por estas terras. Levantei da cadeira de balanço forrada com um pelego, dei uma espreguiçada, descansei a cuia sobre a mesa. Olhei o tempo que estava com a graça de Deus oreando. O frio nesta invernia veio acompanhado de uma garoa fininha que a tudo umedece. Apanhei na tulha uns pinhões e os joguei na chapa do fogão, vermelha, com a junta de dilatação arreganhada<sup>11</sup>.

Fui até a cristaleira e apanhei um vinho que ganhei de um gringo lá de Bento. Gosto de pinhão com vinho. Como sou meio atrapalhado, ao apanhar a garrafa esbarrei minha mão em uma caixinha de madeira ornada pela falecida com pedrarias, sementes e conchinhas do mar. Com o tombo a caixa abriu e espalhou pela varanda uns sem-número de velhas fotografias. Peguei o vinho, a caixa e as fotos e voltei, já meio arrepiado, pois na varanda o frio era de renguear<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> aberta

<sup>12</sup> no caso caminhar como o rengo, puxando a perna em razão do extremo frio. Diz o gaúcho frio de renguear cusco. Cusco o mesmo que cachorro.

Servi o vinho, mexi os pinhões e me fixei nas fotos que há muito eu não olhava. Dentre aquelas velhas fotografias, duas me chamaram de imediato a atenção e me fizeram voltar ao passado: a primeira, de Mamãe e Maria Roncadeira, dos tempos em que estudavam a cartilha, e a segunda, de minha família: eu, papai, mamãe, os irmãos mais novos, tio Salustiano e a prima Alzira.

Um turbilhão de emoções me envolveu. Cutuquei o braseiro, experimentei o vinho, descasquei um pinhão e fui devagarzinho entrando naquelas fotos e me recordando...



Volteava eu, de quatorze para quinze anos, quando cheguei para a cidade grande e meus pais me arrancharam na Pensão Dona Maria, de Maria Roncadeira. Maria era conhecidíssima na região, não só por ser proprietária de uma pensão tradicional, mas também por seu hábito de sestar após o almoço em um quarto que ladeava a Rua dos Andradas. Nessas sextas Maria roncava como se diz, à “bandeira despregada”. Os passantes e vizinhos diziam entre risos que o ronco da Maria fazia tremer os alicerces da pensão, além de espantar os pássaros que costumeiramente trilavam nas laranjeiras, nos butiazeiros e nas taquaireiras, se espalhando por roseiras e jasmims que sombreavam e perfumavam o terreiro da pensão. Mamãe e Maria eram amigas do tempo em que estudavam no grupo escolar a cartilha e a tabuada, uma amizade cimentada por confidências, por segredos da juventude. Elas bem lembravam, entre risos, terem enfrentado professores mal-humorados que, para acalmar sua zanga e sua rabugice, utilizavam a palmatória, dando “bolos” que as deixavam com as mãos inchadas como

trouxas de lavadeiras. Esse apego transformou a roncadeira em madrinha de casamento de minha mãe. Por tudo isso, Maria era pessoa de confiança de meus pais e, por consequência ficou responsável pelo meu bem-estar. Era ela que me orientava nas lides pela cidade e me punha “as orelhas” quando se fazia necessário. Eu estudava à noite e durante o dia trabalhava em um escritório de contabilidade.

Aos sábados, de madrugadinha, muitas vezes olhando a estrela d’alva ir perdendo seu brilho na eterna briga com a luz do sol, eu pegava minha velha bicicleta Monark, aro 26, pneu balão, e seguia em direção à Fazenda Boqueirão, ali na Bela Vista.

Andar por aqueles fundos sempre me dava muita alegria, pois revia meus familiares, abraçava e beijava meus pais e matava a saudade da comidinha de mamãe. Além, é claro, de ver os cavalos, as vacas e o bicharedo que rodeavam a casa. De vez em quando, fazia uma pescaria de traíra no lagoão ou andava com uma velha espingarda na mão, ladeado por meu cachorro Marajó, atrás de perdizes que se espalhavam por aquelas coxilhas.

Numa dessas andanças, cheguei à fazenda e tava tudo arrumadinho, como de costume, pois minha mãe era mulher de capricho. Desta feita, no entanto, na cozinha, sobre um aparador construído com pranchas de angico, em gamelas feitas na base da enxó pelo carpinteiro e artesão Zé Tarugo, havia galinhas e uma paca, numa robusta tigela de barro, codornas. Essas iguarias que, repousavam entre ervas, vinagre, sal e pimenta, iam acompanhar uma polenta que tia Mariana, preta velha, arranchada na fazenda pra mais de trinta anos, ia preparar para o jantar. A peonada tinha recolhido lenha

para assar um carneiro, além, é claro, de pães e cucas que cheiravam no forno de barro que ficava nos fundos da casa, à sombra de um butiazeiro.

Depois de abraçar meu povo, fui perguntando:

- Mas pra que tanta fartura? Pra me esperar, certamente que não foi? A que meu pai, sorrindo respondeu:

- Guri do céu, chega hoje à meia-tarde tio Salustiano, que não nos visita há muito e muito tempo. Janta conosco, faz pouso e segue amanhã para a cidade. Na segunda, vai visitar o médico.

- Ele está doente, papai?

- Não, é um velho ferimento de guerra, de noventa e três, que o incomoda até hoje.

Conforme o combinado, por volta das quatro da tarde chegaram os visitantes em um Jeep Willys: Alzira, tio Salustiano e um motorista mulato, Odorico Neto, todo emproado. Usava calça preta, camisa branca sob um colete risca de giz e, cobrindo a cabeça uma boina modelo jornalista. Tinha suas razões para tanta vaidade, pois, enfim naqueles anos, motorista ou chofer, como eram chamados, era coisa rara.

A prima Alzira, já balzaquiana<sup>13</sup>, trajava um vestido longo negro com o cabelo preso em presilhas brancas de marfim, que combinavam com a gola e o cinto. Sobre os ombros, carregava uma fina estola em tricô, matizada nas cores branca e preta. Tio Salustiano usava bota preta de cano alto, bombacha e colete na cor cinza, camisa branca, guaiaca negra e lenço colorado.

Em meio a abraços cumprimentando os chegantes, minha mãe, Marcela, deu para a prima como lembrança um pano de prato em algodão, alvejado, bordado com

<sup>13</sup> mulher que atingiu 30 anos ou possui entre 30 e 40 anos de idade. Como a personagem central do romance de Balzac – A Mulher de A Mulher de Trinta Anos.

linha Clea, rodeado com franjas do mesmo tecido, e recebeu em retribuição um pequeno bibelô, um menino de olhos negros com uma boina espanhola azul, montado em um cavalinho branco. Após essas honrarias, sentamos à sombra de cinamomos que beiravam o mangueiro, as flores brancas, lilases - róseas daquelas árvores frondosas espalhavam um doce perfume pelo ambiente. Chimarreamos. Eu, que a tudo bispava, preparava umas tralhas de pesca; os mais velhos recordavam dos tempos de juventude e trocavam informações de parentes, pais, mães, sobrinhos, afilhados, enfim, das histórias passadas e recentes da família, falavam de casamentos, nascimentos e mortes.

A conversa prosseguia, e o Valdomiro, peão velho da fazenda, corria de lá pra cá, com um pano de prato sobre o ombro, limpando, como num cacoete, o suor que teimava em escorrer da testa, e de vez em quando dava uma talagada numa "marvada". Enquanto ele ajeitava no braseiro o carneiro, tia Mariana na cozinha enforrava as galinhas, a paca e as codornas. No fogão, numa grande panela de ferro, a farinha de milho se transformava em polenta.

Dentro do galpão, o piso de chão fora varrido com vassouras "fabricadas" com talos de carqueja e cabos de guamirim, num esmero típico de minha mãe. Para o jantar, duas mesas rústicas foram juntadas, mamãe as cobriu com uma grande toalha de linho branca, bordada nas bordas, de quando em quando com ramalhetes de flores na cor violeta. Sobre esta, pratos, talheres, copos e garrafas com vinho tinto, produzidos ali pertinho por um vizinho italiano. No centro, enfileirados, três castiçais, cada um com três velas, davam um ar romântico à mesa. Em pendentes presos nas vigotas do galpão, lampiões à que-rosene completavam a iluminação do ambiente.

Ainda mirando as fotos, lembrei-me que, antes de o sol baixar, chegou à fazenda um mascate-fotógrafo, que, além de pedir pouso, ofereceu para as senhoras tecidos e outras quinquilharias. Atendendo ao pedido de papai, nos fotografou. No verso da foto, visualizei um carimbinho – Manoel Tenório - fotógrafo.

Durante o jantar, eu observava tio Salustiano, que era meu tio-avô. Sua irmã era mãe de meu pai, minha avó. Salustiano, além de ser um homem de estampa, elegante, tinha boa conversa e, como disseram uma memória afiada. Falava sereno, com palavras claras e sábias, sabia se colocar dentro do assunto que vinha à baila. Observei ainda que tinha um olhar esperto, vivo, que a tudo via.

O jantar foi muito elogiado pelos visitantes. Mãe, sempre com aquele sorriso contagiante, parece que a estou vendo, flutuando entre os convivas, com uma elegância que a diferenciava das outras mulheres, olhos verdes vivos e o cabelo loiro acobreado, já querendo ficar grisalho, apresilhado com uma fita verde-água que combinava com seu vestuário e destacava o seu olhar. Mãe ofereceu chá de alecrim, de erva-cidreira e café, além de licor de butiá e de pitanga. Alguns continuaram no vinho que comentavam ser delicioso. Eu, considerado por meus pais ainda um guri, fiquei na limonada, só me permitiram beber bebida alcoólica quando criei buço<sup>14</sup>. Continuei mirando tio Salustiano, pois ele era um familiar afamado. Ele comeu com parcimônia e bebeu com elegância, recusou bebidas após o jantar, tomou somente o chá de erva-cidreira. Esse seu comportamento confirmava seu estado físico, um homem enxuto, não possuía barriga, apenas manquitolava da perna esquerda, o joelho que lhe incomodava, doía constantemente,

<sup>14</sup> penugem, quando começa a ter barba



e esse era o motivo que o levava ao médico.

Abriu-se a roda, as mulheres se dirigiram à cozinha para lavar a louça, arranjar as sobras, conversar sobre a família, trocar receitas... Os homens se ajeitaram sobre cepos, cadeiras e bancos no entorno de um fogo de chão. Um fogo de chão dá vida e torna o ambiente acolhedor. O Valdomiro continuava com o pano sobre o ombro, um pano que fora branco e agora estava encardido, do carvão, do suor e de gordura; ele atiçava o fogo de quando em quando, num ritmo meio nervoso, como se estivesse com "bicho- carpinteiro<sup>15</sup>".

Foi aí, depois de algumas prosas e de alguns casos, que papai pediu a tio Salustiano que contasse para nós, principalmente para os mais jovens suas aventuras na Revolução Federalista, na Revolução da Degola, e olhando meio enviesado, para o Valdomiro, pediu que ele se acalmasse.

- Senta índio véio! Te achega na nossa prosa.

Eu arregalei os olhos, afinal eu era quase um menino e tinha ouvido falar somente por alto dessa revolução e de outras que ocorreram nas coxilhas. E estar agora em frente a um parente que participou dessas refregas era algo impressionante.

Tio Salustiano deu uma limpada na garganta, tomou um gole de chá e se foi às falas:

- Bueno! Bueno! Meu querido sobrinho Antenor, é preciso que se diga, que se conte, especialmente para os jovens, que o povo gaúcho, o rio-grandense atravessou séculos, pra mais de século, peleando nessas coxilhas.

E prosseguiu com aquela voz pausada, e com um encantamento, um carisma que se agigantava conforme o fogo dançava e balançava empurrado por uma leve

<sup>15</sup> diz-se de pessoa ou de menino que não tem parada, que não sossega

brisa que refrescava e trazia o perfume das flores do cinamomo, dando a sua figura sombras, brilhos e cores.

Olhando para mim, prosseguiu.

- Preste atenção, Antônio Bento, que tá mudando de voz.

Todos riram. Lembro, agora, que eu envergonhado baixei a cabeça, e um calor me subiu pelo pescoço, mas ele, ainda sorrindo, completou:

- Não fica envergonhado, guri! Isso é apenas uma brincadeira de avô para neto, todo o homem passa por isso.

Eu olhei para ele e sorri. Em verdade, um sorriso meio amarelado. Salustiano tomou mais um gole de chá, fez um intervalo na fala... Quando todos ficaram olhando para ele, como se estivessem enfeitiçados, limpou novamente a garganta e continuou.

- Como eu ia falando, o sangue do gaúcho empapou estes campos, e com o dedo indicar levantado disse, vejam vancês, Há quase duzentos anos, de 1753 a 1756, portugueses, espanhóis e índios pelearam na Guerra Guaranítica, terras, acordos, políticas, interesses dizimaram os índios, que até então eram os donos deste rincão.

Setenta anos depois, de 1825 a 1828, nos atracamos na Guerra Cisplatina, um conflito internacional contra as Províncias Unidas do Rio da Prata, Argentina e o atual Uruguai, que exatamente nesta guerra se torna um país.

Aí, chegamos à revolução mais comentada, a mais longa da história do Brasil, a Revolução Farroupilha, de 1835 a 1845. Logo depois, veio outra encrenca que nos jogou novamente em terras uruguaias, a guerra contra

Oribe e Rosas, de 1851 a 1852. Se passou uma dúzia de anos e em 1864 explode a maior guerra da América do Sul, a Guerra do Paraguai, que se estende até 1870. Quando papai partiu, eu era um bebê; quando voltou, magro e ferido, eu estava com cinco anos.

Veio, então, 1893, e com ele a Revolução Federalista, a revolução que muitos chamaram de Revolução da Degola, pois em geral os prisioneiros eram passados a ferro, “inimigo bom era inimigo morto”.

Com a proclamação da República em 15 de novembro de 1889, transformações políticas ocorreram no Brasil, discutia-se à exaustão a nova forma de governo a ser implantado no país, monárquico ou republicano, presidencialista ou parlamentarista, centralizado ou federalista.

O Partido Federalista gaúcho era liderado por Gaspar Silveira Martins, partidário do parlamentarismo, cujo oponente era Júlio de Castilhos, chefe republicano e presidencialista. Júlio de Castilhos assumira a presidência do Rio Grande com o apoio do presidente Floriano Peixoto.

Júlio tinha um temperamento autoritário e as “costas quentes” pelo apoio irrestrito que recebia do presidente. Essa situação, entre outras levou federalistas e republicanos a se engalfinhar em uma luta sangrenta.

No início das hostilidades, o Barão de Itaqui, Jota Tavares, e o coronel Gumercindo Tavares reúnem homens e lideram as forças Federalistas e exigem a deposição de Castilhos. Essa instabilidade faz com que o governo central, de Floriano Peixoto, envie tropas para defender o castilhismo.

Desenvolvem-se, então, vários confrontos, e em nossa região, Passo Fundo, temos confrontos sangrentos com uma mortandade incrível. Vejam vocês, em noventa

e três ocorreram as batalhas do Boqueirão, Arroio Teixeira e Passo do Cruz. Nessas peleias, papai, já passando dos cinquenta anos, se fez presente, dizia ele que era para matar a saudade da Guerra do Paraguai.

Papai retornou do Passo do Cruz no Natal, magro, cansado e ferido na perna esquerda. Eu, que até então tinha “ficado de fora destes embates”, cuidando dos interesses da família, disse para ele:

- Fique em casa, papai, eu vou agora em seu lugar, eu não vou faltar com vosso compromisso. Em verdade, eu tava com uma coceira danada para participar daquele reboliço. Alzira, já era mocinha beirava os treze anos.

E assim eu fiz, me apresentei à liderança em nome de meu pai, expliquei que ele não estava bem de saúde e que eu o substituiria.

E foi um upa e teve, e em janeiro eu já estava peleando na Batalha do Umbu. Corria o dia 16, foi uma peleia daquelas, botamos para correr 1.500 republicanos, fizemos uns quarenta prisioneiros, e eles deixaram mais de duzentos mortos. Foi uma vitória épica.

Mas, como diz o ditado “um dia é da caça, o outro é do caçador”... Vinte e poucos dias depois, oito de fevereiro, veio o troco, e para piorar, meu pai, Francisco, se achando bem de saúde, se reincorporou. Eu sei que era mais para me cuidar, para tentar me proteger, e assim participamos de uma batalha terrível no Valinhos, quando mais de 120 maragatos foram mortos, inclusive papai, com um lançaço, nas costas, quando lutava no corpo a corpo.

Naquele entrevero, entre gritos e ganidos, vi o acontecido, com o rabo dos olhos. Vi meu primo Antoninho, com fúria e “sangue nos olhos” passar o fio do facão no maldito. Corremos para junto do velho e o ar-

rastamos para umas capoeiras. Ali, num chão coberto de barbas-de-bode e caraguatá, antes de falecer em meus braços, sorriu e falou baixinho:

- Cuide da família, meu filho!

- Com autorização superior, desliguei-me das tropas provisoriamente, fiquei para enterrar meu pai e confortar minha mãe.

Fiquei de olho nas notícias que chegavam pouco a pouco, do cerco na Lapa da retirada do Coronel Gumercindo Saraiva e suas tropas em direção ao Rio Grande e de sua aproximação das terras de Passo Fundo.

Em 22 de junho, as tropas de Prestes Guimarães se reuniram com as forças de Gumercindo. Essas colunas reunidas atravessaram Passo Fundo em direção à Capela de São Miguel e no dia 26 estavam no Pinheiro Torto.

Nós que estávamos sempre alertas e buscando informações, quando chegou o momento exato, reunimos os Maragatos das redondezas e partimos em grupo de oito, atravessando campos e matas, em direção à Capela de São Miguel, no Pinheiro Torto, buscando o encontro com as tropas.

Nesta travessia, passamos por ranchos, casas, chácaras e fazendas. Muitos fechavam portas e janelas - eram republicanos; por outro lado, outros nos ofereciam água, leite, pão, sorrisos e braços abertos - eram maragatos. Estes nos avisavam do movimento de tropas e nos indicavam a proximidade do Cel. Gumercindo.

No dia 26 de junho, me lembro como se fosse hoje, encontramos as tropas. Ficamos aí sabendo que os pica-paus e sua Divisão do Norte, liderada por Francisco Rodrigues de Lima, Firmino de Paula e o Coronel Santos Filho, estavam se alinhando na Fazenda dos Mello, logo

adiante, e que certamente no dia seguinte haveria o confronto. Chegavam informações de que a tropa pica-pau, era numerosa, bem equipada e com artilharia pesada.

A moral maragata era muito boa, e esperávamos chegar a hora com grande alegria. Não havia como recuar, e no dia 27 aconteceu a maior batalha desta maldita guerra que matou milhares de gaúchos, milhares de irmãos.

Os pica-paus, aproximadamente três mil homens, estavam acoitados em matas próximas e nos pegaram a campo aberto. Éramos 1.600 revolucionários, e recebemos ordens de nos deitarmos. Passamos, assim a alvejar o inimigo protegido por farto capim, ao qual colocamos fogo, fazendo uma cortina de fumaça que nos protegia. O inimigo respondia firme e usava metralhadoras e canhões, e estava organizado taticamente em quadrado.

A nossa cavalaria estava impedida de agir, pois o terreno era desfavorável, uma barroca profunda, muito banhado, e uma mata fechada protegia a retaguarda inimiga e dificultava nosso avanço. Mesmo com esses empecilhos, recebemos ordens de montar e atacar o inimigo. A estratégia era dar condições de nossa infantaria agir com sucesso. Levantamos da barba-de-bode e nos fomos à capoeira, montamos em nossos cavalos e enfrentamos as dificuldades que o terreno nos impunha. Poucos, muito poucos, conseguiram chegar ao inimigo: muitos cavaleiros, pelas dificuldades, voltaram; outros ficaram atolados nos banhados. Metemos a espora nos matungos e entramos no meio da polvadeira. A infantaria também chegou abaixo de bala e se formou um entrevero, um corpo a corpo macanudo. Acaricieei o pescoço do Galante e me curvei sobre ele, meu querido cavalo, chegou carreira, a lança que, embora eu levasse firme

na mão direita, no terceiro pontão, ela ficou para trás presa no peito de um lenço branco. Fiz a volta na mesma carreira e cheguei o facão num aglomerado de pica-paus que estavam no canto do quadrado. O tobiano com as patas nervosas foi atropelando alguns, tentando abrir aquela formação. Essa foi à última gauchada que fez o Galante, pois um cuera que pelos gritos eu reconheci como castelhano alvejou meu cavalo, que com um relincho profundo rodou e me jogou quase aos pés daquele vivente. Levantei com meu facão e fiz o serviço. O castelhano não voltou para as terras uruguaias. Num repente, me vi no meio dos infantes, lenços brancos e colorados engalfinhados, rodei com o facão em riste, inimigos e companheiros pisoteavam ao meu redor. Foi uma dança macabra em que gaúchos se digladiavam, entre gritos e lamentos. A dor e o cheiro da morte se espalhavam no ar.

No meio daquela fumaceira, com os olhos vermelhos e com uma sede que me fechava a garganta, ouvi um clarim de retirada. Naquele rebuliço, a fumarada a tudo cobrindo, me extraviei de minha tropa. Vi-me prisioneiro de um inferno, fui passando por gaúchos mortos e feridos, num chão todo ensanguentado, onde relinchos, rosnados, pragas e lamúrias se juntavam aos gemidos dos agonizantes que invocavam o nome do Altíssimo, clamavam pelas mães e elevavam preces aos céus. Ouvindo essas vozes e lamentos, me esgueirei para o mato deixando para trás aquele cheiro ocre de sangue. Confesso que testavilhei daqui para ali e tive ânsias de vomitar, e devagarito fui entrando no matagal.

Ouvi uns gritos à minha retaguarda e mais do que rápido me pus em prontidão, me abaixando. Olhei e vi, na fralda da coxilha, para minha surpresa, montados; o grosso das tropas republicanas era infante, uma "mati-

lha” de pica-paus se reunindo. Eles também me viram, e ouvi que aos gritos ordenaram a um próprio:

- Persiga aquele maragato e não lhe dê trégua, não lhe dê condição.

Veio ele na carreira em minha direção. Acabei de entrar no capão e dei a volta em um centenário pinheiro e me pus em guarda. Quando o cavaleiro se aproximou e da carreira passou a um trote, e com olhos espertos vasculhava o ambiente à minha procura, eu reconheci o mulato. Era o Joca, meu colega, o marceneiro.

Quando ele grudou os olhos em mim, de imediato me reconheceu, e vendo que eu empunhava um facão, ficou surpreso, mas apeou do rosilho sorrindo e de braços abertos. O Joca tinha enorme envergadura, me abraçou como o pai abraça o filho. Joguei meu facão no chão. Meu facão era de estima: andava comigo há muito tempo, tinha lâmina em aço alemão, o cabo era de madeira com detalhes em osso, a lâmina tinha como marca o sinal de uma caveira, tinha ao longo da folha dois traços e a marca de um balaço, resultado de um entrevero na bailanta do Vavá. Respondi àquele abraço com um grande “quebra costelas”.

O Joca, com aquela voz profunda, pausada e melodiosa que caracteriza a raça negra, já foi me dizendo:

- Vamos papear, ali, na beira da sanga.

Tio Salustiano parou a prosa, tomou um gole de chá, nos olhou, e eu vi nele uma lágrima escorrer pelo canto do olho. E ele pigarreou de novo e disse:

- Vou contar para vocês quem foi o Joca.



O Joca, filho do negro Aristides e da “tia” Joaninha, se criou com o pai dentro da oficina de marcenaria que ficava, bem ali, na avenida, já na saída para Soledade. Pois foi naquele barraco, cortando madeira, aplainando, apertando parafusos, colando e pintando, que ele aprendeu a profissão.

Foi meu amigo e colega de escola. Embora fosse de minha idade, era um crioulo de corpo avantajado e sempre me defendeu naquelas brigas e desavenças que ocorrem entre a piaçada. Estudávamos e brincávamos juntos. Quando ficamos moços, já com a barba cerrada, nos reuníamos aos sábados à noite nos fundos da marcenaria, e com os cavacos que sobravam das lides de marceneiro, fazíamos fogo e assávamos carne, churrasqueando junto com nossos pais. Papai tocava viola, e foi justamente ali, naquelas noites alegres e de saudosa recordação, sob o som das cordas, que aprendi a fumar, a tomar canha e a dançar com minha mãe e até com a mãe do Joca, a Joaninha, que eu chamava de tia.

Num determinado momento, o Aristides resolveu se mudar para Cruz Alta, onde viviam parentes que lhe ofereceram vantagens para trabalhar na profissão. Aristides, então deixou Joca tomando conta da marcenaria, pois ali tinha uma clientela fiel, e assim o filho se preparava para o futuro.

Nessa época, chegou à cidade uma família de castelhanos, uruguaios, os De La Fuente, vindos de Quaraí, com o intuito de trabalharem com madeira. O pai fazia a extração do pinheiro e de outras madeiras nobres, fartos na região, e os filhos beneficiariam a madeira em uma serraria bem montada.

Os uruguaios traziam a fama de violentos e de tentarem pela força se impor na sociedade. Dizia-se que por

esse comportamento saíram meio corridos da fronteira, Quaraí – Artigas.

O patriarca era Lorenzo De La Fuente, a madre era Anita, os filhos homens, Diego, Pablo, Ruan, Murilo e a filha, Paloma.

Não demorou para se constatar que a notícia que com eles chegou era verdadeira, pois os homens logo se meteram em brigas e confusões, e o pai sempre os apoiando.

Após montarem a serraria, o pai, a mãe e os filhos mais novos Ruan e Diogo se deslocaram para o Alto Uruguai. Lá arrendaram uma área para a exploração da madeira. Murilo e Pablo, 24 e 26 anos ficaram em Passo Fundo para operar a serraria e cuidar de Paloma, a caçula, 18 anos. Paloma, além de estudar se encarregava das atividades domésticas e atendia o escritório da serraria.

João Carlos, o Joca, foi praticamente o primeiro cliente da nova serraria, pois a madeira de pinho e de outras espécies que ele necessitava para a sua carpintaria era ali encontrada com fartura e qualidade. Fez, por isso, amizade com os castelhanos.

Mas a amizade que ele realmente desejava era a de Paloma.

Paloma não tinha preconceito de cor e logo se interessou pelo negão. Joca amiudou as visitas ao escritório da madeireira. Às vezes comprava algumas peças de madeira sem necessidade; dividia as compras em dois ou três pagamentos com a concordância da castelhana para poder estar lá com maior frequência. Tudo era motivo para o Joca se fazer presente no trabalho daquela fêmea, que tinha pernas longas, olhos castanhos, cabelos negros e lábios carmim. Ao sorrir, seus olhos brilhavam, e em seu rosto se formava uma covinha, que trazia junto

consigo dentes alvos e brilhantes que o cativavam. Ele sabia dos riscos que estava correndo, pois os irmãos da guria não eram trigo limpo.

Passaram-se meses, e numa oportunidade Paloma foi à marcenaria com a desculpa de cobrar uma conta. Conversa vem, conversa vai, e Paloma em pé junto a um armário em que o carpinteiro passava uma lixa fina lhe roubou um beijo. Aquele gesto foi a chave que liberou o Joca, os desejos sempre muito contidos afloraram. Ele a tomou nos braços ternamente e a beijou com volúpia. Aquele abraço apertado, os dedos da mão esquerda revolvendo os cabelos, sentindo a maciez da nuca, a outra mão presa à cintura, o perfume da mulher e o calor dos beijos resultaram em violenta ereção. Ela percebeu o negão afogueado, o empurrou e saiu correndo para casa.

Passados alguns dias, João Carlos soube que os irmãos tinham viajado. O velho Joca não perdeu tempo, ansioso e cheio de amor, foi até a serraria. Era um dia fresco, o sol já começava a se esconder com uma mancha vermelha por trás de laranjeiras, limoeiros e abacateiros que povoavam a lateral da serraria. Com certa ânsia, ela se pôs a preencher bloco de pedidos, descrevendo a madeira que o Joca desejava. Enquanto ela escrevia de cabeça baixa, com letra desenhada, ele levou a mão sobre a escrivainha, acarinhou aquela mão macia com longos dedos e unhas pintadas de vermelho, e ela, ainda de cabeça baixa, levou a caneta até a boca e a pressionou com os dentes, e como que pensativa, enfiou o pé por debaixo da bainha da calça do crioulo e com os dedos acariciou sua perna, sentindo seus pelos eriçarem. Levantaram, olho no olho, bocas sedentas, um longo abraço, um beijo quente. Ela fechou a porta e o puxou para o quarto. Lá fora o sol dava seus últimos suspiros, e a lua cheia mostrava toda sua beleza naquele brilho intenso que tira suspiros dos amantes.

Os encontros furtivos continuaram, mas o destino que sempre está à espreita preparava um labirinto que mudaria a história do Joca, de Paloma e de seus irmãos.

Dois meses depois do primeiro encontro amoroso, Joca foi chamado a Cruz Alta, porque o pai estava doente, tuberculoso. Joca viajou imediatamente, ficou aos pés do pai por quatro meses, atendendo-o dia e noite, até que a morte levou o negro Aristides.



Nos últimos dias em Cruz Alta, enquanto aguardava a missa de sétimo dia, para então retornar, recebeu perfumada e saudosa carta de Paloma. Nessa missiva, ela lhe informava, com alegria, que estava grávida e, com tristeza, que os irmãos, por esse fato, a tinham expulsado de casa. Informava, também, que se mudara para a marcenaria. Essa atitude tinha demonstrado aos irmãos, que estavam muito zangados, quem era o pai da criança.

Joca chegou e a encontrou com uma barriga saliente, foi todo carinho e proteção. Não acreditou que Murilo e Pablo viessem até a marcenaria para algum tipo de satisfação, já que tinham expulsado a irmã, e ele a tinha acolhido e, como toda a vizinhança já sabia, eles iam se casar.

Mas nem sempre o que se pensa acontece, e num sábado à noite, os irmãos bêbados derrubaram a porta à sola de botas. Não precisavam ter feito isso, pois se observassem o local veriam que em razão do calor todas as janelas estavam abertas. Entraram com facas em riste. O casal dormia. Joca, com o barulho e o acender da luz, se levantou de pronto e, ao chegar a sala, foi cercado pelos irmãos. Se negacearam, eles respeitavam o

Joca, pois o negão era bruto, mas eram dois e estavam armados de ferro-branco. Quando o João Carlos, seguro por Murilo, ia ser esfaqueado por Pablo, Paloma entrou, aos gritos, na frente da peixeira do irmão e recebeu um golpe fatal. Na confusão, Joca empurrou Murilo e pulou a janela. Os irmãos ficaram gritando:

- Volte, covarde! Volte, covarde!

Mas o Joca não era homem de fugir.

Ele pulou para a noite escura, volteou a casa e entrou pela cozinha, a porta era apenas trameçada. Lá, tateando no escuro, apanhou uma adaga que estava pendurada pela bainha em um prego junto ao fogão, voltou para a claridade da sala e matou os invasores que, surpresos e bêbados, sequer conseguiram reagir.

Joca chorou muito com Paloma nos braços. Ele a amava. Ela levou junto o filho que eles esperavam com tanta alegria. Nos primeiros raios de sol, ele se dirigiu à casa do Ferrinho, Antônio Ferro, seu aprendiz e ajudante, contou o acontecido, pediu que providenciassem o enterro e que cuidassem da marcenaria. Ele retornaria. Agora, no entanto, seguiria outro caminho, pois temia que o pai de Paloma e seus outros irmãos viessem para vingar as mortes, e ele não queria ter esse enfrentamento, não por covardia, mas por entender que faria novas vítimas e em respeito à memória de Paloma não queria assassinar seu pai e seus irmãos que não tinham culpa no acontecido.

Montou e se apresentou ao comando pica-pau. Estava desorientado, poderia ter se apresentado aos maragatos, acontece que naquele momento os pica-paus estavam mais próximos. Em verdade, naquele instante Joca queria encontrar a morte, tivesse ela onde estivesse, não importava, se carregava no pescoço qualquer cor

de lenço, fosse ele branco ou colorado.

Ao comando explicou o que tinha ocorrido e jurou permanecer e ser fiel às tropas e ao lenço branco pelo tempo que fosse necessário. E assim fez.

Meu tio-avô tomou mais um pouco de chá e visivelmente emocionado continuou:

- Descemos até a sanga, uma água fria rolava por entre pedras polidas, peixinhos alheios aos problemas dos homens nadavam dando cores àquele líquido transparente que, ofendido pelos raios do sol, tomava cores do arco-íris. Lavei bem as mãos que estavam sujas e cheiravam a sangue, Joca fez o mesmo, lavou também o rosto e o pescoço. Fiz concha com a mão e bebi aquela água gelada até encher a barriga.

Descansamos sobre um banco velho, construído com madeira roliça, preso a uma árvore muito antiga, da qual pendiam fiapos de barba-de-pau, arte, certamente, de algum pescador. Joca tirou do bolso da bombacha uma bolsinha cheia de fumo picado, cheiroso e amarelinho, no bolso traseiro tinha algumas palhas de milho, já preparadas. Repartimos um palheiro com muito gosto, com certa avidez.

Mostrou-me uma bela pistola que tinha “herdado” em outra refrega de um castelhano. Nos lembramos dos churrascos na marcenaria, da viola de meu pai, da gaita do seu. Depois baixou a cabeça e contou-me de Paloma, de seus irmãos e da tragédia, os olhos do negão ficaram cheios de água.

Levantamos, nos abraçamos novamente, e ele, então, pediu meu lenço colorado, todo manchado de sangue. Tirou também o seu lenço, que fora branco, agora era ruço, empoeirado. Usando de seu costumeiro bom senso, deu neles um nó escoteirado. E falou:

- Levo este lenço comigo, para os companheiros olharem. Não se inquietarão mais contigo, não voltam para te campear. Abraçou-me de novo e disse-me. - É bom você se alongar.

A emoção foi tanta que me esqueci do meu facão, que ficou lá atirado, embaixo daquele frondoso pinheiro, sabe lá quem o achou!

Atravessei uma pinguela e do outro lado do regato voltei a beber água, a sede era muito grande. Ao longe ainda ouvia alguns gritos e tropel de cavalos.

Após boa caminhada, com cuidado fui saindo do mato, que era denso e me deu boa cobertura. Ao longe, nuns ranchos que rodeavam pequena capela, vi meu povo maragato.



A tropa foi se reorganizando, eu infante, pois não havia cavalos para meu uso, seguimos em direção a Soledade. Não sei se foi a água do regato, o que não acredito, pois era cristalina, desconfio que foi algo que comi, naquelas condições, sem muito zelo e higiene, e para minha desgraça, padeci de febre, vômito e diarreia. O médico da tropa me hospedou no rancho de um simpaticizando maragato. Esse caboclo, Manoel, que era guasqueiro<sup>16</sup> e raizeiro, numa dedicação surpreendente, além de me alimentar, me medicava de hora em hora, até que me arribei. Eram chás de cascas e folhas de pitanga, de goiabeira e romã, além dos refrescantes chás de camomila e de hortelã.

Preciso também contar a vocês o fato que aconteceu, poucos dias antes de eu ir embora dessa querên-

<sup>16</sup> aquele que trabalho com guascas – tiras de couro cru, confecção de laços e sovêus.

cia. Na época, andavam por essas coxilhas desordeiros transvestidos de maragatos e de pica-paus, com o intuito de assaltar, roubar, assassinar e estuprar. Se estavam de lenço branco, procuravam fazendas e ranchos de maragatos, e o contrário também era verdadeiro. O sol já estava se deitando, os pássaros procuravam o ninho, Manoel e a filha Julieta mexiam nas panelas, eu, a conselho deles, estava deitado repousando, e na quietude daquele ambiente, sentindo o cheirinho gostoso de boia que vinha da cozinha, sonhava em logo partir. Foi quando ouvi barulho de cascos e o relincho de um cavalo. Espiei pelo vão da janela e foi o tempo de ver três sujeitos apeando e gritando:

- Oh de casa! Oh de casa! Tem pouso, tem boia?

Quando o velho Maneco abriu a porta, eles entraram num repente. Ouvei e vi, agora por pequena fresta na porta junto à dobradiça, que um deles agarrou a moça, que gritou desesperada.

- Não! Me largue! Me deixe!

Ele pediu entre dentes, esfregando os lábios em seu pescoço:

- Calada, sua putinha barata. Depois de eu te trepar, você vai me fazer um belo jantar.

O outro, um castelhano com um farto bigode e sorrindo com dentes de ouro, pressionava o pescoço do dono da casa contra a parede e pedia aos gritos:

- La plata! La plata!

Me abaixei devagarito e peguei meu revólver embaixo do travesseiro. Voltei para o canto junto à dobradiça. A fresta me dava alguma visão da cozinha e eu ficava atrás da porta caso esta fosse aberta. O terceiro veio em direção ao meu quarto, torceu a maçaneta e, antes de abri-la, fez couro com o castelhano.



- Toda a prata, velho desgraçado, ou estrupamos e degolamos tua filha.

Em ato contínuo foi abrindo a porta. Ao primeiro passo, o alvejei na cabeça e pulei para a cozinha. A surpresa foi grande. Me olharam com olhos esbugalhados. O castelhano largou o pescoço do velho, mas não teve tempo de nada fazer, pois o acertei no peito. O que agarra a moça e não tinha arma de fogo, rapidamente, a empurrou para cima da mesa e apanhou a sua lança que estava encostada na parede e veio para me lancetar. O Manoel, agora livre, o empurrou, mas o maldito era um homem forte, e mesmo testavilhando, querendo cair, lancetou meu joelho. Este joelho que me dói constantemente e que me deixou com a perna quase dura.

Papai fez a pergunta que todos estavam prontos a fazer:

- E você, também, atirou naquele filho de uma cadela, Salustiano?

- Naquela confusão de gritos e urros, o empurrão do Maneco me tirou ele da mira e meu tiro se perdeu no vazio. Mas a Julieta agiu com frieza e rapidez, mesmo pálida como uma vela, foi rápida como uma águia. Apanhou a peixeira que estava em cima da mesa e cravou nas costas daquele que tinha dito em seu ouvido que ia estuprá-la. Foi um golpe matador.

Eu, gemendo e pulando num pé só, com auxílio da moça fui carregado para o quarto. Imobilizaram minha perna, fizeram logo banhos na ferida com erva-cidreira, para aliviar a dor, e me deram para tomar chá de louro além de um preparado de erva-doce, canela em pau e mostarda para combater a infecção e facilitar o sono.

O local do ferimento foi tratado por dias com uma infusão de álcool, malva, erva-baleeira e arnica. Meu joe-

lho ficou livre de qualquer inflamação, mas alguma coisa interna foi rompida, e o movimento do joelho ficou prejudicado. Esta dor me acompanha há anos, e à medida que vou envelhecendo ela me incomoda cada vez mais.

Julieta, que nos momentos em que enfrentei a diarreia, jamais se aproximou de meu quarto, provavelmente por ordens de seu pai, agora, me tratava com desvelo. Era, minha enfermeira. Foi tanta a sua dedicação, que não tive sequer febre, a dor, continua, me perseguiu pra mais de uma semana.

Manoel e Julieta enterraram os malditos, deram um repasse em seus bens e encontraram alguma prata, anéis, alianças, corrente de ouro, joias e outras quinquilharias.

Manoel era um homem boníssimo. Além de me curar com suas ervas, me deu o belo cavalo do castelhano e um anel de esmeralda. O cavalo também era tobiano, e já fui lhe dando o nome de Galante. O anel, se repararam, está no dedo de Alzira. Cheguei em casa magro e com a perna dura. Mas agradecido ao caboclo, à sua filha e a Deus por terem me salvado.

As peleias se deslocaram para outras bandas, e uns quarenta dias depois da Batalha do Pulador, a maior daquela revolução, hoje se fala em mais de mil mortes. Gumercindo Saraiva, o grande líder maragato, foi morto em uma emboscada quando vistoriava os campos para preparar sua tática para a Batalha do Carovi, lá no Santiago das Missões. Os reboliços prosseguiram e, em 24 de junho de 1895, no combate de Campo Osório, Santana do Livramento, o almirante Saldanha da Gama, à frente de um contingente de 400 homens, lutou até a morte contra os pica-paus comandados pelo general Hipólito Ribeiro. A derrota acelerou o processo de paz, que foi assinada no dia 23 de agosto de 1895, em Pelotas.

Passaram-se alguns meses, estava eu quieto em minha fazenda, muito pouco ia ao povoeiro, pois maragatos e pica-paus continuavam se estranhando, e não convinha mexer com marimbondo surrão. Era melhor deixar a poeira abaixar. Para minha surpresa, certo dia, no cair da noite, a lua minguante, já se fazia presente, eu tinha acendido minha velha candeia à querosene, presa em um prego na parede, e tomava tranqüilamente meu chimarrão, quando ouvi um - Oh de casa! Oh de casa! E saindo das sombras, me apareceu um cuera montado em uma mula preta.

- Se acheque, companheiro, seja bem-vindo.

O xiru boleando a perna foi pedindo:

- Com sua permissão!

- Pois não! Se acheque! Venha tomar um chima.

Apresentou-se como sendo Antônio Ferro, conhecido como Ferrinho.

O gauchito se sentou, me fazendo companhia, chismarreamos, falando de coisas triviais: do tempo, da saúde, das plantas e do gado. Daí, então o visitante entrou no assunto que o trouxe a meu rancho.

- Meu amigo, te trago notícias do João Carlos, o Joca. Pois há de ver que o nosso amigo quando voltou da revolução, lá do Carovi, chegou curvado, febril, magro e com uma tosse danada. Andou tomando umas ervas, umas garrafadas e nada. Por fim, resolveu fazer uma consulta e a tísica o tinha agarrado. Deve ter pegado a doença do pai, que ele tratou por tantos dias lá na Cruz Alta.

Acompanhei os últimos dias do carpinteiro. Foi sofrido. Ele antes de morrer pediu que eu lhe entregasse uma encomenda. E foi até a mula, tirou de uma mala de garupa um jornal, que embrulhava um embornal.

A notícia me deixou baqueado, enxerguei de imediato a figura do Joca, do Joca irmão, companheiro, amigo. Senti meus olhos molhados, uma tristeza imensa se derramou em meu coração.

O xiru me bateu nas costas me animando e com um sorriso tímido me entregou o embornal. No interior daquele saco de lona, estavam os panos atados, do Joca o lenço branco e o meu velho colorado.

Se eu já estava meio baqueado, olhar aqueles lenços ainda com o nó direito foi demais, levei no peito um tranco, fiquei meio abobalhado. Mas o Ferrinho era ajeitado. Foi dentro do rancho e, não sei como, encontrou uma cachaça e me trouxe numa caneca de Alumínio. Dei uma talagada, respirei fundo e ouvi da boca daquele paisano todos os detalhes da morte do meu amigo Joca.

Quando fez um mês de sua partida, fui visitar o campo santo, numa tarde de céu azul. As acácias mimosas enfeitavam a entrada do cemitério, o vento manso levava as pétalas amarelas e as distribuía por entre aquelas ruelas estreitas. Com informações do vigia, encontrei o túmulo da família Silva. Tinha levado comigo um lenço branco, seu manto. Com ele envolvi os braços da cruz que ficava na cabeceira da sepultura. Num vaso, coloquei coloridas hortênsias e, ao pé do sepulcro, plantei uma roseira, com belo galho enxertado, rosa branca trepadeira, e o enxerto avermelhado.

Fiz minhas orações e me despedi do amigo. Lembrei-me que ele queria morrer em combate, queria que uma lança de guamirim vasasse seu coração, apagando dali a saudade que sentia de Paloma. Mas os desígnios foram outros, e ele morreu peleando com uma doença que foi pouco a pouco lhe consumindo.

Quando finalizou está prosa, tio Salustiano estava visivelmente cansado e emocionado. Levantamos e fomos para os quartos. Foi a última vez que vi meu tio-avô.



As lidas, minha formação, minhas andanças pela capital e por outros estados me afastaram de minha terra e daquele parente que eu tanto admirava. Até que numa visita que fiz a meu pai, vindo da capital, recebi a notícia, pois notícia ruim sempre nos encontra. Fiquei muito triste ao saber que Salustiano, já viúvo, tinha morrido sozinho na fazenda. Suas terras ficaram abandonadas por muitos e muitos anos; a casa em que faleceu virou tapera, teve uma parte queimada; os campos viraram capoeira; a gadaria foi vendida pelos herdeiros, que aguardaram anos, por desacertos, para vender a terra, o que aconteceu quando uns italianos a adquiriram para a pecuária e para o plantio de trigo.

Olhei novamente as fotografias, passei os dedos sobre elas. Uma saudade, uma nostalgia abraçou meu peito, e lágrimas rolaram de meus olhos. Lembrei-me que naquele dia meu pai me surpreendeu ao me entregar um embornal de lona, amarrado com um tento. Embornal de cor verde, verde-azeitona, envelhecido e meio sebento, custei a perceber o que era aquilo, e meu pai, vendo meu espanto, falou, ouço sua voz cantando em meus ouvidos:

- É o embornal do tio Salustiano, guri, aquele que ele contou quando jantou conosco naquela noite tão agradável, lembra? Chegou a mim há algum tempo. Veja como são as coisas, um velhote pelo-duro, que mora há anos com os Sperb, os alemães que têm fazenda pra adiante do Pontão. Pois volteava o velhote de uma caça-

da, se pegou num aguaceiro e se abrigou no velho rancho do tio Salustiano, passou lá horas e encontrou esse embornal no meio de lixos que se acumularam no interior da tapera. Como tu vai ver, junto com os lenços há um poema, certamente escrito por Salustiano. Ele conta em versos, mais ou menos, o que ele nos narrou naquela noite.

Pois não há de ver que o pelo-duro, como eu percebi de imediato, gosta de escrever, e disse que gostou muito do poema e se atreveu a fazer uma introdução. Bueno, você vai ver. Sabe, até que ficou bonitoço.

O caçador sabia que aquelas terras e aquele rancho abrigaram parentes nossos e, num gesto de amizade, me trouxe essa relíquia. Ao abri-la, reconheci e fiquei emocionado. Agradei por demais ao índio velho que tirou um tempo para me trazer esse presente. Quero que esse material fique contigo. Você é jovem e conservará essa preciosidade e um dia contará para teus filhos esta história e mostrará a meus netos essa recordação.



Aticei novamente o fogo, joguei uma acha de camboatã no meio do braseiro, levantei e fui até o baú que fica aos pés de minha cama. Apanhei o embornal. Estava lá, do jeitinho que recebi de meu pai.

Voltei para o redor do fogo, abri, como fiz tantas vezes, aquele saquinho, e mais uma vez lá estavam o lenço colorado manchado de sangue e o lenço branco ruço manchado de poeira e pólvora, e o poema, naquele papel amarelado, escrito, sabe-se quando por meu tio.

Fiquei com aqueles panos "sagrados" em minhas mãos. Estou ficando frouxo. Lágrimas correram de meus olhos.

Guardei tudo de novo e voltei a me lembrar de meu pai, que me confidenciou naquele dia, quando, sóltos no mais, assávamos uma costela e brindávamos com cálices de uma pura vinda lá das margens do Rio Uruguai.

- Meu filho, como eu gostaria de ir atrás daquele facão.

- Qual facão, papai?

- Aquele facão Antônio Bento! Aquele que o tio Salustiano esqueceu embaixo do grande pinheiro. Lembra que ele nos contou? Será que ainda existe?

- Sim, pai, eu estava meio distraído, agora lembro. Deve existir, pois era de aço alemão, o cabo, que era de madeira, certamente o tempo comeu. A lâmina, papai, é fácil de reconhecer. Lembra que ele falou que ela tinha a marca de uma caveira e o sinal de um balaço?

- Isso mesmo, meu filho. Um dia destes me armo de coragem e quem sabe convido algum companheiro, quem sabe o Catarino, meu amigo velho de guerra, e vamos escarafunchar aqueles matos do pulador, catamos pinhão e procuramos o facão.

As palavras de meu pai estão ainda nos meus ouvidos. Levanto novamente, vou até a churrasqueira, como que para me certificar, e lá está ele, preso na parede em cima de um aparador de imbuia onde descansa um vaso com flores, o velho facão, que recebi de meu pai. Está lá, frio, recuperado, brilhando, marcado pela caveira e pelo balaço. Meu pai o encontrou, mas isso é outra história...

*Este conto tem como pano de fundo a Revolução Federalista de 1893 - "A Revolução da Degola" - com ênfase ao evento ocorrido em 27 de junho de 1894, nominado de Batalha do Pulador, ou Batalha de Passo Fundo.*

*Obras consultadas:*

*Paulo Monteiro – Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo;*

*Jabs Paim Bandeira – A Batalha do Pulador;*

*Internet: Fernandokd (05.01.2013) – Arquivado em História do Brasil, Período Republicano – 1893 – Revolução Federalista em Passo Fundo (RS);*

*Fernandokd (05.01.2013) – Arquivado em História do Brasil, Período Republicano – 1894 – Batalha do Pulador (RS);*

*Wikipédia, Batalha de Passo Fundo;*

*Wikipédia, General Gumercindo Saraiva.*

## **Revolução Federalista ou Revolução da Degola 1893 – 1895**

### **Batalhas ocorridas na região de Passo Fundo:**

<i>Tope</i>	<i>– 28/05/1893</i>
<i>Passo dos Brito</i>	<i>– 03/06/1893</i>
<i>Boqueirão</i>	<i>– 04/06/1893</i>
<i>Campo do Meio</i>	<i>– 12/10/1893</i>
<i>Arroio Teixeira</i>	<i>– 20/11/1893</i>
<i>Butiá</i>	<i>– 26/11/1893</i>
<i>Passo do Cruz</i>	<i>– 20/12/1893</i>
<i>Umbu</i>	<i>– 16/01/1894</i>
<i>Valinhos</i>	<i>– 08/02/1894</i>



<i>Pontão</i>	– 01/06/1894
<i>Jaboticabal</i>	– 04/06/1894
<i>Três Passos</i>	– 06/06/1894
<i>Pulador</i>	– 27/06/1894

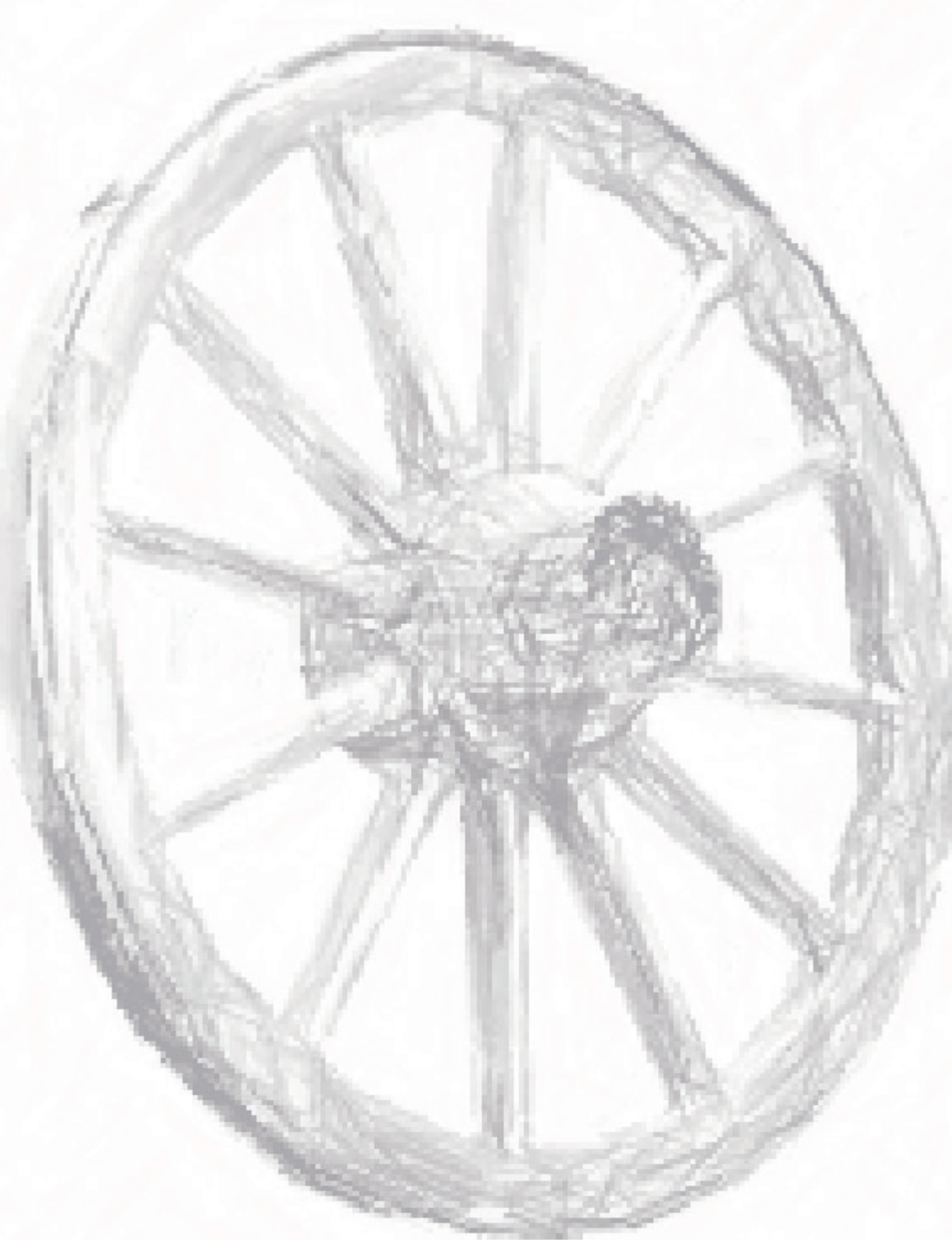
## **Guerras e revoluções com a participação gaúcha**

### **Linha do tempo:**

<i>Guerra Guaranítica</i>	– 1753 – 1756
<i>Guerra Cisplatina</i>	– 1825 – 1828
<i>Revolução Farroupilha</i>	– 1835 – 1845
<i>Guerra contra Oribe e Rosas</i>	– 1851 – 1852
<i>Guerra do Paraguai</i>	– 1864 – 1870
<i>Revolução Federalista</i>	– 1893 – 1895
<i>Revolução de 23</i>	– 1923
<i>Revolução de 30</i>	– 1930
<i>Revolução de 32. Constitucionalista</i>	– 1932

**Maragatos** – Revolucionário Federalista ou Partido da Revolução Rio-grandense de 1893 / 1923. Seguidores Gaspar Silveira Martins e de Gumercingo Saraiva.

**Pica-paus** – Eram chamados os combatentes seguidores de Júlio de Castilhos durante a revolução de 1893 no Rio Grande do Sul se opuseram aos maragatos.



WHEEL FROM AN OLD WAGON

# O FACÃO

*Em agosto de 2013 o autor escreveu  
o poema Pinheiro do Pulador - Lenços II.  
O conto a seguir baseia-se neste poema.*

Tchê do céu...! Nem te conto! Nestes dias andei numa alegria só! Agora ando meio abichornado! Pois tu não hás de ver que minha neta, a filha do Antônio Bento, e minha nora, aproveitando mais uma greve dos professores, se achegaram lá da capital e passaram uns dias por aqui. Foi bom demais, parceiro! A guria passou uns bons dias comigo e agora partiu, deixando só saudades e uma casa vazia.

Maria Cláudia tá com dez anos. Esperta como ela só. A guria sabe que é o meu xodó, e se aproveita disso pra "explorar" o vovô. É chocolate, é sorvete e picolé, é lanche, é uma calça, um sapato, até vestido me pediu. Tive que pedir para a mãe dela nos ajudar na escolha, como é que eu ia, sozinho, saber escolher?

Já nos primeiros dias, se foi para a fazenda comigo. Lá aproveitou o que deu: leu muito, pois tenho uma biblioteca de primeira, com livros e revistas. Ela adora ler. Cavalgou, e muito, no Tango, um cavalo feito para criança andar; se banhou e pescou no açude; comeu frutas; tirou e tomou leite, leite quentinho saído do teto da vaca, puro ou misturado com chocolate ou mel, to-

mou de ficar com o bigode branco; correu atrás das ovelhas, dos cabritos, das galinhas, sempre acompanhada da cachorrada, principalmente do Pinóquio, seu cachorro preferido. Toda vez que fui para o campo, me acompanhou, fosse eu de carroça, levando sal até os cochos ou madeiras para cercas, ou a cavalo, quando repassamos o gado, tratando bicheiras ou curando umbigos da terneirada. Tenho certeza que lá ela se sente em casa, sempre feliz e animada. À noite, em roda do fogão, eu lhe contei histórias do Rio Grande, da fazenda, das lidas, do amansar de cavalos, das pescarias. Às vezes, eu inventava algumas mentiras só para vê-la sorrir, mas, como à noitinha ela já tava cansada, era um upa e teve ouvindo a minha lenga-lenga ela já derrubava, o pescoço prum o lado e ressonava. Então, com todo o carinho eu a levava para a cama.

Aqui na cidade, ela ficava mais na casa dos avós maternos. Lá além da mãe e da avó, tem os primos. Mas nunca me abandonou; a cada dois dia vinha me visitar. Eu botei um dinheirinho na bolsinha dela, e quando ela se achegava aqui para casa, lá pelas quatro da tarde, aproveitava e passava na padaria Bom Jesus, aquela do Quinca, comprava pão cabrito, cuca, bolachas e outras guloseimas e vinha pulando tomar chá com o vovô. Você sabe como é, eu ficava babando de felicidade.

Numa tarde de chuva, ela chegou toda feliz e satisfeita, alegre como sempre. Depois de um abraço bem apertado, eu fui lhe falando:

- Claudinha! Espera um pouquinho, deixa eu terminar esta lida que está me deixando agoniado, e aí vamos fazer nosso lanche.

Ela se pôs a ler um gibi, enquanto eu terminava de retirar umas caixas acomodadas dentro de um velho armário. Eu mexia com certo nojo, pois na noite anterior

vi uma ratazana entrar sorrateiramente na parte inferior do móvel, exatamente onde eu guardo alguns papéis da fazenda. O local estava uma esculhambação, papel cortado, certamente para construir um ninho, cheiro de fezes e de urina. Tirei tudo para fora, no desejo de queimar aquelas caixas e aquela papelada que já não tinham mais serventia. Fiz toda a higiene possível. Coloquei uma ratoeira para tocar aquele ser indesejável. Nessa tarefa, para minha surpresa, encontrei num cantinho, ali, abandonado, certamente há anos, um pequeno boneco de madeira articulado com elástico. Você sabe aqueles que se aperta com o “dedão” uma caixinha localizada na parte inferior, afrouxando os elásticos, e o boneco, como por magia, se desequilibra tomando interessantes posições. Braços, pernas, cabeça e mesmo o corpo acabam por se desmilinguir, chamando a atenção e mesmo provocando risos.

- Maria Cláudia, olha aqui o que achei. Foi de seu pai. Dá uma lavada e vê se ainda funciona?

Ela, mais que depressa, e toda curiosa, tomou o objeto, higienizou com bucha e sabão, para completar passou álcool, e ficou ali brincando, cruzando as pernas do boneco, balançando os braços. O fantoche se ajoelhava, pendia a cabeça ora para um lado, ora para o outro, ficava com uma perna mais curta, e assim por diante. E foi quando uma perna ficou mais curta, deixando-o coxo, que ela se pôs a sorrir e falou toda alegre, mostrando aqueles dentinhos brancos e fazendo uma covinha encantadora na bochecha:

- Vovô! Vô Carlos! Me esqueci de lhe contar que ontem, quando saía da padaria, encontrei um casal de mancos.

E ainda sorrindo continuou.

- Vovô, foi muito engraçado, enquanto um manquitolava para a direita o outro pendia para a esquerda. Quando se descuidavam, batiam com o ombro um no outro. Uma hora por distração bateram até a cabeça.

E continuou sorrindo, um sorriso flouxo, alegre, aquele sorriso de criança levada e cheia de vida.

Eu lhe passei a mão nos cabelos, lhe dei um beijo na testa e falei sério:

- Maria Cláudia! Maria Cláudia! Eu sei que tu estás exagerando nesta tua prosa, mas lembre-se que a gente não ri nem brinca com a desgraça alheia.

- Eu sei! Eu sei, vovô! Mas tava muito engraçado.

- Quem eram eles? Velhos ou moços?

- Eram novos, vovô. Ela morena, de cabelos cacheados, saia xadrez verde-musgo, blusa branca e um lençinho verde-claro no pescoço, ele também moreno de cabelo cheio, de bigode e barba por fazer, bombacha cinza e camisa branca, botas, lenço e chapéu negros. A bota, vovô, no pé direito tinha um solado grosso, acho que era para dar maior equilíbrio, para compensar, mesmo assim manquitolava. Viu como eu sou observadora, vovô? Ela, vovô, usava uma bengala, não sei se o sapato era especial, com sola mais grossa, pois a saia dela ia até o chão.

Peguei um pão cabrito, abri no meio, enquanto pensava fui passando um pouco de banha e borrifei um salzinho por cima daquele miolo tenro e ainda quente.

-Bueno, minha neta, vou lhe dar mais um motivo para não rir dos que mancam, pois, teu nome, Cláudia é o feminino de Cláudio, nome latino que quer dizer aquele que claudica, que é coxo, aquele que manca. Logo, esqueça isso.

- Ih, vovô, que sermão!

- De mais a mais, dona Cláudia, eu conheço essas pessoas. Além de conhecê-las, são meus amigos, o Valdecir e a Roxane, a Roxa. Veja bem, minha neta: cada pessoa que a gente cativa é como a crisálida de uma borboleta que a gente observa presa junto a folha de um vegetal. Com o passar do tempo, ela sempre presa em nosso olhar, se transforma em borboleta, ou seja, numa bela amizade. Um amigo mora sempre no fundo de nosso coração.

- Que lindo, vovô!

- Mas, mudando de assunto, onde está aquele facão que eu dei para teu pai? Aquele facão antigo.

- Mas então você não sabe vovô! Aquele facão é o mimo do papai. Ele mandou fazer um suporte, e o facão está em cima da churrasqueira. Ele não deixa ninguém mexer. Tem ciúmes do velho facão. Sabe vovô? Todos os sábados, ele dá uma polida nele

- Muito bem Maria, eu sabia que teu pai ia cuidar bem dele, pois, aquele facão merece.

Minha neta você avisou teus outros avós que vais pousar hoje aqui em casa? É tua despedida. Nós vamos tomar um chimarrão "bem gordo". Depois eu faço uma janta legal. Você me ajuda?

- Claro, vovô, eu vou te ajudar a fazer a janta e depois lavo a louça.

E assim minha linda neta se despediu de mim, não sem antes me dar um beijo e um abraço bem apertado, como só ela sabe dar.

Pois então! Você acha que eu ando meio acabrunhado, meio tristonho. Você tem razão, a saudade e as lembranças teimam em apertar meu coração. A conversa com Maria Cláudia atçou meu pensamento. Não paro

de pensar: no facção, que agora eu sei estar bem guardado por meu filho; no casal de mancos, que há tempos eu não vejo, e que puseram minha neta a se rir; bem como nos velhos tempos, que em verdade nunca saem de nossa memória. E no que aconteceu a partir daquele final de ano...



Vance sabe! E sabe muito bem, que depois do falecimento da patroa, fui ficando meio largado, mui caseiro, às vezes meio desacorçoado. Mas se sente tchê! Pegue a cuia, vamos parlamentar.

Na época, os filhos me chateavam, insistindo para que eu saísse, fosse a festas, me divertisse, participasse de saraus e outras coisas desse tipo. Recordo agora, com um suspiro no coração, que uns amigos vieram até minha casa para me convidar para ir ao baile de encerramento de ano na bailanta do Cabeto. Eu argumentei.

- A bailanta do Carlos Alberto é um puteiro, não é coisa de família.

Eles contra-argumentaram:

- Tio, no final de ano, como é tradição, o Cabeto, aquele afeminado, abre as portas de seu "bordel", vende todas as mesas para o pessoal da alta, pois enfim, na cidade há outros salões e mesmo clubes, mas muitos não funcionam no réveillon. E de mais a mais, não existe na cidade um salão que desperte tanta curiosidade como o dele. Os homens querem sentir o perfume das perdas que está entranhado em suas paredes, e as mulheres querem ver para onde seus homens fogem e se aconchegam nos braços das desavergonhadas. Além, é claro das luzes e das pinturas nas paredes, obras de um grande



pintor da capital, eróticas, repletas de volúpia e sensualidade.

Eu me rendi e rindo falei:

- Isso vai dar confusão, pois muitas das percantas<sup>17</sup> que frequentam a bailanta são amantes desses ricos da alta.

- Não se preocupe com isso tio. O Cabeto, aquele pederasta, tem tudo controlado. Aquela putaiada não vai se aproximar do nosso réveillon.

Os que me chamam de tio são amigos de meus filhos, que moram na capital e que os orientam a me darem assistência. Como se eu precisasse! Estes meninos são, há anos e anos, muito apegados em mim, pois vivem pescando lá na fazenda. Quando vão para lá, é só festa, caña, cerveja, muito carne, que geralmente eu asso, violão, gaita, piadas, contos e poesias.

- Bueno, bueno, eu só quero ver!

Convencido por aqueles jovens amigos, me fui para o festejo. Banda de música, vinho, cerveja, champanhe, à meia-noite um foguetório de dar inveja e muita comida, e da boa.

Eu fiquei na mesa solito, eu e uma porção de ca-deiras, pois a gurizada, amigos dos meus filhos, alguns recém-casados, outros solteiros, se prenderam nas danças.

Estando sozinho, não precisando conversar, eu tive a oportunidade de observar o povaréu, e aí, você vê de tudo: era mulher casada fazendo zoinho pra homem também casado, uns bêbados tramando as pernas, algumas senhoritas da alta nuns agarramentos escandalosos com o machedo, um velhote dançando e rebolando com

<sup>17</sup> mulheres de vida fácil

a gravata enrolada na testa, querendo parecer moço, e por aí vai... É verdade que a música era de primeira, não se discute: valsas, tangos, boleros, samba e de vez em quando uma marchinha de carnaval, aí então aquele véchio que dançava sozinho parecia um cabrito novo de tanto que pulava.

Lá pelas duas da manhã, as marchinhas de carnaval pegaram firmes e aquela gente, já meio enfrascada, cantava, sorria e pulava, jogando serpentina e confete. Foi bem nessa hora que a Mara, aquela loira de olhos verdes, uma perdição de china, quebrou o combinado com o Cabeto e, qual uma linda gazela, entrou na bailanta. E não há de ver com quem? Com meu amigo Catarino, ele vestindo um terno de linho branco, camisa azul clara e gravata vermelha e ela com um vestido, tubinho branco com detalhes em verde-água, combinando com seus belos olhos. O vestido era agarradinho e mostrava todas as curvas, que não são poucas. O casal entrou a passos de valsa, o Catarino comandando o desfile com um caminhar lerdo como é o seu estilo.

Todo mundo sabe, menos a mulher dele, que ela, a Mara, é enrabichada do "doutor" Castilhos, aquele rábula, que tem ganhado muito dinheiro e mora naquela casa de dois andares na esquina da avenida. E a Mara, coisa de puta, para fazer ciúmes ao Castilho, já foi largando o Catarino na copa. É verdade que sapecou um beijo na bochecha dele, deixando no rosto as digitais vermelhas de lábios macios e carnudos. Desinibida como só ela, e provavelmente de caso pensado, ou até quem sabe combinada com o próprio, já foi pegando pelas mãos o doutor Aderbal que estava apoiado no balcão girando na mão um copo de whisky, que chacoalhava, fazendo ruídos de cascavel. O Aderbal, você sabe, é aquele advogado, solteirão, que tem ojeriza pelo Castilhos, pois,

enfim, são concorrentes. Já se enfrentaram muitas vezes nos tribunais, e ele sempre desdenhou o Castilhos nos corredores do fórum, dizendo a altos brados – Este que se diz doutor, além de não ter formação, nunca lhe ensinaram o que é ter classe.

Mara e Aderbal conversaram por minutos e, quando as marchinhas foram substituídas por uma nova seleção musical, saíram agarraditos, de rosto colado, num bolero pachola. O Castilhos não deixou por menos, pegou a mulher, uma senhora de alta classe, e também saiu rebolando e já na primeira, bem como na segunda e na terceira volta, deu encontros de ombro no Aderbal. Pra amansar a coisa, sentindo o cheiro de pólvora, a mulher do Castilhos, que se nota ser uma dama, assim que terminou aquela dança, carregou o rábula pela mão, apanhou a bolsa e o levou embora. Foi um alívio para todos. A Mara tinha um leve sorriso nos lábios.

Mas o Cabeto de longe a observava. Ele fez um leve sinal e ela entrou pela copa, seguiu em direção à cozinha e por lá sumiu.

Eu fiquei tristonho, até tomei mais uma, porque se foi embora, se reboqueando toda, aquela loira lindaça no mais.

O Catarino, com o rosto borrado de batom, me viu e já foi se achegando. Sorrindo, cantarolava com os braços elevados, como se quisesse me abraçar.

*Adeus, ano velho!*  
*Feliz ano novo!*  
*Que tudo se realize*  
*No ano que vai nascer!*  
*Muito dinheiro no bolso,*  
*Saúde pra dar e vender!*

O índio, alisando o bigode, me abraçou, nem bem sentou e já foi me contando que a Mara o abordou na entrada do recinto, colocou a mão em seu braço e pediu para acompanhá-lo até o interior da bailanta.

- Como não sou de negar carona para mulher bonita, entramos, como tu bem viu, sendo olhados e admirados por todos. Formamos ou não formamos um casal bonito?

- Meu amigo – eu me ri e fui dizendo - você escapou por pouco de apanhar e ser processado pelo Castilhos.



Ficamos ali bebendo uma cervia e jogando conversa fora quando um fato estranho aconteceu. Numa mesa próxima estavam sentadas duas senhoras, ou melhor, uma senhora, possivelmente a mãe, e uma moça, certamente a filha. A moça, eu observei, era de uma beleza singular, morena de cabelos negros cacheados que chegavam até os ombros, olhos claros, verdosos, quase dourados, com longos cílios, o que me deu de imediato a sensação de que era filha de algum gringo, nariz fino arrebicado, boca carnuda, bem delineada, vermelha como romã maduro.

Tudo isso me chamou atenção, porque um moço, imaginei um forasteiro, se achegou naquela mesa e convidou a moça para dançar. Ela sorriu com dentes alvos, apoiando o queixo sobre a mão. Pude ver que as unhas na cor vermelha combinavam com seus lábios. Ela fitava o moço com um olhar que poderia se dizer apaixonado. Ele me pareceu insistir, ela continuou argumentando, a mãe entrou na conversa, ele se mantinha inclinado, com as mãos sobre a mesa. Todos falavam baixo, com discrição. Ele, após tanto argumento, se pôs ereto e gesticulou, sorrindo como se estivesse satisfeito, ela apoiou as mãos na mesa e levantou-se com cuidado, circulando a mesa. Ao fazer esse gesto, observei que trajava vestido longo de malha negra, com decote redondo. Vestido leve que combinava com a noite quente e com o ambiente abafado. Vi, ainda, que uma muleta descansava na guarda da cadeira.

Ele a segurou pelo braço, ela sorriu tímida. A mãe a olhou com olhos de encorajamento, ele de imediato a enlaçou pela cintura, mas todos que acompanhavam aquela movimentação, assim como eu e o Catarino, viram que ela era manca, a perna esquerda era mais curta. Quem melhor observasse, notava um leve inchaço no quadril desse mesmo lado.

O moço a apoiou com carinho, e ela com aparente esforço, procurava se apoiar na pontinha do pé. Assim de forma lenta, eles valsaram e valsaram. Quando de mim se aproximaram, volteando o salão, observei melhor o cavalheiro de tez morena e cabelo cheio.

Quando a música ficou mais agitada, ele a levou para a mesa. Foi convidado a sentar, o que ele fez, me pareceu, com grande prazer. Ela, por outro, lado tinha um alegre sorriso e uma felicidade que se irradiava em seu belo olhar. Mas eu fiquei com certa suspeita: será que aqueles dois já se conheciam?

De qualquer forma, fiquei observando aquela cena, confesso que uma lágrima me escorreu pela face, a velhice está me deixando sensível. O que me emocionou em verdade foi ver um rapaz, tão jovem, ter uma sensibilidade e mesmo a humanidade e a coragem de tirar para dançar aquela bela moça com um defeito tão aparente. Caráter assim não dá em touceira.

Estava eu entregue a esses pensamentos quando o Catarino, que é mais enfiado que pulga em costura, me cutucou com o cotovelo, e insensível como sempre e com aquele humor ácido que lhe caracteriza, com um sorriso meio torto, foi dizendo:

- Meu parceiro, para que esta lágrima, tenha certeza que o jovem não quer ela para carreira.

Eu olhei para aquele traste e tive que me rir, pois ele não merecia qualquer tipo de resposta. Mas tomei uma decisão imediata, levantei, tomei o último copo de cerveja em pé e já fui dizendo:

- Catarino, vamos embora, por hoje já deu.

Ao sair, ainda olhei mais uma vez para o casal. O forasteiro, sorrateiramente, sem que a mãe percebesse, afagava com a ponta dos dedos as costas da jovem. Estaria o Catarino certo?

Na porta, o Cabeto agradecia a todos pela presença, oferecia licor e entregava uma barra de chocolate presa a um pequeno calendário do ano que nascia.

Ao nos ver, se aproximou esvoaçando, qual uma borboleta quando volteia uma flor, tirou do bolso do casaco um lençinho branco rendado e perfumado e foi limpando delicadamente o rosto do Catarino que ainda tinha manchas de batom, e foi lhe dizendo ao pé do ouvido:

- Colega, venha nos visitar, apareça. A Mara está aqui de quarta a sábado.

O Catarino ficou meio branco e constrangido, pois pessoas a nossa volta olhavam curiosas, e ele sapecou com voz grossa:

- Que colega o que seu desinfeliz! Quarta-feira eu volto.

Sáímos para o frescor da noite. O sereno que deixava a grama embaçada foi molhando nossos sapatos, eu olhei de soslaio para o meu amigo e num rasgo de vingança fui perguntando:

- Mas então, colega, quarta vens ver a Mara ou o Cabeto?

Ele deu duas ou três rosnadas, coçou a cabeça e por fim teve que rir.

- Aquele "dama" não se enxerga.

Seguimos, por minutos em silêncio e quando chegamos na esquina eu virei para um lado e o Cata, para minha surpresa, virou para o outro.

- Aonde vai, companheiro?

- Vou visitar as "tias".

- Mas numa hora dessas?

- Amigo estou precisando de um cheiro de mulher e de uns lençóis perfumados. Vamo junto.

- Que que é isso, meu amigo? A esta hora, com o galo quase cantando, eu vou para os meus pelegos. Até amanhã.

- Oh, Cata! Não esquece que uma hora dessas vamos procurar o facão do meu tio-avô.

- Tá certo! Está certo! Um abraço. Vai com Deus. Obrigado pela companhia, boa noite.

- Amém! Boa noite, amigo.

- O Catarino, que você não conhece, é soledadense. Sargento enfermeiro da gloriosa Brigada Militar. Reside há muitos e muitos anos no velho Boqueirão. Catarino é solteirão, e por ser solteirão, foi pouco a pouco perdendo os amigos, alguns morreram, outros foram embora, mas a grande maioria casou. E o Catarino foi ficando solito, pois homem solteiro não encontra espaço junto aos casais. Foi envelhecendo e, por véchio, tem dificuldades em fazer amizades com a nova geração, os interesses são outros. Quando ele deu por si, estava praticamente sozinho.

Você sabe como é, eu passo muitos dias na fazenda e alguns dias na cidade. Quando estou na cidade, sempre me achego, nos fins de tarde, na bodega do Lauriano. Os fins de tarde, o escurecer, aquele lusco-fusco que nos chama para orar a Ave-Maria, o canto dos pássaros procurando o ninho me abatem, deixam meu rancho triste, me trazem lembranças da falecida. Essas recordações são doloridas, e eu, normalmente, a não ser quando recebo alguma visita para tomar um chima, me abrigo na bodega do Lauriano e só saio de lá quando as estrelas já vão altas e o Cruzeiro do Sul aponta para os lados da República Oriental.

Ali, na bodega, enquanto o Lauriano vai vendendo seus secos e molhados, a conversa flui mansa e alegre, seja com os frequentadores ou com os chegantes. Eu, que já sou da casa, pego uma perna de salame, uma fatia farta de queijo e vou preparando um tira-gosto para acompanhar uma caña buena, daquelas que quando agitada faz rosário. Fico ali oitavado no balcão, papeando com um, parlamentando com outro, ouvindo às vezes algum borracho contar uma piada apimentada, e por aí vai. Me alembro como se fosse hoje, como se fosse agora, que numa tarde dessas se achegou na bodega o Catarino.



O homem chegou meio ciscado, se apresentou ao proprietário, se identificou como enfermeiro da Brigada Militar. Informou que tinha comprado a casa do Valdemar na rua de baixo. Aquela que beira o chafariz! Constrangido, perguntou se podia abrir uma conta, uma caderneta, pois faria ali suas compras e gostaria de pagar quando recebesse o soldo.

Simpatizei com o índio e o chamei para uma trela, lhe ofereci o tira-gosto e pedi para o Lauriano que lhe servisse uma marvada como sinal de boas-vindas.

O Catarino é um homem alto, pesado, pescoço grosso e mãos enormes, com entradas no cabelo que o deixam com a testa larga, prenunciando uma calvície que não demorará muito a chegar. Esta careca é compensada por um farto bigode que já apresenta alguns fios brancos. Tem um jeito lerdo de caminhar, alguns dizem que ele é um mangolão<sup>18</sup>, outros o taxam de songamonga,<sup>1</sup> o que dá no mesmo. Mas quem vê cara não vê coração, pois o Catarino é um sujeito de grande coração, enfermeiro de mão cheia, sempre disposto a ajudar quem precisa. Constantemente preocupado com a saúde da vizinhança, com as vacinas da criançada, e com esse jeitão foi pouco a pouco conquistando a vizinhança. Catarino é um bom homem, hoje, assim como você, um ótimo amigo.

A partir desse dia, passamos a nos encontrar com regularidade naquele simpático armazém. Vezes por outra, eu não me chego por lá, e ele, demonstrando preocupação, pois, enfim, é enfermeiro, sobe até minha casa para ver como eu estou. Geralmente eu estou bem, confesso que algumas vezes a tristeza me abate. Mas o Catarino tem o poder de me animar, papeando alegremente, preparando um chimarrão sempre buenaço,

<sup>18</sup> /Songamonga - indivíduo moleirão, molenga.

pois a erva que tenho é de primeira. Assim, mateamos, enquanto ele me conta suas atividades no quartel e eu lhe narro minhas atividades na fazenda e, quando estou de boa veia, lhe conto algumas aventuras, às vezes até alguma mentira, de meus antepassados nas revoluções, o que lhe enche de curiosidade e às vezes lhe provoca grandes risos.

Foi numa dessas charlas que eu contei para o Catarino das aventuras de meu tio-avô Salustiano durante a Revolução de 93, a Revolução da Degola.

Contei para ele, em detalhes, quem foi tio Salustiano. Contei da admiração e emoção que senti, quando eu ouvi, junto com minha família, a sua história. Relatei as batalhas de que ele participou e principalmente da Batalha do Pulador lá em 27 de junho de 1894. Descrevi o cavalo Galante, o amigo Joca, que lutou com lenço branco enquanto o Salustiano lutava com o lenço maragato. Tracei com detalhes o facão que meu tio-avô jogou ao chão à sombra de centenário pinheiro, quando reconheceu o Joca e o abraçou com grande entusiasmo naquela alegria por estar vivo e encontrar um amigo tão querido, naquele ambiente tão hostil. Descrevi o raizeiro Maneco e sua filha Julieta, que lhe salvaram a vida e, que ele, com a graça de Deus, teve, também, a oportunidade de salvá-los. Narrei o desespero que lhe acometeu quando o Ferrinho lhe noticiou da morte do Joca e de sua visita ao campo santo, quando em homenagem ao colega e amigo plantou junto ao túmulo uma rosa branca com um enxerto colorado.

Como eu tinha uma "sede", uma expectativa de encontrar o facão que Salustiano perdeu ou esqueceu em seu encontro com o Joca, embaixo de centenário pinheiro, eu contei e recontei essa passagem ao Cata, lhe des-

crevi o facão, que segundo meu tio-avô era de aço, com cabo de osso e madeira. Na lâmina, além de dois traços, tinha o sinal de uma caveira e a marca de um balaço. Essa marca era coisa de velhas peleias, mais precisamente de um entrevero na bailanta do Vavá.

Mas, por compromissos de ambos os lados - meu na fazenda e do Catarino com seus eternos plantões - fomos adiando nossa busca pelo facão, até que surgiu uma grande oportunidade, uma licença-prêmio do Catarino para gozar a partir de setembro. Ficamos entusiasmados com nosso plano. O tempo primaveril de setembro nos animava e, além do mais, poderíamos nessa mesma olada aproveitar a Romaria de São Miguel, que como você sabe acontece sempre nesse mês.

Infelizmente, por detalhes bobos, atrasamos a viagem e, quando chegamos à Capela de São Miguel, só encontramos o lixo dos festejos. Com fé, ajoelhamos junto ao santo e fizemos nossas rezas. Acampamos na beira do Pinheiro Torto, passamos ali dois dias, descansando, comendo jundiás e traíras acompanhadas de deliciosa polenta, especialidade do Cata. É lógico que não faltou o velho chimarrão, bom vinho e buena cachaça. Na última noite desfrutamos de um carreteiro gordo no charque e um revirado de feijão, daqueles que o fundo da panela fica limpo, pois, como você bem sabe, peixe todo dia dá uma fraqueza danada em qualquer vivente.

Levantamos cedo no mais. O sol começava a pintar o horizonte, e o sereno grosso brilhava sobre as coxilhas, com os últimos reflexos de uma lua cheia que teimava em não ir embora.

Fizemos um café forte, com pão dormido, queijo e salame. O Cata, um comilão dos bons, rapou todo satisfeito a sobra de revirado com carreteiro. Ajeitamos a

gaiota e seguimos por aquela estrada tortuosa. Já no alto, avistamos o pinheiro altaneiro sobre a mata. Suspirei e pensei comigo mesmo: lá é o meu destino.

Mas se a vista enxerga longe, a estrada é mais longa ainda, e depois de marcha apertada, descemos uma pequena canhada, no fundo da qual corria uma sanga de água fria e cristalina, onde o matungo matou a sede. Nós também aproveitamos: bebemos, lavamos as mãos, o pescoço e o rosto, pois o setembro, já quase outubro, chegou quente e abafado.

Subimos, então, e ao chegarmos no topo da coxilha a estrada se bifurcava: à esquerda nos aguardava a entrada da fazenda, e à direita ela continuava fazendo um túnel contra uma mata de angicos e taquaireiras que se perdia no horizonte. Atravessamos a porteira e na baixada avistamos a casa, o mangueiro e o galpão. Andando mais um pouco, agora mais atropelado, pois o terreno favorecia, divisamos no mangueiro, em frente à casa, um animal encilhado.

Fomos nos achegando devagarito. Pelo alto do sol, calculei que eram nove horas. Tava tudo quieto, o encilhado era uma égua que relinchou e o nosso cavalo respondeu. Dois cachorros saíram do galpão e se puseram a latir. Observei e, cutucando o Catarino falei:

- Veja! A égua no lado direito tem sangue na barriga, no estribo e no pelego.

Acabei de falar, o Cata não chegou a responder, e uma senhora, já alçada<sup>19</sup> dos cinquenta anos, com os cabelos grisalhos desgrenhados, olhos negros sitiados de pés de galinha, vestindo uma saia de brim, com uma calça masculina por baixo, e calçando botinas, saiu pela porta do galpão, trazendo consigo uma espingarda com a

<sup>19</sup> no caso "já passada dos cinquenta anos"

coronha contra o ombro. Engatilhou e nos pôs sob mira. Percebi que ela estava transtornada. As mãos estavam trêmulas, os olhos arregalados. Os cachorros correram para seus pés, nós ficamos pasmos, sem entender o que estava acontecendo. Ela, com lábios finos e dentes amarelados, cuspiu para um lado, um cuspe grosso, escuro. Notei de pronto que mascava fumo. Falou num muxoxo, entre dentes, com os cachorros:

– Atentos.

Ficou claro que os cachorros eram treinados, e bem treinados. Eles ficaram quietos, sentaram-se sobre as pernas e nos encaravam. Eram dois buldogues negros, jovens, mas já encorpados. Seus olhos eram frios, vazios, amarelados com íris negras. Foram momentos tensos e mudos. Ela nos olhou, nos analisou com cuidado, nos mantendo sob mira, até que finalmente foi baixando a arma. Os cachorros ficaram nervosos, ela voltou a falar com eles:

– Amigos.

Eles levantaram, e, abanando o rabo, cada um saiu para o seu lado.

Ela quebrou aquele momento de tensão, esboçou um sorriso e foi dizendo meio afobada:

- Se acheguem, senhores, por favor me ajudem!

Olhei para o Cata, vi que ele estava um pouco trêmulo, confesso que meu coração tinha disparado. Apiamos rapidamente e acompanhamos a senhora. Vendo-a agora, mais de perto, me pareceu conhecida.

- Meu genro! Meu genro! Está muito ferido.

Entramos pela porta larga do galpão, atravessamos um chão varrido. Num canto, junto a um cesto de taquara, um montículo de lixo e uma vassoura de car-

queja. Saímos por uma porta lateral e com poucos passos entramos na casa pela porta dos fundos. A mesa na cozinha, coberta com uma toalha xadrez de algodão, estava posta, entre queijos, salames, pão e café. Havia um bule de leite, já frio; a nata tinha aprisionado uma mosca azul. O inseto zumbia naquela gordura amarela e grossa que selava o branco do leite. O ambiente cheirava a temperos. No fogão, numa panela de ferro, havia uma polenta ainda intocada. Ouvi vozes e gemidos.

A senhora encostou a espingarda num canto da parede e nos apurou:

- Venham, venham!

Entramos no quarto.

Sobre uma colcha florida em tons degradê de abóbora até amarelo, repousava, branco, esverdeado de dor, um homem que gemia baixinho, esforçando-se para não preocupar as mulheres.

A perna, ou melhor, o tornozelo, dele apresentava um ferimento, estava para mim, que sou leigo, dilacerado. Havia um rombo e muito sangue coagulado.

- Com licença! Com sua licença! – murmurou o Catarino. Sou enfermeiro, vou fazer um rápido exame para ver o que temos que fazer.

Manuseou com delicadeza a perna ferida, pediu água quente para realizar uma assepsia. Limpou o local e, balançando a cabeça, falou:

- É ferimento à bala. A bala atravessou e comprometeu a tíbia e ligamentos. É uma lesão dolorida, o amigo tem que ir para o hospital com urgência. Como faremos isso?

- Temos que ir até o vizinho, o compadre Mello, que tem um Jeep, para vir nos socorrer.

Essas foram as primeiras palavras da moça, ou melhor, da senhora, pois tudo indicava que ela era a esposa. Ela se pronunciou, com lágrimas nos olhos, soltou a mão do ferido e levantou-se devagar. Ao se levantar, puxou a perna e apanhou a muleta que estava encostada no criado-mudo, que eu, naquele nervosismo, sequer tinha percebido.

- Vou pegar o cavalo e vou até lá – concluiu a mulher.

- Eu vou, senhora - respondi de imediato. Basta que me indique a direção e o carreiro.

O Cata, com aquele jeitão lerdo e com voz pausada, decretou:

- Enquanto ele vai pedir condução para o vizinho, eu vou fazer um curativo. Tenho minha maleta de primeiros-socorros na gaiota, não me separo dela de jeito nenhum, tenho também uns analgésicos para amenizar a dor. A senhora arrume a mala, pois o amigo - como é mesmo seu nome? Vai ficar uns bons dias no hospital.

O ferido nos olhou e, depois de um gemido, disse:

- Eu me chamo Valdecir. Esta é minha esposa Roxana, e a senhora, que os recebeu é minha sogra Dona Santinha.

Eu também me apresentei, assim como ao meu companheiro:

- Bueno Valdecir este que está a te tratar é o enfermeiro da Brigada Militar, Catarino Flores, eu sou morador antigo do Boqueirão e possuo fazenda lá pros lados da Bela Vista, me chamo Carlos Moreira.

E assim aconteceu: Santinha me ensinou o caminho, Roxana foi arrumar as malas, o Catarino foi tratar do ferido, que naquele momento não quis conversa, ficou calado, gemendo, e não “se abriu” com o enfermeiro.

Eu tomei o cavalo e fui, com a maior rapidez possível, num galopito ligeiro, pedir socorro ao senhor Mello.

O vizinho prontamente atendeu, não era muito longe, e enquanto ele se ajeitava, pegava roupa, abastecia o carro e tomava outras providências, eu retornei para tranquilizar o Valdecir e a família.

- Pessoal, o vizinho logo está chegando. Como é que tá o ferido?

- Tudo arrumado, falou o Catarino, curativo feito, mala arrumada. Eu vou acompanhar o Valdecir e a dona Roxana, até o hospital. Posso ser de utilidade.

- Tá certo eu te aguardo aqui.

- O Valdecir quer falar contigo. Precisa de um favor teu, de uma ajuda.

Antes de ir até o quarto, puxei o Cata para um lado e lhe falei baixinho:

- Reconheceu este povo, Cata?

- Não sei! Te parecem conhecidos?

- Claro, Cata, é o casal do baile de fim de ano home veio! Lembra? Ela coxa e ele o galanteador.

- Epa! Opa! Pois não há de vê que são eles mesmo. Sim! Sim! Agora me lembro, eles casaram, bicho veio!

- Parece que sim. E a velha e os cachorros, hein?! Que puta cagaço nos deu. Você quase se cagou, Catarino.

- Mas então, tchê! E não era pra menos?



- Tá bueno! Mas você vive dando uma de macho lá na bodega do Lauriano. Eu pensei que tu eras mais corajoso. Se eu contar essa tua tremeção lá, o povo vai morrer de rir. Tu me tratas bem de agora em diante, e saí me rindo.

- Era só o que me faltava – o Catarino resmungou, cuspiu e jogou o pito longe.

Me achei até o quarto, sentei-me numa cadeira de balanço com assento em palha de milho trançada, forrada com uma manta de brocado, ricamente colorida, demonstrando que a dona daquele quarto, Roxana, era pessoa caprichosa. O quarto cheirava a mercúrio cromo. O ferido cochilava. Vi que o Catarino tinha feito um bom serviço, pois o pé, tornozelo e barriga da perna estavam perfeitamente enfaixados. Enquanto observava alguns quadros na parede e um fino castiçal sobre o criado-mudo, dei uma tossida estratégica para ele perceber que tinha visita. Valdecir abriu os olhos e eu perguntei de imediato, pois não havia tempo a perder, o vizinho logo chegaria:

- O que houve, meu amigo, como posso te ajudar?

- Por favor, chame o enfermeiro, pois o que tenho a relatar deve ser feito aos dois.

Dei um grito, e o Catarino logo se achegou ao quarto. Sentou-se num mocho num canto, por ser um homem grande ficou mal acomodado, ao que o Valdecir logo lhe disse:

- Amigo, sente-se aqui na beirada da cama.

O enfermeiro se achegou para o lado da cama e, ao prestar atenção naqueles alvos lençóis, passou a mão na bunda, numa ânsia de limpar a calça.

Valdecir se expressou com certa aspereza:

- Senta! Senta, não te preocupes com lençóis, e entre gemidos e caras de dor, prosseguiu:

- Primeiro eu quero agradecer de coração aos senhores, parece que foi Deus que lhes mandou. Agente solito com duas mulheres nestes fundos às vezes passa por sérias dificuldades.

Em segundo lugar, vou lhe contar os fatos, pois ninguém mais do que os senhores devem ser sabedores, até porque se faz necessário que o acontecido seja denunciado à polícia. E como você, Catarino, vai comigo para a cidade, é bom estar a par, pois na entrada do hospital, estando eu ferido de bala, certamente seremos indagados sobre o ocorrido, e a polícia exigirá de mim um boletim de ocorrência.

Há dias, apartei cinco vacas de leite solteiras e as levei, para aguardar a parição, a um pasto pequeno que fica do outro lado da sanga, beirando à estrada. Uma pastaria de primeira. É de conhecimento que abigeatórios vêm roubando gado nesta região, o que sempre preocupou a nós e à vizinhança. Esse fato acontece há anos, tanto é que os pais de Roxana, quando possuíam pequena propriedade ali pros rumos de Ernestina, foram assaltados por duas vezes.

No primeiro assalto, Roxana era menina de tudo. Os ladrões sacrificaram duas vacas e um porco, enquanto a família estava na cidade. No segundo, a coisa foi feia. A Roxa estava com doze anos, era como ainda é hoje, uma excelente cavaleira, que ajudava o pai nas lides campeiras. Pois, numa noite em que a lua já ia alta, cinco sujeitos chegaram à propriedade, sacrificaram duas vacas e as colocaram na carroceria de uma pick-up Ford, que tinha sido vista à tarde rodando por aquelas estradas, com dois ocupantes. A caminhonete era da cor

amarelo-ovo, com para-choques cromados, mas o que chamava mesmo a atenção é que não possuía placas e apresentava o capô e a tampa trazeira na cor vermelha. Outros três chegaram a cavalo, demonstrando que a propriedade tinha sido escolhida a "dedo". Enquanto a pick-up sumia, pesada, em meio a um poeirão, os três cavaleiros se dirigiram para a sede.

Para que vocês entendam melhor, a sede da fazenda era composta, e até hoje é assim, de um mangueiro, uma casa de moradia e um galpão, tudo à sombra de dois umbus centenários. Dois dos invasores entraram na casa, pela porta que estava mal e mal fechada com uma tramela folgada, situação costumeira nestes fundos, enquanto o outro vigiava e cuidava dos cavalos. Eles pegaram a indiada dormindo. Um deles, com pés de pluma, entrou no quarto do casal, enfiou a mão embaixo do travesseiro e apanhou o revólver que meu sogro colocava ali sempre que ia dormir, como muitos gaúchos costumam fazer. Queriam dinheiro, armas e certamente se aproveitar de dona Santinha. Imobilizaram meu falecido sogro. Após revistarem todo o quarto, o guarda-roupa, a cômoda, o criado-mudo e revirarem o colchão, fecharam a porta do quarto e carregaram minha sogra para a cozinha. Com ela por diante fizeram uma varredura no rancho.

- Mostre-nos o dinheiro e as armas e alguma joia que tiver por aí, senão o Adão Carço vai tirar sua roupa e você vai ver o que é bom pra tosse! - Gostosona! - rosnou o que se chamava Pedrão, um índio baixusco, barrigudo, calvo e de pescoço grosso.

O Adão Carço era um mulato forte, cabelo raspado e o rosto bexiguento, marcas de uma varíola que certamente tinha cozinhado aquele negroide.

A Roxa, estava no quarto ao lado, pé ante pé, pulou a janela e, se esgueirando, passou por trás dos umbus e entrou no galpão. Ali, no escuro colocou o freio no seu cavalo de estima, que relinchou baixinho enquanto ela o acariciava. Montou em pelo e saiu campo afora, na intenção de se refugiar na mata, ou mesmo, ir até os vizinhos mais próximos. Os Ruas.

O maledeto que tinha ficado do lado de fora do rancho viu o acontecido e saiu em disparada gritando:

- Pare, pare!

Para chegar até a mata próxima, que ela conhecia como a palma da mão, era preciso ladear uma voçoroca, e o bandido gritava.

- Pare, pare, desinfeliz! Há! Há! Há! Vou te pegar! Vou te pegar! Sua putinha.

Ela, com o coração aos pulos, apoiada no pescoço do cavalo, falava em seu ouvido: – Vamos, vamos! O cavalo ganhou velocidade.

Mas o perseguidor também era bom cavaleiro e tava bem montado, mas, mesmo sendo bom, logo entendeu que não conseguiria alcançá-la. Puxou, então de um 38 e atirou três vezes, o último tiro acertou a paleta do animal, que rodou e jogou a guria ladeira abaixo.

O bandido chegou à beira do barranco, viu contra o reflexo da lua que a barroca era forrada de barba-de-bode, caraguatá e carqueja. A vegetação e o escuro impediram que ele visse o destino que tinha dado à sua vítima. Deu um tiro na cabeça do cavalo, que agonizava, e voltou para o casario.

Se ele tivesse observado um pouco mais, deixando, quem sabe, seus olhos se acostumarem ao breu daquele buraco, teria visto que a menina estava desacordada,

presa pela perna ao tronco em forma de forquilha de um guamirim. Teria também observado que a perna esquerda dela tinha se afastado de forma estranha do corpo.



Na casa, o gordo Pedrão, que pelas suas atitudes tinha pendores de cozinheiro, preparava um arroz com pedaços de charque, temperado com tirinhas de salame, cebola e tomate, e aqueitava um feijão que tinha encontrado dentro do armário, fazendo um revirado com farinha de mandioca, temperado com pimenta. Enquanto isso, o Adão Carço fazia com que Santinha abrisse gaveta após gaveta, mala após mala, caixas após caixas, e, para cada insucesso no encontro de armas e dinheiro, ele com uma faca lambendo de afiada, cortava um dos botões da camisola de algodão que ela vestia e que na frente era guarnecida com botões de madrepérola. Cortava um botão em cima e outro embaixo, assim os seios e as coxas começavam a se visualizar. A sogra, pasma e chorando, tentava se proteger com as mãos, evitando que suas carnes se pusessem à mostra. Era o que os bandidos queriam, pois, a cada botão cortado, eles caíam na risada. Já tinham se apoderado de uma espingarda que estava presa por uma correia de couro em um prego atrás da porta da despensa. Dinheiro acharam pouco, o que os contrariava, mas tinham achado joias, cinco patações de prata e um relógio de bolso banhado a ouro, que a sogra guardava como lembrança do pai. Acharam também uma botija de pinga dentro de um armário. Bebiam no bico e davam tapas na bunda da sogra, que os olhava com olhos esbugalhados.

O sogro, que estava com os pulsos e os tornozelos presos, lembrava que embaixo do guarda-roupa havia

uma adaga que ele ali guardava exatamente para uma situação como esta. Tenso, fazia força para escapar, mas os nós eram apertados. Fora amarrado por um sujeito experiente. Desesperado, ouviu quando um cavalo saiu em disparada, e logo outro saiu de atrás. Lembrou da filha, e uma lágrima lhe molhou as faces. Ouvia tudo o que acontecia na cozinha, percebeu que um dos bandidos ria e incentivava o outro a bolinar sua esposa.

- Lambe os seios dela, chupa o pescoço até ficar marcado, põe os dedos no meio dessas pernas que não param de tremer, assim se manifestava o Pedrão, rindo alto e experimentando a comida com uma colher de pau.

Escutando o frigir da banha nas panelas e sentindo o cheiro da cebola que se espalhava pela casa, o sogro com os dentes cerrados ouvia os lamentos da esposa que, murmurando entre soluços lhes pedia

- Pelo amor de Deus, me deixem em paz, me larguem, não me machuquem.

Adão Carçoço, certamente cansado de ouvir aquela ladainha e impaciente, lhe deu no pé do ouvido um tapa estalado. Ao ouvir essa maldade o velho sentiu uma dor no coração que respondeu lá na boca do estômago. Ele fez tanta força para arrebentar as cordas que seus pulsos sangraram.

Nisso, todos ouviram três tiros. Fez-se silêncio, passaram-se poucos minutos que pareceram uma eternidade e se ouviu mais um tiro.

O Pedrão, coçando a cabeça, falou:

- E o Zé Miúdo! Ele saiu num galope, perseguindo alguém que saiu da casa.

- É a moça que dormia no quarto onde achei as joias. Ela pulou a janela do quarto, o quartinho é perfumado. O Zé deve estar tomando suas providências.

- Bueno, bueno! Deixa esta chorona para lá! Vem jantar! Depois a gente dá um jeito nela. Numa displicência de quem está convencido de que é superior, e talvez por efeito da caña, que passaram a beber avidamente, empurrarem dona Santinha para dentro do quarto. No limiar da porta, lhe rasgaram a camisola, deixando-a somente de calçola, amarraram suas mãos com uma tira feita do algodão de sua própria camisola, não amarraram seus tornozelos, o que foi um erro. O sogro, que estava também amordaçado, com os olhos lhe pedia socorro.

Com os dentes, ela lhe tirou a mordaga, e ele, com a boca seca, lhe pediu:

- Santinha! Pega a adaga que está embaixo da cama.

Ela se sentou no chão, arrastou a perna esquerda por baixo do guarda-roupa. Com o peito do pé, empurrou o ferro-branco para a lateral do móvel. Mesmo com as mãos presas às costas, apanhou o facão e colocou o cabo no meio das pernas do seu Aníbal e, esfregando o frágil tecido que prendia seus pulsos contra aquela lâmina afiada, se libertou.

- Me liberte! Me liberte! – cochichava o Aníbal em desespero.

Enquanto o sogro esfregava os pulsos e desatava os nós do tornozelo, a sogra se vestiu como se estivesse indo para a lida, com uma calça e o vestido por cima. A botina estava na estrebaria.

Eles, ouvindo o arrastar de cadeiras para junto da mesa, num preparativo para comer, abriram a janela em movimentos cuidadosos, para não chamar a atenção.

O sogro, à voz baixa, comentou com cara de desespero:

- E nossa filha, que será dela? Você ouviu os tiros?

Mas não havia tempo para lamentos, e Aníbal ajudou Santinha a pular a janela e mandou ela ficar colada à parede. Quando ele com a adaga em punho alçou a perna para saltar, ouviram o galope de um cavalo que se aproximava com grande velocidade.

- Corra, corra, Santinha! Arrodeie a casa e pegue o capim, vá procurar nossa filha.

E assim ela fez. Quando ele caiu no chão, o Miúdo apontou no canto da casa, e, no embalo que vinha, jogou o cavalo sobre o velho. Não imaginava ele que o homem de cabeça branca era experiente nas lidas campeiras, na lida com o gado, e o sogro, quadrando o corpo, agarrou o Zé pelo cinturão. Como o Zé era realmente miúdo, um homem de pouco peso, surpreso, veio ao chão. O sogro, com uma agilidade surpreendente, lhe enfiou a adaga, justo no sovaco esquerdo. Foi um golpe, quem sabe, de sorte, mas foi um golpe matador.

Naquele rebuliço, Pedrão e Adão Carço se levantaram num upa, derrubando as cadeiras, e saíram porta afora. Enquanto seus olhos se acostumavam à escuridão, Aníbal baleou o Pedrão no peito com a arma do Zé Miúdo. Teria também matado o Adão Carço, se ainda houvesse balas no revólver. Bateu a agulha duas vezes, mas não havia mais munição. Arrancou a adaga do sovaco de Miúdo, para enfrentar o Adão, mas este agora o visualizava claramente e, dando um passo para longe da luz que vinha da porta, o alvejou na cabeça. O Adão Carço era um exímio atirador.

Os tiros fizeram com que Santinha corresse e corresse. Perdeu a chinela nessa disparada, e os pés descalços vertiam sangue, pois na escuridão pisava na grama forquilha, entremeada de espinhos de urtigas, rosetas



e jóás. Nessa disparada, se foi rumo à grotá, pois sabia que ali havia o trieiro que certamente a filha tomara. A boca estava seca e amarga, não ouvia o Aníbal correndo ao seu encontro, mas continuava correndo sem olhar para trás, assim como o marido tinha mandado.

A lua, querendo mostrar sua luz, conseguiu furar um tapume de nuvens e clareou a trilha, e Santinha divisoú o cavalo estendido na beira do buraco. Chegou junto ao animal, que ainda estava quente, olhou para baixo e nada conseguiu ver e justamente nesse instante as nuvens voltaram a esconder a lua, e a escuridão reinou.

Ela, fungando, agora com frio, tremia não só pela aragem, mas também porque seus nervos estavam em frangalho. Sentou-se no chão e se encostou no cavalo, e voltou a chorar. Tinha certeza que o companheiro de décadas estava morto. Ele não tinha arma de fogo. Logo, o tropel do cavalo e os tiros que ouviu lhe davam certeza de que o tinham matado covardemente. Embora ela conhecesse o marido como ninguém, jamais imaginou eu ele tinha enfrentado aqueles marginais com tanta coragem.

O silêncio novamente se impunha, mas ela, com seus ouvidos acostumados, ouvia o cascatear da sanga correndo sobre pedras. Logo abaixo, na umidade do fundo da grotá, rãs e sapos coaxavam; no meio daquelas ervas, grilos cricrilavam e, pendurados nos caraguatás, vaga-lumes emitiam luzes morticças.

Ela estava muito cansada, cansada de tudo, sem coragem de se levantar e mesmo de se mexer, pois poderia chamar a atenção daqueles homens. Estava nesta pasmaceira, quando visualizou lá na beira do mato, cerca de quatrocentos metros abaixo, o cintilar de uma luz. Foi um sobressalto, pensou ser o boitatá<sup>1</sup>, prestou a

atenção e viu que não era uma luz, mas sim três luzes, e vinham em sua direção.



Fixou bem as vistas e viu que quem vinha iluminava o caminho com lampiões.

Logo ela intuiu que eram os Ruas. O senhor Eleonor e seus filhos, Jonas e Ismael. Em seguida ela ouviu suas vozes, e mais rápido do que podia imaginar eles chegaram até ela.

Dona Santinha lhes contou, quase sem respirar, com voz trêmula, tudo o que aconteceu, que sua filha estava no fundo da barroca, e que certamente seu marido tinha sido assassinado.

A surpresa se estampou em suas faces, disseram que estavam ali por terem ouvido os tiros e concluíram que algo muito sério estava acontecendo com os vizinhos. Nesse instante, ouviram o galopar de cavalos e tiveram a certeza de que os marginais estavam indo embora.

Eleonor, um gauchão possante, tirou o casaco e pôs nos ombros de Santinha e lhe disse com voz calma e mansa:

- Dona Santinha! Vamos até a casa ver o acontecido. Eu sei que o Aníbal possui boas lanternas, aí então voltaremos, e eu desço com os meninos para ver se a Roxana está no fundo do buraco como tudo indica.

E assim fizeram, e para espanto e tristeza de todos, encontraram aquela cena medonha de horror, que qualquer ser humano sente ao ver semelhantes em situação tão macabra.

Santinha já não tinha lágrimas, sentou-se no chão e colocou a cabeça do falecido, em parte destruída pelo balaço, no colo. Ficou, ali, de cabeça baixa. Foram momentos eternos. Momentos em que ela recordou tudo que tinha vivido ao lado daquele ser querido, momentos em que fez orações encaminhando seu amado aos braços do Senhor. Enquanto isso, em silencioso respeito aos mortos, os Ruas acharam duas lanternas em uma gaveta no guarda-roupa.

Deram em seguida uma revisada ao redor da casa, do galpão, no mangueiro e até mesmo no entorno das árvores centenárias. Nada mais havia ali. As luzes das lanternas mostraram o rastro dos cavalos e a certeza de que o ladrão sobrevivente partiu levando o produto do saque e os animais dos comparsas.

Eleonor colocou a mão sobre o ombro da viúva e lhe disse, com toda a calma que o momento exigia:

- Santinha, nós vamos fazer buscas por sua filha. A Senhora quer vir conosco? Peguei dois cobertores na cama, pois está frio, e ela pode precisar.

- Sim, eu vou! Vou rezando para que minha filha tenha sobrevivido. Com certeza, meu finado que agora descansa nesta terra fria está lá do alto olhando por ela.

E assim se foram, cada um com seus pensamentos, cada um levando uma expectativa, os mais jovens, de que ela estava morta, pois enfim no tempo que ficaram à margem da voçoroca não ouviram sequer um gemido. Já Eleonor e Santinha tinham fé, tinham esperança e acreditavam na providência divina. A mãe orava pela filha.

Chegaram no buracão, a noite já ia adiantada, a lua sempre por entre nuvens começava a se deitar. Com as lanternas, os guris, se assim se pode chamar, pois

tanto o Jonas como o Ismael eram fortes como o pai e já começavam a apresentar as primeiras penugens, tendo o cavalo morto como ponto de partida, desceram focando aqui e ali, desceram mais ou menos dez metros, quando para suas alegrias viram algo branco e ouviram leves gemidos.

- Pai, papai! Ela está aqui, traga um cobertor para podermos cobri-la e outro para podermos transportá-la.

Com Jonas na frente, eles desceram mais seis metros e chegaram à Roxana, que estava totalmente imóvel, com o pé preso na forquilha do guamirim ao rés do chão. Para liberá-la com maior facilidade, Ismael tirou o facão da cintura e, com todo o cuidado, cortou uma das hastes, liberando o pé. Jonas falava com ela pedindo calma. Ela murmurou:

- Estou como anestesiada, não sinto o corpo, tenho muito frio, só o que me dói é o alto da perna.

- Fique calma, fique calma, nós já vamos te ajeitar.

O senhor Ruas chegou com os cobertores. Com o de solteiro, a cobriram para lhe tirar o frio, o de casal dobraram ao meio para que ficasse mais forte. Um a pegou nas mãos, outro nas pernas e outro pela cintura, e ao contarem até três, com todo o cuidado possível, colocaram a guria sobre a maca improvisada. Mas o mal já estava feito; a cabeça do fêmur tinha se afastado da bacia. Embora todo o cuidado possível naquelas condições adversas, o movimento de colocá-la no cobertor ofendeu ainda mais o ferimento, e ela deu um urro de dor e voltou a desmaiar.

- Foi assim, meus amigos, que Roxana sofreu por meses, e, como resultado dessa fatalidade, ficou com uma perna mais curta, ficou irremediavelmente manca.

Minha sogra me contou toda essa tragédia e me contou, também, que, embora o esforço da polícia, as investigações praticamente levaram a nada. Raras caminhonetes amarelo-ovo foram encontradas, e as encontradas eram emplacadas e não tinham detalhes vermelhos. Descobriu-se, por outro, lado que os nomes dos marginais mortos eram fictícios, o Pedrão tinha documentos de Pompilio da Silva, Zé Miúdo se chamava em realidade Guilhermino de Freitas, e Adão Caroco, embora as informações e descrições de Santinha, nunca foi reconhecido nem encontrado. Se os nomes de assaltantes eram falsos, certamente o veículo utilizado também tinha as cores alteradas.

Sim, meus amigos! Por que estou a lhes contar tudo isso? Porque agora vou lhes narrar o que aconteceu hoje de madrugada.

Pois, como lhes disse, apartei as vacas de leite, duas já perto do amajo, para lhes proporcionar uma parição tranquila num potreiro rico em pasto e com boa aguada. Levantei cedo, para vê-las, antes do café, porque queria, já entrando na manhã, ir mais para o fundo da fazenda levar sal e consertar uma cerca de arame liso.

Quando as estrelas começavam a esmaecer, apanhei minha carabina, montei em minha égua Ciranda e, num trotito, atravessei o mato. Ao sair do meio das árvores, já no alto da coxilha, de onde se tem uma visão geral da pastaria, que se estende da mata até a estrada, para minha surpresa, lá, junto à cerca, eu com o sol que se levantava pelas costas, divisei dois sujeitos carregando numa caminhonete amarelo-ovo, com detalhes em verde, quartos e paletas de minhas vacas. Eu parei espantado e mais espantado fiquei ao ver que naquele exato

momento se juntavam a eles três cavaleiros, montados em cavalos negros. Estes, bem-dispostos e animados, se puseram a ajudar no trabalho de carregar a pick-up.

A distância era de aproximadamente duzentos metros.

Respirei fundo e desci beirando à mata para me aproximar ao máximo e assim poder atirar com maior precisão. Quando cheguei já no final do capão e me saí a campo aberto, vi que a quadrilha estava enlonando a carga. Os cavalos que estavam presos à cerca se agitaram ao sentir a presença de minha égua e relincharam. Foi o suficiente para eles me descobrirem.

Enquanto eles puxavam dos revólveres e buscavam posição, eu rapidamente apeei, já com minha carabina na mão, e toquei a égua para o mato. Se eu fui ligeiro, eles também foram e num repente me taparam de bala. Fui atingido, rodei e caí. Eles entenderam que eu estava ferido de morte, se desprotegeram e vieram. Foi quando, embora a dor, e até por sorte, me ajeitei atrás do toco de um tarumã. Ajeitei a mira e me diverti. No primeiro tiro acertei um sujeito no pescoço. Valdecir me olhou com os olhos semicerrados, como se estivesse mirando, e me disse.

- Você vai encontrá-lo morto.

Eu, sem saber o que dizer, falei num muxoxo: - sim, sim prossiga.

Quando esse maldito caiu, os outros pararam por segundos e, então, eu alvejei outro no peito. Esse rodou, caiu, levantou e correu testavilhando em direção à caminhonete. Um dos cavaleiros gritou para os outros:

- Cuidado! Cuidado! Ele tem uma espingarda.

Então, eles fizeram cara volta e correram. Eu po-

deria tê-los alvejado pelas costas, o que seria uma covardia. Mas, ao se agacharem para passar pelo vão do arame, dois deles, protegidos pelos palanques, voltaram a atirar, para dar cobertura ao parceiro que estava ferido no peito. Eu, que já tinha dado a lida por concluída, me obriguei a responder e tenho a certeza que alvejei um cuera de bombacha branca na perna, pois o peão saiu pulando num pé só, e os favos da bombacha ganharam uma cor vermelha. Mais que depressa eles montaram e se foram a la cria. Sequer fizeram uma gauchada ou de mim se despediram.

Com essa cobertura, o ferido no peito entrou na caminhonete, deu partida, manobrou e partiu. O veículo dançou na pista, saiu do corredor e bateu numa árvore. Este também deve estar morto.

Então, meus amigos, têm vacas mortas, dois homens mortos e um cavaleiro ferido na perna.

Eu me levantei e olhei sério para o Valdecir, que se ajeitou na cama, pegou um travesseiro e colocou no meio das pernas, certamente para poder ficar mais confortável. Nos olhamos e ele me pediu:

- Companheiro! Vocês apareceram aqui com a graça de Deus, bons ventos os trouxeram. O enfermeiro e minha esposa vão comigo para a cidade, lá farei um depoimento contando ao delegado o que vos contei. A autoridade, por volta da meia-tarde, vai chegar por aqui, pois afinal dois cadáveres o esperam. Peço a você, meu amigo, que fique aqui: primeiro para dar apoio e tranquilidade à minha sogra, que está nervosa e preocupada, não é pra menos, pois viu se repetir aqui o que ela viveu no passado quando perdeu o marido como vos contei; em segundo lugar para que com a ajuda de Santinha, pegue a junta de boi, ajouje na carroça e vá buscar a

carne que está na caminhonete. Não podemos perder, temos que fazer charque, há muito sal no galpão. Depois, volte na casa dos Mello e peça que a vizinha e seu filho venham ajudar. Em terceiro lugar, pois aí já se foi o dia, amanhã, vá até os pastos do fundo da fazenda, leve sal para o gado e logo abaixo do saleiro vai encontrar a cerca danificada, conserte-a. Serviço que eu ia fazer hoje. Para ser mais rápido, vá a cavalo e leve a mula, minha sogra vai te mostrar. No lombo dela, ajeite dois sacos de sal, a panela com comida, uma cavadeira, pois pode precisar. Num saco de algodão, coloque martelo, arco-de-pua, todo isso está no galpão.

Se precisar de estacas, encontrará um monte na beira do mato, junto a um pequeno rancho, coberto de santa-fé. Ali podes, inclusive, aquecer teu almoço e sestejar. Junto ao rancho, tem um poço de água gelada, tem um balde, poderá dar de beber aos animais. E se levers uma cachaça, esfria naquela água, tu vais gostar!

- Não te aflija tchê! Farei tudo com o maior prazer. Quando a polícia chegar, acompanharei o delegado até o local dos acontecimentos, pode ficar tranquilo. Agora, Valdecir, quero te falar por que estamos aqui, pois, dados os acontecimentos, ainda não vos relatei o motivo de nossa visita. Vim com a intenção, com vossa licença, de ir até a sombra daquele majestoso pinheiro, que de longe se avista e que acredito esteja em vossas terras, para procurar o facão perdido por meu tio-avô na Revolução Federalista.

Em breves palavras, contei ao Valdecir a história que já tinha contado ao Catarino, sobre minha família, meu tio-avô e o facão que eu sempre tive a intenção de encontrar.

- Pois vá! Pois vá meu amigo! É muito simples, e veja você, parece que as coisas vão se ajeitando, pois



o tal pinheiro não fica longe do saleiro. Em verdade, ele fica beirando o rancho onde você deve almoçar.

Nisso, buzinou o carro do vizinho. Ajeitamos as malas, a Roxana e o ferido.

Na despedida, as duas mulheres se abraçaram e choraram. Eu disse para o casal:

- Vão com calma, não se preocupem, eu e dona Santinha e estes dois cachorros tomamos conta da propriedade.

O Valdecir exclamou:

- Obrigado, companheiro! Fique à vontade! Com as graças de Deus, vais encontrar o facão.



Com a ajuda de Santinha, tomei as providências solicitadas:

A égua Ciranda me levou novamente à casa dos Mello. Pedi ajuda para a vizinha e seu filho. Expliquei o caso do aproveitamento da carne e que eu precisava de uma demão para fazer a transferência de paletas e quartos para a corroça. A ajuda de Baltazar, o filho, seria muito bem-vinda, e dona Iolanda, além do auxílio e de sua experiência em todos os afazeres, faria também companhia à Santinha, que estava muito nervosa. E num momento desses, nada como ter uma mulher amiga para conversar, para desabafar.

Ainda antes do almoço, com a ajuda do Baltazar, ajoujei o Mimoso e o Canário, e fomos a passos lentos em direção ao local do incidente. Como narrado pelo Valdecir, encontramos um dos invasores morto a aproximadamente vinte metros da cerca. Estava debruço e tinha

na mão direita um revólver 38 e na mão esquerda uma faca de lâmina longa, que certamente fora usada para sangrar. Junto da cerca estavam os restos da matança, buchada, couro, cabeça, mãos e patas. A coisa de vinte metros, estrada afora, avistamos a caminhonete enlornada, com a traseira na estrada e a dianteira dentro da capoeira. Verificamos que ela tinha investido contra o tronco de imponente angico, que com seus galhos majestosos sombreava a estrada. Apanhei um facão, que tinha visto preso na lateral da carroça, e desbastei a capoeira. Consegui, então, abrir a porta e verifiquei que o motorista estava realmente morto.

Sem mexer em nada, para não atrapalhar as investigações policiais, vi que o morto era um mulato com cabelo raspado e o rosto bexiguento. Não tive dúvidas, pois, lembrando-me do que me contou o Valdecir, concluí de imediato que aquele era o Adão Carço.

Olhei, então, com cuidado o veículo e vi que os detalhes em verde que me narrara o Valdecir constituíam-se em realidade de panos de algodão na cor verde-bandeira, fixados tanto no capo quanto na porta traseira, por tiras de borracha arrojadas. Sem dúvida, esta era a mesma pick-up do assalto à casa da família de Roxana, ocorrida anos antes, pois a caminhoneta era Ford amarelo-ovo, com detalhes em vermelho. Os panos foram mudados. Observei, ainda, que ela não possuía placas, e os para-choques eram cromados.

Enquanto isso, o Baltazar seguiu beirando a cerca, os pingos de sangue do cavaleiro que o Valdecir disse que tinha baleado e que mesmo ferido tinha montado e seguido o parceiro. Baltazar, após caminhar por aproximadamente cem metros, viu ao longe, no meio de carquejas e barbas-de-bode, a ponta de um pano carijó vo-

ando contra o vento. Viu de imediato que era a ponta de um lenço. Divisou, também, que um chapéu negro descansava agarrado à cerca de arame farpado. Apurou o passo, correu, se aproximou, e lá estava o sujeito da bombacha branca. O tecido da bombacha, que fora branca, estava escuro do sangue que o empapara. Me chamou, num grito de surpresa, corri. Analisamos o fato e concluímos que o tiro atingiu a artéria femural. Morreu esvaído em sangue.

Encostamos a carroça, transferimos a carne para ela. Tomamos a lona, com o facão a cortamos em tiras e cobrimos os mortos que assim aguardaram a chegada policial.

Ao chegar na casa, chamei Santinha para um lado e lhe falei o que tinha visto em minha jornada.

- Dona Santinha, encontrei duas vacas mortas, a carne está aí na carroça, vou descarregá-la com a ajuda do guri, pendurá-la para refrescar e escorrer e, após o almoço, vamos às lidas. Encontrei, também três mortos, um a mais do que o vosso genro tinha contado, pois o último que ele alvejou estava morto a uma centena de metros na beira da estrada. Agora, o mais importante, minha senhora, é que o homem que está morto dentro da caminhoneta tem todas as características, segundo o que me contou o Valdecir, do Adão Carço, um mulato forte, com o cabelo raspado e com a pele bexiguenta.

Vi a palidez se estampar no rosto sofrido daquela senhora, lágrimas lhe escorreram pelas faces, mas vi também a raiva, o desespero, a sensação de vingança que, ao que me parece lhe pesavam sobre os ombros irem embora com um suspiro que ela expeliu.

- Dona Santinha, queres ir até o local para ver este amaldiçoado?

- Não! - respondeu ela. Quando a polícia chegar, eu vou até lá, reconheço, assim, perante o delegado esse infeliz que tanto sofrimento e tanto mal me causou.

Almoçamos com pouca disposição. A fome parece que tinha ido embora com tanta preocupação. A tristeza e o sofrimento tiram a fome de qualquer vivente. Sequer sesteamos, pois era muita carne para preparar: desossamos, manteamos, tudo no maior capricho, fizemos uma salga úmida, jogando as mantas em salmoura, onde elas descansaram por meia hora. Após esse descanso, colocamos as mantas para escorrer.

Quando as mulheres preparavam um café e eu fazia um palheiro, já ia pelo meio da tarde, a polícia chegou. Após breve conversa, convidaram a mim e à dona Santinha para acompanhá-los até o local do acontecimento.

O delegado relatou que havia conversado longamente com o Valdecir. Informou que ele passava bem e o tinha inteirado dos acontecimentos. Precisava, no entanto, que nós o acompanhássemos, pois certamente seríamos testemunhas do ocorrido. E assim eu me cheguei novamente naquele local que exalava cheiro de sangue.

O delegado e seus auxiliares fizeram as observações de praxe, fotografaram e dona Santinha reconheceu o morto do veículo como sendo realmente Adão Carço. O delegado, ao buscar no bolso do casaco documentos do falecido, verificou que seu nome em realidade era Antenor de Sá, confirmando que os assaltantes usavam nomes fictícios.

Voltamos então, ao charque. Para nossa alegria, minha e de Santinha, os vizinhos tinham adiantado e muito o serviço, e quando o sol já ia entrando, a salga seca tinha sido realizada, a carne fora empilhada para posterior viração e finalmente a dessecação, tudo conforme a tradição.

Naquela noite, dormimos cedo. O cansaço era grande, e o dia tinha sido agitado. Tomei um banho na sanga, água fria, e para tirar a friagem entornei uma caña curtida no butiá. Chimarreamos. Jantamos polenta com carne de porco acompanhada de bom vinho. Com as vistas já ressecadas, fui dando o meu buenas noites e me recolhendo.



Amanheceu um dia frio. Nas baixadas, embaixo de um céu azulado e por cima da sanga, uma cerração baixa, branca como algodão, anunciava um dia em que a temperatura tomaria ares de primavera. São aqueles dias em que o sol vira um grande lampião e que a gente vai tirando a roupa devagarzinho.

Dona Santinha preparou um desjejum forte e gostoso, pois sabia que eu enfrentaria um dia de trabalho pesado. Assim, a mesa estava posta com queijo, salame, manteiga, pão fresco, leite e mel, além de ovos, um carijó de arroz e feijão e polenta sapecada.

Preparou meu almoço, colocou tudo numa velha panela de alumínio com tampa folgada, envolveu e atou com um pano de prato, colocou o fiambre em uma mala de garupa, feita de saco de algodão. Com mãos hábeis, não me permitiu ajudar, colocou na mala uma garrafa de cachaça e um porongo com água fresca. Por fim me disse: – Essa branquinha é para abrir o apetite. Ajeitou ainda uma pequena trempe sobre os arreios. – Isso é para você aquecer a boia. Alojou, com minha ajuda, como o Valdecir orientou, dois sacos de sal e a cavadeira. Tudo foi acomodado no lombo de uma mula que acompanhava meu cavalo trotando faceira e que atendia pelo nome de Matuta.

Por minha vez, acomodei em minha montaria arco-de-pua, martelo e torques. Como prevenção, apanhei fósforo, uma folha de jornal para iniciar o fogo e uns grampos de cerca. Vai que é preciso?

Não teve jeito: mesmo numa carreira mansa, a tampa da panela, que fora ajustada com um nó frouxo, batia e rebatia, num murmúrio estridente que vez por outra assustava a velha e mansa mula, bem como meu alazão que passarinhava no trieiro levantando poeira. Já no subir da primeira coxilha, na saída do mangueiro, avistei, perdido no meio da cerração o centenário e alta-neiro pinheiro.

Fomos assim ao passito, passando por uma pastaria buena e por um gado de qualidade. Repassei a galaria, estava tudo nos conformes. Segui viagem sempre observando o pinheiro, e à medida que dele me aproximava e ele cada vez mais invadia a paisagem, localizei o saleiro.

Segui, absorvido em meus pensamentos, ouvindo o contínuo bater da tampa e o resfolegar dos animais. Foi quando algo inusitado aconteceu: Um vento, vindo sei lá de onde, começou a soprar leve e foi se intensificando, era quente e cortava a relva, os galhos, os moirões e os fios de arame do alambrado. Esse açoiar trouxe aos meus ouvidos, como que por magia, o som de clarins, o relincho e o bater de cascos de cavalos e o embate de lanças e espadas. O vento persistia, e numa rajada mais violenta, rodopiou, levantando um poeirão. O sol, a cerração e a poeira se misturaram em mil cores e desenharam para mim, como num sonho, cavaleiros e seus lenços brancos e colorados entreverados numa luta sem fim. O clarim continuava com seu som agudo a penetrar em meus ouvidos. Cheguei a ficar tonto. Tive, ao que parece uma vertigem. Daí, num "sem mais nem me-

nos”, como por encanto, tudo se acomodou: o vento e o poeirão se desvaneceram e eu, parece que despertei de um devaneio. As coisas voltaram à normalidade. Olhei ao redor e lembrei que estava exatamente no terreno, no rincão onde aconteceu a Batalha do Pulador, a grande batalha da Revolução da Degola, da Revolução Federalista. Teria eu visto as almas de maragatos e pica-paus peleando na eternidade?

Firmei-me nos estribos, boleei a perna e apiei. Estava meio abobalhado, meio arrepiado com tudo que presenciei. De imediato me ajoelhei, me benzi três vezes e fiz minhas orações.

Respirei fundo com o coração ainda acelerado, montei, tirei o chapéu olhei para o céu em agradecimento e me fui em direção a labuta.



Coloquei o sal para o gado, peguei um pedaço do jornal, fiz uma bucha e toquei fogo num ninho de marim-bondo que estava se instalando sob o telhado do saleiro. Os insetos viajaram, zunindo, para se aquerenciar em outras plagas.

Me acheguei, então, à cerca, vi o estrago, levei a mula até a beira da mata, encontrei as lascas. Carreguei a mula com duas estacas para fazer o conserto. Felizmente os paus quebrados estavam junto ao mestre, ao esticador, fato que facilitou em muito meu trabalho. Já fui de pronto tirando a blusa, arregaçando as mangas da camisa, e me preendi no afazer.

Quando terminei, já varava das onze horas, bebi a água do porongo, montei e fomos para o rancho. Mergulhei a pinga na água gelada do poço, como me sacramen-

tou o Valdecir, fiz fogo para aquecer a boia, providenciei água para a mula e o cavalo. Enquanto a comida aquecia, tirei do poço a "marvada" da cachaça e dei duas tagadas. Desencilhei os animais que cabresteados foram pastar, e para não perder a viagem, dei mais um gole generoso na pinga que estava no ponto, deliciosa.

A branquinha, como previu dona Santinha, me abriu o apetite, e o almoço embora simples, estava saboroso, o tempero estava na medida. Comi de ficar barbigudo. Para fazer a digestão, preparei um amargo e fui, sem pressa, sorvendo a infusão enquanto ouvia as vozes da natureza. Os animais pastavam, dando pequenos relinchos; do interior da mata chegava até mim o cascatear de uma sanga que seguia serena seu caminho por entre pedras. Uma leve brisa farfalhava as folhas das árvores e muitas caíam ao solo numa chuva dourada. Pássaros dos mais diversos tamanhos e cores saltitavam nos galhos fazendo alegre algazarra. Apanhei o pelego e o joguei embaixo de frondosa imbuia, encostei a cuia e a velha chaleira de ferro preta, que encontrei no rancho, e ajeitei-me para cochilar.

Estava cansado e a caña me deu uma lombeira.

Entrei numa doce madorna, em realidade não sei se estava dormindo, ou se estava acordado. Me ajeitei no pelego com as mãos entre os joelhos e senti a imbuia palpitar numa conversa morna, parecendo querer segredar. Ela emitia um som estranho, como se um pequeno martelo batesse numa bigorna. E as folhas mergulhavam dourando o meu chapéu.

Um vento, que se achegou dos lados da sanga, me deixou arrepiado, me encolhi. O vento balançava a ramagem e, murmurando, num quase assobio, levava a toda a mata a mensagem da imbuia. A imbuia conversava com toda a camaradagem.



Eu repito, meu amigo, não sei se estava dormindo ou se estava acordado, era uma madorna lerda, estranha, dormente.

Lembro que ouvi o pio de uma perdiz, o mugir de uma vaca atrás do terneiro, e em minhas ventas senti o cheiro doce da relva. E a imbuia tagarela e feliz, agora, conversava com o pinheiro, e ele, como um velho juiz, proseando como um poeta. Respondia conselheiro.

- Por ser velho em idade, / Sete séculos e meio, / Nesta minha antiguidade, / De histórias eu tô cheio, / Conheço toda a verdade / Que cerca este rodeio.

E a ladainha prosseguia, numa conversa medonha. A erva-mate, o bugre e a uvaia também queriam falar, mas logo receberam uma vaia – deixem o pinheiro contar.

O pinheiro voltou às falas em compassada locução:

- Tenho até marcas de bala, / De guerras, lutas e revolução, / A coxilha lamenta e se abala, / Quando irmão combate irmão.

Depois de uma leve pausa, senti que ele recuperava o fôlego, quem sabe fosse a emoção, e ele prosseguiu vigoroso:

Nasci no chão do Pulador, / Plantado por uma gralha, / Vi choros e gritos de dor, / Naquela grande batalha, / Quando o ódio, em seu calor, / Fez o amor em migalha.

As árvores balançaram a saia, algumas em som calmo, outras com som estridente, todas falavam juntas e numa ladainha intensa e urgente, exclamavam: - prossiga, prossiga!

E o pinheiro, depois de um pigarro, continuou:

A amizade, pau sabão, / É sentimento consagrado, / Em minha raiz há um facão, / Que na emoção foi largoado, / Num abraço amigo – irmão, / Um lenço alvo e um colorado.

Um estalo me acordou, acordei meio assustado. Depois de me espreguiçar, e de olhar para todo o lado, vi para minha surpresa que o chão de pinhão tava forrado.

Para curar a preguiça que tinha invadido meu corpo, tomei mais um chimarrão. A água já estava morna, as horas tinham passado, dormi demais, quem manda beber cachaça! Fui até o rancho, apanhei os avios do almoço, panela, talheres e prato, e fui até a sanga lavá-los. Eu queria encher aquela panela de tampa bate-deira de pinhão e ainda colocar mais um tanto na mala de garupa. Era muito pinhão, dava para mim, para dona Santinha e para o Catarino.

Voltei e me preendi naquela lida, quando estava quase terminando de encher a panela, naquele silêncio, naquele frescor, pensava na conversa do arvoredado e na palestra do pinheiro. Olhei com respeito para o seu tronco majestoso e enrugado, olhei para os galhos que atrapalhavam o sol de ofender minhas vistas, vi no alto pinhas e barbas-de-pau que davam a ele um aspecto de envelhecimento, como se fosse um velho sábio, barbudo e enrugado, que tinha vindo até meus ouvidos para revelar aquilo que eu procurava.

As costas me doíam, e sentei naquela relva macia, fiquei olhando o sol e os rabiscos que ele fazia naquela paisagem de mil tons esverdeados. Levaria ainda umas duas horas para que o grande astro deitasse. Pus as mãos atrás do pescoço e escorei as costas no tronco de um jovem açoita-cavalo. Estava perdido em pensamentos quando um pequeno reflexo me chamou a atenção, uma pequena ponta de metal apontava do chão. Meu coração bateu forte, seria a lâmina de meu facão?

Fui aos arreios e peguei meu três listras e com emoção fui desenterrando. À medida que cavava, o fa-

ção se desenhava. Com grande emoção, ainda de joelhos, comecei a limpar o meu achado.

Como Salustiano falou, o cabo era em osso e madeira. A madeira estava meio broqueada pelo passar dos anos, na lâmina, mesmo suja, percebi a marca de uma caveira e que por bala ela estava marcada.

Desci novamente até a sanga para melhor higienizar aquele ferro que eu tanto desejei. Estava ansioso para poli-lo como ele merecia. Passei água, passei areia, e enquanto o acarinhava em minhas mãos e o lavava delicadamente, fiquei a pensar naquele enredo, na conversa do arvoredado. É de acreditar? De falar tenho até medo, com ternura, o velho facão beije.

A missão a que me propus estava finita. Chorei lágrimas de amor, era muita emoção. O pinheiro, o magnífico pinheiro, guardou-me aquela relíquia, guardou-me o raro facão.

Arranjei tudo, montei, o sol, agora, tingia de sangue o horizonte. Aves procuravam o ninho; um guará, se esquivando com suas longas pernas, seguia seu caminho; a gadaria entre mugidos pastava calmamente; a vaca, ao longe, mugia procurando seu terneiro. Levantando poeira no estradão, enxerguei ao longe o rancho, um lampião foi acesso, e o sol acabou de morrer.

Aos poucos tudo voltou ao normal, e o facão, meu amigo, como lhe falei, agora adorna a sala de meu filho lá na capital.

- E o Valdecir? Carlos!

- Os médicos o seguraram no hospital por dez dias. Neste tempo, fiquei ajudando dona Santinha nas lidas. Sem querer, me preendi na viração da carne, o charque ficou bueno. Ele, o Valdecir, voltou magro, debilitado, mas

cheio de ânimo. Mas o ferimento era sério, e ele, embora contrariado, permaneceu em repouso por longos e longos dias.

Mas não teve jeito, embora tratamentos com remédios de farmácia, banhos com ervas, cirurgia e alguns benzimentos, ele ficou rengo.

Valdecir e Roxana são grandes amigos. Dona Santinha infelizmente faleceu, doença braba, que Deus a tenha.

Bueno, bueníssimo! Vamos até a bodega do Lauriano tomar uma, pois este caso me trouxe uma dor no coração, uma saudade de tempos que não voltam mais. Só uma caña bruta para aliviar esta angústia.

Pegue o teu chapéu! Vamos embora! Vamos embora!

## CANCHA DE OSSO

O balanço da cadeira  
Rangia no tabuado,  
Em frente da lareira,  
O piso tava marcado,  
Vovó mexia a braseira,  
Tomando achocolatado.

Passou a me narrar  
Um causo de antigamente,  
Como se estivesse a sonhar,  
Chegava a ser comovente,  
Tinha imagens no olhar  
E um sorriso caliente.

- Pois ali, junto ao carreiro,  
No bolicho do Ruivão,  
Ajuntava-se um povoeiro,  
Jogos, danças, chimarrão,  
Aos sábados um cancionero,  
Chinaredo<sup>20</sup> em profusão.

Bolicho de costaneira  
Com um formato quadrado,  
Nas frestas, tal qual peneira,  
Passava o vento assobiado,  
Nesta estrutura grosseira,  
Ruivão rengueava<sup>21</sup> assanhado.

Por muitos e muitos pecados,  
Ruivão, um galego sotreta,  
Tinha um olho vazado,  
Por rengo usava muleta,  
Com a Tina era amigado,  
Ele velho, ela ninfeta.

Aos fundos uma bailanta  
Coberta com Santa Fé,  
Piso de cimento queimado,  
Duas águas - um chalé,  
Gaitero e gaita abraçados  
Animavam o arrasta-pé.

Na beirada da capoeira  
Sempre tinha alvoroços,  
À sombra de laranjeiras  
Reuniam-se velhos e moços,  
Pra bochas e pra carreiras  
E prum desafio no osso.

- Vale jogo! Dizia o coimeiro,  
- Suerte! Um então falava,  
- Agora é de carreteiro!  
- Culo, culo! O outro exclamava.  
E aquele povo trigueiro  
Virava o dia na tava<sup>22</sup>.

Achegou-se neste rincão,  
Tocando grande boiada,  
Pediú água pro Ruivão,  
Cachaça para a peonada  
E um gordo chimarrão,  
Pra tirar a poeira da estrada.

---

<sup>22</sup> osso com o qual se pratica o jogo de osso.

Num cavalo mui fogoso,  
Atravessou a ruela,  
Era um jovem garboso,  
Veio até minha janela,  
Achegou-se respeitoso:  
- Boa tarde, minha donzela!

- Seu pai é o Nico Cabral?  
Olhei firme ressabiada,  
Tinha ele um sorriso jovial.  
- É aquele que vem lá estrada.  
- Peço pasto, água e curral,  
E o afago de guria enamorada.

- Pode trazer a manada,  
Fique à vontade, seu moço.  
- Filha, eu e o camarada  
Vamos pra cancha de osso,  
Quero canha temperada,  
E prepare um bom almoço.



Foram para a cancha,  
De longe eu dava uma olhada,  
Ruivão fazendo canganha<sup>23</sup>,  
Alguém berrando – clavada!  
E a Tina, que era piguancha<sup>24</sup>,  
Rebolqueava pra homarada.

Voltaram alegres, contentes,  
Puseram-se a pinga a tomar,  
O rapaz se chamava Vicente,  
Papai o chamou pra almoçar,  
Retribuiu assim num repente:  
- Me permita levá-la a dançar?

Com meu pai fui ao terreiro,  
O Vicente a nos esperar,  
Violão, gaita, tambor e pandeiro,  
Com o jovem me preendi a conversar,  
Num instante, naquele pardieiro,  
Todo o povo estava a bailar.

---

<sup>23</sup>

trapacha, velhacada principalmente no jogo  
mulher de costumes fáceis, chininha, chinoca.

<sup>24</sup>

Foi num upa e upa e teve,  
Eu vi Tina saracoteando,  
O povo feliz se alegrava,  
E a velha gaita chorando,  
No balcão o galego bispava,  
Juca Colosso e a Tina dançando.

O Ruivão, com a alma ardendo,  
Tirou da cintura a peixeira,  
Foi abrindo cancha, mancando,  
No casal se achegou na cegueira,  
Com voz rouca foi logo falando:  
- Vá pro quarto, putana faceira!

O peão foi quadrando o vulto,  
Na guaiaca<sup>25</sup> ele foi se coçando,  
Não gostando daquele insulto,  
O trinta ele já foi arrumando,  
O Vicente pulou no tumulto  
E falou já com voz de comando.

---

<sup>25</sup> cinto largo de couro, guarnecido de pequenas bolsas, que serve para a guarda de dinheiro, armas etc.

Empurrou o Colosso prum lado  
E o Ruivão ele foi segurando,  
E gritou para seus empregados:  
- Bebam, que hoje tô pagando!  
- Juca! Va lá fora vê o gado!  
Em respeito ele foi se afastando.

O dia começava a clarear,  
E o Vicente gagueja - estribilha:  
- Cabral, hoje eu quero jurar,  
Sob a estrela D'Alva que brilha,  
Com Edilha quero me casar,  
Mui feliz farei tua filha!

Agora, já em meu poente,  
Sabes como tudo começou,  
Que o teu avô, o Vicente,  
Foi tropeiro e aqui se achegou,  
Com papai ele foi convincente  
E pela vida... feliz me levou.



MANGAÇO  
Cancha de Osso II

Vovó fez um cochilo ligeiro  
E logo se pôs a falar,  
Acendeu o pito no braseiro,  
Como se estivesse a pensar,  
Com um sorriso matreiro,  
O caso ela quis continuar.

- Pois não te conto! Aquele moço!  
Quem é ofendido não se esquece,  
Pois o fronteiriço, o Juca Colosso,  
Aquele do baileco da quermesse,  
Nunca engoliu aquele caroço,  
Desaforo a vingança aquece.

Preparava com carinho o almoço,  
Sabes tu da mulher a intuição,  
Da janela vi ao longe o Colosso,  
Tropeando em meio ao poeirão,  
Amarrou o gateado no poço:  
- Se achegue! Tá na mesa o boião.

Juca, um Maragato<sup>26</sup> de valor,  
Lenço vermelho sempre a vista,  
Destrinchado, esperto - peleador,  
Foi nomeado Capitão Federalista,  
Foi herói, lanceiro - degolador,  
Como Gaspar, era parlamentarista<sup>27</sup>.

- Vicente, deseje-me toda a sorte!  
Sigo em frente com minha peonada,  
Meu destino me leva para o norte,  
Catando pasto e noite estrelada,  
Devagarito, faremos o transporte,  
Pra Sorocaba eu toco a boiada.

- Venha comigo, amigo - camarada,  
Matar a saudade do pelego - do arreio,  
Andaremos por trieiros, por estradas,  
Por vargedos, canhadas e rodeios,  
Traga junto a Edilha, tua amada,  
No Cabral ela fará belo passeio.

---

<sup>26</sup> Revolucionário Federalista ou Partido da Revolução Rio-grandense de 1893 / 1923. Seguidores Gaspar Silveira Martins e de Gumerindo Saraiva.

<sup>27</sup> Gaspar da Silveira Martins, Fundador do Partido Federalista no Rio Grande do Sul, que defendia o Parlamentarismo. Na Revolução Federalista, Revolução da Degola, os seguidores de Gaspar, levavam a alcunha de Maragatos.

Cortamos coxilhas e picadas,  
Tangendo por aquele mundo vasto,  
Dormimos em noites enluaradas,  
Em capões, à beira de bom pasto,  
Quero-queros fazendo revoadas,  
E a cerração cobrindo o nosso rastro.

Proseávamos junto ao fogo de chão,  
Eu preparava um arroz de carreteiro,  
Vicente preparava o chimarrão,  
Juca indagou-nos com olhar certo:  
- Por onde anda o traste do Ruivão?  
Aquele verme - Pica-pau<sup>28</sup> e caborteiro<sup>29</sup>!

- O trinta ainda coça em minha costela!  
Tomou um trago e então desabafou:  
- Por tua amizade tive toda a cautela,  
A morte pronta naquela hora se calou,  
Tenho espinhos entalados na goela,  
Naquela noite a vergonha me marcou!

---

<sup>28</sup> Eram chamados os combatentes seguidores de Júlio de Castilhos durante a revolução de 1893 no Rio Grande do Sul se opuseram aos maragatos.

<sup>29</sup> indivíduo velhaco, mentiroso, embusteiro

Amanheceu, no frescor da madrugada,  
Vi o bolicho, a bailanta e o curral,  
A saudade apressou nossa jornada,  
Almoçamos lá no rancho Cabral,  
Sesteamos ouvindo a bicharada  
E a passarada trilando no milharal.

Seguiram para a cancha se toureando,  
Arrastando no capim espora e relho,  
Juca com o mango no pulso balançando,  
Vicente com tirador batendo ao joelho,  
Colosso o parceiro ia puxando,  
No braço, vincha de pano vermelho.

- Traga canha e cerveja bem gelada,  
Para acalmar esta seca ventania,  
Separe fichas para a nossa jogada,  
Enquanto eu treino a minha pontaria!  
O coimeiro<sup>30</sup>, com a cara emburrada,  
Olhou pra eles com certa antipatia.

---

<sup>30</sup> Depositário da coima, no jogo de osso. Coima – Parada no jogo de osso, percentagem que cabe ao proprietário da cancha no jogo de osso.



Tudo ajustado iniciou-se a jogatina,  
Juca lançou o osso do garrão,  
Por uma fresta lhes espiava a Tina,  
De relancina lhes olhava o Ruivão,  
Percebeu a arte da bela china,  
Saiu mancando, procurando o facão.

Pegou o aço e saindo porta afora,  
A todo peito num grito ele exclamou:  
- Juca safado, é chegada a tua hora,  
O coimeiro de pronto o facão achou,  
Vi, vergou o relho rodando a espora,  
Foi um relhaço que até o galo cantou.

O coimeiro tastaveou se apoiando,  
O couro ardeu e o pescoço sangrou,  
Nessa tosa, vi o índio se ajoelhando,  
Foi desbotando e tremendo ali ficou  
O bolicheiro veio firme o chão cavando,  
Juca quadrou e o mango<sup>31</sup> lhe acertou.

---

<sup>31</sup> Relho de cabo curto e grosso, com tala Comprida e larga.

O mango – zunindo e cantando,  
Brilhou dando-lhe bruto mangaço,  
Ele trambalhou e a vista embaçou,  
A bordoadada macetou o seu cachaço,  
Pranchou e a bunda arrebitou,  
Desacorçoou grande foi o seu cagaço.

- Ruivão! Eu não vou te dar arrego!  
Pé no pescoço e o Juca a revelar:  
- Ela dormirá enrolada em meu pelego,  
A tua morena comigo eu vou levar,  
Por ser manco, caolho e até galego,  
Estás com sorte, eu não vou te degolar.

A Tina que a tudo olhava - calada,  
Ouvindo a prosa, se perfilou num upa,  
Mulher livre, amante, apaixonada,  
Foi dando a mão e pulando na garupa,  
Anda por aí, livre, feliz – entusiasmada  
Ela, o Juca, um piazito e a boiada.

# HOMENAGEM

*Origem da Capa*



*Laçador que inspirou a capa deste trabalho*

**Leonardo Gosch,**

*Sobrinho-neto do autor*



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

O autor de *Proseando sobre Pelegos e Mat(e)ando Saudades - Projeto Passo Fundo*, nos brinda agora com uma nova obra:

## *Nas Rodilhas De Meu Laço*

Telmo Gosch, nascido no coração do Boqueirão, portanto, passo-fundense da gema, define-se como um gaúcho “perdido neste mundão de meu Deus”. Lá no cerrado tocantinense, lá onde a arara faz seu ninho, a sucuri domina as veredas e o majestoso cervo corre pelas várzeas tropicais. Terras de imensurável beleza; a magia das águas, das serras e das matas remexe as saudades da Querência, do Pago e, se nas outras obras o inspirou nas poesias, agora lhe encaminha também pelos causos, pelos contos.

Os poemas e contos aqui reunidos chamam, convidam aos conterrâneos e a todos os gaúchos que invadiram e continuam invadindo o Brasil a degustarem *Nas Rodilhas de Meu Laço*. Quem sabe saboreando um amargo, rodeado de filhos, de netos ou então lagarteando sob o sol pálido do outono/inverno, sentindo no ar o perfume de bergamotas.

Estas Rodilhas certamente vão matar as saudades que teimam em invadir a alma gaúcha.

O autor em seus versos peregrina aos costumes da terra gaúcha, ao passado de nosso Rio Grande. Cada verso, cada conto nos remete a nossas tradições, a nossas lendas, com carinho e leveza, mas com a rudeza gaudéria que construiu o pago.



*Olho os tentos viajando  
No reboleio de meu braço,  
Vejo touros se ajoelhando  
Nas rodilhas de meu laço*



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura



Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

